

Iverton Gessé Ribeiro Gonçalves

**PRÁTICAS DISCURSIVAS, MULHERES E
MEMÓRIAS: IDENTIDADE E MANIFESTAÇÕES
CULTURAIS EM NOVA PRATA**

Passo Fundo, outubro de 2015

Iverton Gessé Ribeiro Gonçalves

PRÁTICAS DISCURSIVAS, MULHERES E MEMÓRIAS:
IDENTIDADE E MANIFESTAÇÕES CULTURAIS EM NOVA
PRATA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito para obtenção do grau de mestre em Letras, sob a orientação do Prof. Dr. Ernani Cesar de Freitas.

Passo Fundo

2015

AGRADECIMENTOS

À Deus, pela vida, pelo cuidado paterno diário e pela corresponsabilidade de meus projetos e sonhos.

Ao meu professor-orientador, Dr. Ernani Cesar de Freitas, um agradecimento especial, pela instigante caminhada a mim proporcionada, fazendo-me enxergar para além do meu singelo conhecimento, os ditos e não-ditos em Análise de Discurso. Agradeço pela partilha de saberes, de tempo e de experiência. Pelo apoio incondicional e altíssimo nível de exigência. Agradeço pela amizade, pela disposição em confiar no meu trabalho e pelo compromisso acadêmico em ensinar-me a ser aluno, pesquisador, professor, dando a mim a oportunidade de ser um pouco melhor.

À professora Dra. Cláudia Stumpf Toldo, pelo carinho e acolhida no curso, desde o dia da seleção até o momento, pelo sorriso gratuito, pelo exemplo de humildade e pela contagiante empolgação no fazer acadêmico.

À professora Dra. Marlete Sandra Diedrich, pela disponibilidade e cuidadosa leitura deste trabalho. Pela valiosa contribuição.

À professora Dra. Vera Lúcia Pires, pelo tempo dedicado a este trabalho. Pela relevante sugestão de recorte. Pela leitura carinhosa e atenta.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Letras da UPF – em especial às professoras Dra. Fabiane Verardi Burlamarque, Dra. Luciana Maria Crestani, Dra. Márcia Helena Saldanha Barbosa, Dra. Tania Mariza Kuchenbecker Rösing e Dra. Telisa Furlanetto Graeff – pelas instigantes aulas, pela cobrança e motivação para a pesquisa, pelo carinho e amizade.

À Karine Castoldi, minha amiga, pela acolhida e prestatividade, pela constante lembrança de datas e de obrigações. Pelo chimarrão.

À Fabiani Debortoli Pereira Machado, minha amiga analista de discurso, coirmã de orientação, pela imensurável disponibilidade em rir de minhas piadas, pelo senso de humor, inteligência e criticidade durante o curso.

À Caticiane, Heloisa e Thiane, minhas amigas, pela companhia, pelos ouvidos sempre abertos para minhas queixas, pelas palavras sempre sábias e ternas, pelos conselhos.

Ao Ronaldo José Jappe, meu amigo, pela contribuição para com esse trabalho, pelas gargalhadas e reflexões.

À minha esposa, Évelyn Lages Carrião, pelo companheirismo, compreensão nas horas difíceis, pela compreensão da minha ausência, pela docilidade de sua presença, pelo afeto e amor imensuráveis.

Aos meus pais, Ivanete e Carlos, pelo infalível apoio, pelos livros, pelo perdão diário. Pelo amor. Pela tolerância e zelo para comigo. Pelo embalo materno acalentador nas horas de tormenta e pelo olhar paterno de serenidade e perdão.

Aos meus irmãos Paulo, Márcio, Márcia, Evandro e Ivana, pela amizade, pela compreensão e pela paciência que tiveram para com esse caçula intransigente.

À Fapergs, pela bolsa de estudos a mim concedida.

Ao Museu Municipal Domingos Battistel, em especial à professora Clélia Morales Ghidini, pelo empréstimo de livros, pelo livre acesso aos materiais, pela dedicação à historicidade.

À Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Nova Prata (RS) pelo fornecimento do vídeo documentário Mulheres e Memórias.

Falar, creio eu, tornou-se um ato de desnatura. É colocar culturalmente um distanciamento com relação à natureza.

*Michel De Certeau
A cultura no plural (1995, p. 51).*

RESUMO

A temática desta pesquisa, intitulada *Práticas discursivas, mulheres e memórias: identidade e manifestações culturais em Nova Prata*, é delimitada em analisar as práticas discursivas das mulheres, dentro do sistema de restrições semânticas que regula o discurso da imigração italiana em Nova Prata, em especial, a cenografia e o ethos discursivo que podem ser apreendidos desse discurso. O objetivo que move este estudo é interpretar as cenografias construídas a serviço das manifestações culturais a partir do discurso das mulheres descendentes da imigração italiana, bem como compreender os éthe discursivos resultantes desse movimento enunciativo como constructos de identidade das mulheres na italianidade. As concepções de cultura, sistemas de representações simbólicas e poder simbólico, postuladas por Bosi (1992), Bourdieu (1974, 1989), De Certeau (1994, 1995) e Geertz (2008), e as descrições de identidade, apresentadas nos estudos de Bauman (2005), Canclini (1995), Hall (2006, 2013) e Woodward (2013), compõem o primeiro pilar do marco teórico sobre o qual se desenvolve este estudo. A orientação para o estudo da semântica global e as categorias teóricas de cenografia enunciativa e ethos discursivo, propostas por Maingueneau (1984/2008a, 1987/1997, 2000/2013), constituem-se no segundo pilar que dá sustentação a esta pesquisa. A justificativa deste estudo se dá pela possibilidade de entendermos cultura como uma rede semiótica a serviço de um poder simbólico. A identidade, lugar discursivo fornecido por essa rede semiótica, é vivida somente no discurso. O estudo da semântica global oportuniza-nos interpretar as manifestações culturais e as marcas identitárias por via dos planos do discurso e do enlaçamento enunciativo promovido pela cenografia e pelo ethos discursivo. O *corpus* desta pesquisa é composto por um vídeo documentário produzido pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Nova Prata e intitulado *Mulheres e Memórias*. A pesquisa caracteriza-se, quanto aos objetivos, como exploratório-descritiva; bibliográfica e documental no que se refere aos procedimentos técnicos e classifica-se, por sua abordagem, como qualitativa. O sistema de representações simbólicas que regula o sistema de restrições semânticas deixa transparecer, no discurso das mulheres da imigração italiana, a necessidade de o enunciador legitimar-se mediante o trabalho árduo em prol da comunidade, o matrimônio como profissão de fé e a constituição de família. A cenografia desse discurso busca legitimar-se numa dêixis fundadora que rememora o sofrimento da imigração e engrandece o imigrante na construção de um ethos heroico e fervoroso.

Palavras-chave: Discurso. Manifestações culturais. Identidade. Cenografia. Ethos discursivo.

ABSTRACT

The theme of this research entitled *Discursive Practice, Women and Memory: Identity and Cultural Manifestations in Nova Prata* is bounded to analyze women discursive practice, within the semantics restriction system that regulates the discourse of the Italian immigration in Nova Prata, particularly, the scenography and the discursive ethos that can be both seized from this discourse. The goal this study heads towards is to interpret the scenographies built to serve the cultural expressions on discourse of Italian immigration descendant women, as well as to understand the discursive éthe resulting from this enunciation movement as women identity constructs in Italianity. The conceptions of culture, symbolic representation systems and symbolic power, postulated by Bosi (1992), Bourdieu (1974, 1989), De Certeau (1994, 1995) and Geertz (2008), and the identity descriptions presented in the studies of Bauman (2005), Canclini (1995), Hall (2006, 2013) and Woodward (2013), compound the first foundation of the theoretical framework on which this study is developed. The guidance for the global semantics study and the theoretical categories of the enunciation scenography and discursive ethos, proposed by Maingueneau (1984/2008a, 1987/1997, 2000/2013), build up the second foundation that supports this research. The justification of this study is given by the possibility of understanding culture as a semiotic network working towards a symbolic power. The identity, a discursive place provided by this semiotic network, is only lived through discourse. The study of the global semantics gives us the opportunity to interpret the cultural manifestations and the identity marks by means of the discursive plans and the enunciation entwinement put forward by scenography and by discursive ethos. The *corpus* of this research is composed of a documentary video produced by the Nova Prata's Educational and Cultural City Council and entitled *Mulheres e Memórias (Women and Memory)*. Related to its goals, the research is featured as exploratory-descriptive; bibliographic and documentary regarding to its technical procedures and it is classified as qualitative when related to its approach. The symbolic representation system of semantics restrictions reveals, in the discourse of Italian immigration woman, the need of the enunciator to legitimate herself through the hard work for the community, the matrimony as a profession of faith and the family constitution. The scenography of this discourse tries to legitimate itself in a founder deixis that recalls the immigration suffering and enhances the immigrant in the building of an heroic and zealous ethos.

Keywords: Discourse. Cultural manifestations. Identity. Scenography. Discursive ethos.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1 – Ethos discursivo.....	68
Figura 2 – Dispositivo de análise do <i>corpus</i>	86
Figura 3 – Vídeo documentário: Mulheres e Memórias.....	88
Figura 4 – Costureira.....	89
Figura 5 – Extratora de basalto.....	96
Figura 6 – Estilista e cabeleireira.....	103
Figura 7 – Cenário rural.....	107
Figura 8 – Paiol.....	108
Figura 9 – Agricultora.....	109
Figura 10 – Escola rural.....	116
Figura 11 – Professora.....	117
Figura 12 – Doceira.....	124

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Planos constitutivos do discurso.....	51
Quadro 2 – Entrevista 1.....	88
Quadro 3 – Entrevista 2.....	95
Quadro 4 – Entrevista 3.....	102
Quadro 5 – Entrevista 4.....	107
Quadro 6 – Entrevista 5.....	114
Quadro 7 – Entrevista 6.....	123
Quadro 8 – Planos do discurso das mulheres da imigração italiana em Nova Prata.....	132
Quadro 9 – Síntese da cenografia e do ethos em Mulheres e Memórias.....	133

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Descendentes de imigrantes.....	77
--	----

SUMÁRIO

ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO. INTRODUÇÃO	11
2 CULTURA E IDENTIDADE: ARSENAIS DA MANEIRA DE SER	17
2.1 CULTURA E MATERIAL SIMBÓLICO: DO MACHADO RUDIMENTAR ATÉ...?.....	21
2.2 IDENTIDADE E DIFERENÇA: EU SOU, TU ÉS, ELE É, NÓS SÓ SOMOS PORQUE ELES NÃO SÃO.....	31
3 A IDENTIDADE DISCURSIVA NO INTERDISCURSO: SEMÂNTICA GLOBAL.....	41
3.1 A SEMÂNTICA GLOBAL E OS PLANOS CONSTITUTIVOS DO DISCURSO.....	49
3.2 CENOGRAFIA: DO CENÁRIO À LEGITIMAÇÃO DA ENUNCIÇÃO.....	62
3.3 ETHOS DISCURSIVO: NO FIO DISCURSIVO, O FIADOR.....	65
4 METODOLOGIA E ANÁLISE.....	70
4.1 ‘MÉRICA! MÉRICA’: SÍNTESE HISTÓRICA DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NA SERRA GAÚCHA.....	71
4.2 CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	79
4.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	82
4.4 ANÁLISE: A ITALIANIDADE LEGITIMADA NO DISCURSO DA IMIGRAÇÃO.....	87
4.4.1 MULHERES E MEMÓRIAS.....	87
4.5 IMAGEM DE SI E IDENTIDADE: A ITALIANIDADE MOSTRADA PELA SEMÂNTICA GLOBAL.....	131
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	138
REFERÊNCIAS	143
ANEXOS.....	148

1 INTRODUÇÃO

A atividade humana há muito nos define. As práticas que realizamos, tanto movidas por necessidades vitais como incentivadas por desejos supérfluos, vão, pouco a pouco, compondo nossa identidade. Desde os primeiros registros de vida humana até a atualidade o homem se descreve a partir do que faz. O fazer é intrínseco à existência. As mais mecânicas funções biológicas, como nascer, comer, pensar não são tão mecânicas assim, pois é a partir dessas atividades tidas como automáticas que vão sendo circunscritos nossos traços identitários. A forma como nascemos, o local do nosso nascimento, a maneira como nos alimentamos, os elementos que elegemos como dignos de compor a nossa dieta, a forma como nos relacionamos e como compreendemos o outro, a noção que temos de nossa existência, são pequeninas pérolas do grande colar que compõe a nossa identidade. Mas como nos definirmos em meio a tantos modos distintos de operar sobre o espaço? Como identificarmo-nos quando nos vemos como uma miscigenação de inúmeros modos de viver?

Minha identidade¹, definida a partir das atividades que tenho exercido, tem sido um grande concurso de perguntas e respostas. Quando me perguntavam, há algum tempo, qual era a minha profissão, eu não tinha dúvidas quanto às atividades que exercia, mas filtrava com todo o cuidado o que seria uma possível resposta sem grandes assombros. Professor, sou professor! Professor? E a entonação que se carregava nessa enunciação me possibilitava inúmeras interpretações. Nossa, professor sofre, né! Mas tu gostas? Meu Deus, tão novo e já professor! Os assombros aumentavam se meu interlocutor ousasse fazer a tradicional pergunta: “Professor de quê?” Se definir-se como professor sem atender as expectativas socioculturais estereotipadas já é uma tarefa complicada, descrever a escolha profissional pelo caminho das Letras é algo mais complexo ainda. Mas tu gostas de português? Professor de português? Ah! Então eu preciso falar tudo correto perto de ti! Dentre tantas tentativas embaraçosas para afirmar-me enquanto profissional, vivi situações cômicas, confusas e até constrangedoras. As perguntas e comentários dos quais eu fora alvo fizeram com que minha identidade se deslizesse cada vez mais. Sentia-me realizado pelas escolhas que fiz, mas não sabia como vestir essas escolhas com uma roupagem que caísse no gosto da sociedade.

¹ Sempre que o registro textual se der na primeira pessoa do singular é porque o excerto em questão faz referência direta às vivências pessoais do acadêmico. O registro gramatical na primeira pessoa do plural caracteriza-se como um “eu” expandido que inclui acadêmico e orientador e, por vezes, serve como uma denominação genérica referente a todos indivíduos antropologicamente situáveis.

Na busca por uma identidade escolhi consultar quem, acreditava eu, poderia me oferecer respostas. Inscrevi-me para o Mestrado em Letras e fui, pelo caminho da análise do discurso, estudar a identidade. Este trabalho deveria servir de “caminhos das pedras” para que eu conseguisse definir minha identidade diante da cultura na qual me vejo inserido. Devo dizer que sou um forasteiro em meio à imigração italiana em Nova Prata (RS). Não sou de Nova Prata, não sou de descendência italiana. Esses pequenos adendos somam-se como grandes distorções na identidade construída pela italianidade em Nova Prata. Propus-me, então, a estudar as manifestações culturais e a identidade nas práticas discursivas da imigração italiana em Nova Prata para entender de que forma operava essa comunidade, qual era a identidade validada para fazer parte desse grupo e como essa identidade era estampada nas manifestações culturais. O principal caminho que vi aberto para ter acesso ao material capaz de sanar essas indagações foi o discurso. Reitero que o Mestrado era onde, esperava eu, poderia encontrar algumas respostas, mas tive minha primeira expectativa frustrada, uma vez que, ao invés de obter respostas, fui lançado num universo de mais e mais perguntas. As respostas que eu tinha foram desovadas para que dessem lugar a novos questionamentos. E é sobre alguns desses questionamentos que se funda esta pesquisa. Falemos, portanto, a partir de agora, não mais de mim, mas do trabalho resultante das minhas inquietações.

A temática em torno da qual se desenvolve esta pesquisa compreende a mulher, as manifestações culturais e a identidade a partir da cenografia e do ethos discursivo na prática discursiva da imigração italiana em Nova Prata. Além das motivações pessoais, a realização desta pesquisa se justifica pelo interesse em contribuir para com os estudos de análise do discurso, de vertente francesa, especialmente no que se refere ao quadro teórico-metodológico de Maingueneau através da semântica global, da cenografia e do ethos discursivo. Nossa contribuição se estende também para os estudos culturais relacionados à imigração italiana em Nova Prata e região, na análise da identidade simbólica, psíquica e social que se dá por meio dos sistemas de representações simbólicas e sob o operar do poder simbólico. De acordo com o banco de teses da Capes (2015), nenhum estudo sob a perspectiva enunciativo-discursiva, nem sob a visada antropológico-cultural da imigração italiana em Nova Prata se desenvolveu até o momento. Dada essa realidade, compreendemos a realização desta escrita acadêmica como uma oportunidade de registrar as peculiaridades tanto culturais e identitárias quanto discursivas que permeiam a figura da mulher na imigração italiana na região de Nova Prata, no intuito de contribuir com uma interpretação discursiva da identidade e das manifestações culturais.

Ainda discorrendo sobre as contribuições deste estudo, compreendemos que as diferenças identitárias e culturais são perceptíveis pelo fato de os significados serem múltiplos. No entanto, o que se percebe é que muitos significados, como veremos mais adiante, são tomados como normas e as identidades sofrem uma tentativa de homogeneização cultural de acordo com o sistema simbólico dominante. A contribuição social desta pesquisa está pautada no debate sobre as características identitárias apenas como diferenças constitutivas da identidade e não como fatores de desigualdade social. A diferença tomada como desigualdade se funda, principalmente, em afirmações essencialistas da identidade e explicações biológicas que sustentam a segregação dos indivíduos em raças. É na intensão de desmistificar esses fatores que pensamos contribuir para com os estudos culturais, promovendo a interface teórica entre a visada antropológica e a perspectiva discursiva de cultura e identidade.

Este trabalho se inscreve na linha de pesquisa *Constituição e Interpretação do Texto e do Discurso*, do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. Investigar as manifestações culturais e a identidade a partir do discurso das mulheres reforça a premissa de que tanto os sistemas culturais quanto as identidades por eles construídas só podem ser tangíveis se puderem se concretizar em sistemas de representações simbólicas. Isso significa que a língua, em âmbito discursivo, não pode ser acessada como um constructo de significados engessados, pois ela é o principal mecanismo por meio do qual o sistema de representações manifesta seus significados. O significado é dado pela cultura e se revela por meio do discurso que a representa.

Além de investigar os desdobramentos culturais na prática discursiva, esta pesquisa exige que demos atenção aos fatores proeminentes da interação social. Primeiro porque a identidade, conforme Hall (2013) e outros estudiosos, precisa estar em contato com o outro para ser constituída, a identidade precisa da diferença para que possua traços de identitariedade. Segundo, porque as relações sociais, sob efeitos do poder simbólico, são moldadas a partir das concordâncias de subjetividades. Na análise das práticas discursivas das mulheres em Nova Prata, a diferença que serve de referência para a identidade é abordada pela identidade da formação discursiva da imigração italiana e a maneira como ela se relaciona com as demais formações do mesmo campo discursivo. Além disso, o sistema de restrições semânticas da italianidade, gerado no interdiscurso, executa uma releitura do outro para abordá-lo em seu próprio sistema. Essa releitura deixa transparecer um ethos discursivo que tem a missão de remodelar o outro, conquistar a adesão do outro em seu sistema de restrições e conjuntamente em seu sistema de representações simbólicas. A incorporação do

enunciador no discurso da imigração italiana e a adesão dos coenunciadores ao mesmo discurso é o indicativo de que o exercício do poder simbólico foi bem sucedido. O resultado desse sucesso nada mais é que a própria noção de comunidade descendente da italianidade. A concordância de subjetividades ocorre por todos partilharem de um fiador comum desse discurso.

Por se tratar de um estudo sobre o discurso de um grupo imigrante, essa pesquisa encontra solo fértil na constituição do quadro étnico brasileiro, considerando que o povoamento do país é fortemente marcado pela presença de grupos imigratórios de diferentes regiões do planeta (africanos, alemães, espanhóis, italianos, japoneses, judeus, sírio-libaneses, ucranianos entre outros). Olharmos para a cultura de cada grupo imigrante, por vias do discurso, no intuito, não de modificá-la, mas de compreendê-la em sua maneira de utilizar o espaço, é a proposta inovadora dessa pesquisa. O dispositivo teórico-metodológico construído pelo analista a partir das hipóteses e orientações de Maingueneau (2008a) comprova o caráter inovador deste trabalho, uma vez que todo o dispositivo precisa ser elaborado de modo a considerar o objeto de pesquisa e o recorte realizado sobre esse objeto.

Destacamos que o estudo das manifestações culturais, por via da cenografia, da identidade e do ethos discursivo, debruçado sobre as práticas discursivas em Nova Prata, exigiu, por sua amplitude, que se procedesse a um recorte. Primeiramente, nos restringimos a estudar os aspectos concernentes ao sistema cultural e a identidade da imigração italiana em Nova Prata. Por ainda estarmos diante de um objeto de grande volume de materialidade, um novo recorte se fez necessário. Portanto, este trabalho dá ênfase na análise da cenografia e do ethos discursivo a partir das práticas culturais e dos traços que compõem a identidade das mulheres no discurso da imigração italiana. Além de procedermos a um recorte quanto ao gênero social, também delimitamos o fator geração. O foco da nossa escrita-analítica se dá sobre as mulheres idosas por entendermos a necessidade de abordar a memória cultural por via do discurso das mulheres que já viveram consideravelmente dentro desse contexto.

Este estudo busca responder a seguinte problematização: a cenografia e o ethos discursivo, constituídos no discurso das mulheres da imigração italiana em Nova Prata, revelam as manifestações culturais e a identidade dessa comunidade discursiva? Buscamos responder a esse questionamento com base nas seguintes hipóteses a serem infirmadas ao longo da pesquisa:

a) o estudo da cenografia e do ethos permite vislumbrar as interferências da cultura da colonização italiana em Nova Prata, no sistema de restrições semânticas, bem como identificar a materialização das manifestações culturais no discurso dessa comunidade;

b) o quadro teórico-metodológico, com base em Maingueneau (2008a, 2008b, 2008c), que fundamenta esta pesquisa, possibilita estudar as marcas identitárias e as manifestações culturais por via do discurso;

c) as práticas discursivas das mulheres da imigração italiana em Nova Prata apresentam cenografias específicas dessa comunidade discursiva e instauram um ethos que é legitimado pela temporalidade da colonização nessa região.

O objetivo geral intencionado por este estudo é analisar as práticas discursivas das mulheres da imigração italiana em Nova Prata e região, buscando compreender as manifestações culturais como elemento da cenografia enunciativa e a construção da identidade como imagem de si, através do ethos discursivo. O objetivo geral se desdobra nos seguintes objetivos específicos:

a) verificar as práticas discursivas que se constroem a serviço das manifestações culturais vinculadas ao espaço discursivo da imigração italiana e à figura da mulher;

b) mapear a construção das cenografias enunciativas que simbolizam no discurso as manifestações culturais da comunidade discursiva de Nova Prata;

c) averiguar os enunciados que caracterizam traços identitários na constituição do ethos discursivo das mulheres na italianidade.

Definimos o marco teórico a partir dos estudos sobre a cultura, manifestações culturais e representações simbólicas tomando por base Bosi (1992), Bourdieu (1974, 1989), Burke (1992, 2008), De Certeau (1994, 1995), Geertz (2008), Hirschkop (2010), Laraia (2006) e Levi (1992). Para discorrermos sobre identidade, a base teórica é guiada pelos estudos de Bauman (2005), Canclini (1995), Hall (2006, 2013), Lacapra (2010), Silva (2013), Woodward (2013). O dispositivo teórico-metodológico é composto por categorias teóricas propostas por Maingueneau (1984/2008a, 1987/1997, 2000/2013) e conta com a contribuição de alguns estudiosos da abordagem enunciativo-discursiva de Maingueneau: Amossy (2008a, 2008b), Brunelli (2008), Facin (2012), Freitas (2010, 2011) e Possenti (2008).

Quanto aos objetivos, a pesquisa é classificada como exploratório-descritiva. Os procedimentos técnicos são de ordem bibliográfica e documental. Quanto à abordagem, este estudo se classifica como qualitativo. A seção metodológica apresenta em detalhes os desdobramentos da semântica global em seus planos constitutivos relacionados às manifestações culturais e à identidade, com vistas a obter resultados sobre a cenografia e o ethos discursivo. Ao final da mesma seção, consta o percurso metodológico materializado na forma de esquema ilustrativo no intuito de esclarecer as relações entre as categorias teóricas principais desta pesquisa.

A estrutura da dissertação é composta por três capítulos. O primeiro capítulo trata das concepções de cultura e identidade, cujas seções expõem sobre: a cultura e a linguagem mantêm um laço vital, se considerada a cultura como uma rede semiótica responsável por estruturar o comportamento humano e se apreendida a linguagem como o despertar da consciência para a interação social. Cingir essas duas facetas que norteiam a vida do homem (cultura e linguagem) significa aceitar a premissa de que fora dessa realidade não se tem acesso ao indivíduo humano. A condição de interação social faz saltar aos olhos a diferença, tema da segunda seção. A presença do “outro” pode representar um risco, por suas diferenças, mas é necessária para que o “eu” constitua sua identidade. O masculino, por exemplo, só é identificado como tal na presença do feminino. Num grupo em que, hipoteticamente, os indivíduos comportam, única e exclusivamente, as características de um mesmo gênero, falar em diferença de gênero é algo desnecessário e até ilógico².

O segundo capítulo expõe primeiramente sobre as concepções de discurso e análise de discurso na esteira teórica de Dominique Maingueneau. Ainda são dedicados alguns parágrafos para a fixidez de conceitos caros à nossa pesquisa, são eles: formação discursiva, superfície discursiva, interdiscurso, heterogeneidade mostrada e constituída. Na sequência, discorreremos sobre a semântica global e os planos constitutivos do discurso. Arelados a esses planos, trazemos as concepções de cenografia e de ethos discursivo, justificando a pertinência de cada um desses conceitos em relação à prática discursiva das mulheres da imigração italiana em Nova Prata.

O terceiro capítulo se inicia com a exposição de um breve histórico da imigração italiana no Rio Grande do Sul, em especial, na região de Nova Prata. Figuram também alguns dados relacionados à presença do imigrante italiano nesse território e seu envolvimento na concatenação do município. Após algumas linhas que descrevem o *corpus* desta pesquisa, constam os procedimentos metodológicos e a construção do dispositivo de análise. Nessa seção propomos a aproximação das concepções de cultura e de identidade, discutidas no primeiro capítulo, ao quadro teórico-metodológico postulado por Maingueneau, bem como às categorias teóricas de cenografia e de ethos discursivo. Finalizamos o terceiro capítulo com a análise do *corpus* proveniente da prática discursiva das mulheres da imigração italiana em Nova Prata.

² Seria ilógico se, numa realidade hipoteticamente composta apenas por mulheres, alguém afirmasse: “eu sou mulher”. Todas, nessa realidade, seriam mulheres, tornando desnecessária a identificação quanto ao gênero social.

2 CULTURA E IDENTIDADE: ARSENAIS DA MANEIRA DE SER

Este capítulo realiza um percurso teórico sobre as principais concepções de cultura e de identidade difundidas nas ciências humanas. Em muitas instâncias dos estudos culturais, para não dizer em todas, os estudos sobre a linguagem têm marcado presença, seja com contribuições teóricas, seja como instrumentos para apreensão do dado cultural e até mesmo com fundamentação de conceitos necessários para ambas as áreas. Essa reciprocidade científica nos faz acreditar na viabilidade de fundirmos nosso estudo sobre o discurso e as manifestações culturais em Nova Prata entre esses dois campos: Língua e Cultura. Dessa forma, cremos poder acessar os fatores culturais e identitários implicados no discurso das mulheres em Nova Prata e região, bem como entender de que forma esse discurso é moldado e restringido para garantir uma identidade associada à imigração italiana. Para nós, o discurso é o espelho no qual se tem acesso ao reflexo da cultura. Sem discurso a cultura se vê impossibilitada de manifestar-se, assim como a ausência dos significados fornecidos pela cultura fazem do discurso um emaranhado vazio de sentido.

Os estudos culturais têm se desenvolvido muito recentemente em relação a outras disciplinas. Os primeiros movimentos investigativos de caráter científico nessa área começam a ocorrer por volta de 1950, na Inglaterra, através de Edward Thompson, Raymond Williams, Richard Hoggart e, posteriormente, Stuart Hall. (CEVASCO, 2008). Já os estudos sobre a linguagem podem ser considerados como a irmã mais velha da prática voltada aos estudos culturais. Um dos pontos fundamentais dos estudos sobre a linguagem ocorre na primeira década do século XX. Sem prever estar fundando uma das disciplinas mais relevantes da área da linguagem, Ferdinand de Saussure expõe suas descobertas e formulações teóricas sobre o funcionamento da língua e da linguagem em alguns cursos que realiza nos anos de 1907, 1908, 1909, 1910 e 1911. Após sua morte, em 1913, seus ensinamentos são reunidos por alguns de seus discípulos e publicados sob a forma de obra, intitulada *Curso de Linguística Geral*, em 1916. (DEPECKER, 2012). O livro que Saussure não escreveu, mas que leva seu nome pelo mérito das descobertas, fundaria os estudos linguísticos como uma ciência na área da linguagem.

Assim, elencamos os termos cultura e identidade como balizadores para o desenvolvimento desse capítulo e, somados às categorias teóricas de cenografia e ethos discursivo, respaldam toda a pesquisa sobre identidade e manifestações culturais nas práticas discursivas das mulheres em Nova Prata. Há que se considerar que os conceitos de identidade e cultura têm sido enfurecidamente atravessados por inúmeras vezes, discutidos pelas mais

distintas vertentes, dissecados pelos mais inusitados estudos. Cabe ao pesquisador posicionar-se mediante essa gama de concepções.

Sabemos que a abordagem cultural convoca para dentro do debate inúmeras disciplinas, inúmeros outros discursos. Ao falarmos em cultura, de imediato, acionamos discussões sociais, políticas, étnicas, ideológicas, biológicas, psicanalíticas entre outras. Quanto a essa diversidade de noções conceituais, De Certeau (1995, p. 193) atesta que “toda exposição relativa aos problemas culturais caminha sobre o solo de palavras instáveis. É impossível fixar uma definição conceitual nesses termos: seus significados estão ligados a funcionamento de ideologias e sistemas díspares”.

A cultura, do ponto de vista semiótico, é a soma dos significados que embasam a mente humana (GEERTZ, 2008), portanto, não se pode abordar a natureza humana fora da cultura. Essas postulações de Geertz (2008) encontram sua ligação com a linguagem em Bakhtin (2009a), pois “somente quando mergulham na corrente da comunicação verbal é que os indivíduos despertam sua consciência”. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009b, p. 111). Há um encontro tríplice de: a) condição de humanidade (mais adiante abordaremos essa instância do ponto de vista da identidade); b) linguagem; c) cultura. A consciência desperta para a cultura por intermédio da linguagem. A linguagem propicia que o indivíduo se situe culturalmente a partir do signo ideológico³ que estrutura seu psiquismo.

Ora, se a consciência é fornecida por fatores sociais e, visto que esses fatores são múltiplos, múltiplas também serão as formações da consciência, as formas de agir e operar e, conseqüentemente, a cultura. A pluralidade cultural, ou multiculturalidade, é possível pelo caráter heteroglóssico⁴ do signo que, além de refletir um sentido, refrata inúmeros outros. O signo dotado de índices de valor estará a serviço do sentido pretendido pelo locutor, mas poderá ser deslocado pela atitude responsiva do interlocutor. Assim sendo, o signo torna-se uma arena para a luta de classes. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009b). De acordo com Bakhtin/Volochínov (2009a, p. 40), “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios”. Em conformidade com essa discussão, Laraia (2006) propõe, a fim de estabelecer o elo linguagem-cultura-identidade, a experiência de acompanhamento de uma criança humana e uma criança chimpanzé.

³ O signo, de acordo com Bakhtin, é ideológico porque a língua é preña de ideologia.

⁴ A concepção de heteroglossia aqui se fundamenta na proposição bakhtiniana (2011) que compreende o ato de comunicação como um posicionamento ao já dito e orientado para uma resposta, visto que todo dizer é imbricado em uma discussão cultural em grande escala.

Segundo o autor, o primeiro ano de vida apresentará basicamente os mesmos aprendizados. No entanto, a aquisição da linguagem por parte da criança humana resultará num distanciamento imensurável em relação à criança chimpanzé. “Através da comunicação oral a criança vai recebendo informações sobre todo o conhecimento acumulado pela cultura em que vive”. (LARAIA, 2006, p. 52). As observações realizadas pelo indivíduo chimpanzé morrem com ele uma vez que não dispõe de um sistema de comunicação que lhe oportunize compartilhar seu aprendizado. O processo não pode ser similar com o indivíduo humano, pois, pela faculdade de linguagem, lhe é possibilitado o ato de transmitir toda a sua experiência aos demais, resultando num interminável processo de acumulação. Dessa forma, a comunicação se inscreve como um processo simbólico cultural.

O universo das relações sociais sobre o qual se debruça o estudo do discurso das mulheres, da identidade e das manifestações culturais em Nova Prata parte do entendimento sobre o funcionamento da sociedade integralmente possibilitado por (e subordinado a) práticas simbólicas, conforme nos aponta Bourdieu (1989). A partir dos sistemas simbólicos os indivíduos são levados a posicionar-se quanto à operação e interpretação dessa economia simbólica. Esse posicionamento é característico de cultura, ou como nos aponta De Certeau (1995), as maneiras de utilizar o espaço constitui a cultura. Esse entendimento entra em harmonia com a descrição das palavras *cultura*, *culto* e *colonização* realizada por Bosi (1992). Segundo o autor, a raiz latina *colo* encaminha para o significado de *eu moro*, *eu ocupo a terra*. Michel de Certeau (1995) aprofunda mais essa afirmação quando diz que a ação de compreender o ambiente implica na vontade de mudá-lo. Essa vontade de mudança caracteriza-se como uma produção social que, conseqüentemente, é a condição de uma produção cultural. O sistema verbal do presente no qual se desdobrava a ação *colo*, conforme Bosi (1992), expressa incompletude, transitividade. *Colonia*, palavra derivada de *colo*, sugere um espaço que está sendo ocupado e, por conseguinte, *colonus* denota, em sentido estrito, aquele que cultiva uma propriedade rural. (BOSI, 1992).

Enquanto De Certeau (1995) afirma que, no que concerne à cultura, a ação empreendida para transformar uma situação é a própria possibilidade de exprimir o sentido dessa situação, Laraia (2006) retoma a clássica definição de Levi-Strauss⁵ que entende cultura como toda e qualquer alteração no dado natural. Vemos que o fenômeno de alteração no dado

⁵ Claude Lévi-Strauss, antropólogo de grande influência no século XX, nasceu em Bruxelas (1908). Na tentativa de dar à antropologia o estatuto de ciência rigorosa funda, através de seus estudos, a antropologia estrutural. Lévi-Strauss entende cultura como um sistema simbólico, criação cumulativa da mente humana. A identidade, resultado do sistema cultural, é dinâmica, não pode ser caracterizada como hermética e imutável, pois se define na relação eu-outro.

natural, ou ação transformadora, nos possibilita uma oposição binária em relação à cultura que, portanto, não pode ser abordada a partir de uma perspectiva essencialista nem sob pressões de determinismos biológicos ou geográficos, mas sob o ponto de vista de um sistema de representações simbólicas fundado nas práticas sociais de significação. (WOODWARD, 2013). Assim, de acordo com as maneiras que cada grupo de indivíduos utiliza o espaço, a gênese cultural desse grupo ora fornece, ora impõe elementos simbólicos para a construção da identidade de seus agentes, posicionando-os em lugares de identificação produzidos por esse sistema de representações. Ora, se a maneira de utilizar o espaço e o acervo de bens simbólicos estão fundados na concepção de cultura, isso descarta a ideia de que cultura constitui-se em uma essência anterior ao grupo, gerada no âmago de cada ser. Portanto, cultura não pode ser apreendida sob a perspectiva essencialista.

A concepção não-essencialista de cultura inscreve na mesma esteira as discussões sobre identidade. Desvincilhando a identidade de qualquer credo naturalista, que concebe a identidade como um todo unificado e estável, podemos compreender as idiossincrasias que perpassam esse conceito. Hall (2006), embasando-se no jogo da *différance* de Derrida⁶, entende que a composição identitária não se dá apenas pela via das afirmações positivas do “eu”, mas na confrontação do “eu” com o “outro”. A identidade do sujeito não se expõe integralmente apenas pelo que representa ser, mas é apreendida e completada pelo que ele não é. Tal como cultura, a identidade se germina nas oposições binárias⁷ em que a identificação só é possível a partir do não-eu. Nesse particular, percebe-se a concepção de identidade pela diferença como fruto dos pressupostos linguísticos formulados por Saussure. O linguísta genebrino postula que os signos necessitam, quanto à sua caracterização, de uma relação com outros signos, visto que cada signo só é definido a partir do que os outros signos deixam de ser. (SAUSSURE, 2006). O “ser” e o “não-ser” do signo é o que permite o processo de seleção e de combinação, mais tarde circunscritas nos eixos paradigmáticos e sintagmáticos por Benveniste (1995), e são identificados como elementos fundamentais para a construção de sentido. Hall (2013) customiza o debate linguístico à visão antropológica de identidade e cultura, afirmando que as identidades são construídas no interior dos discursos e que é por intermédio das práticas discursivas que se pode identificar os locais históricos e as instituições específicas onde essas identidades foram fecundadas.

⁶ Jacques Derrida, filósofo franco-argelino (1930-2004), funda a ideia de jogo nas relações de significação e de construção de sentido, desbancando a tradicional crença de um significado transcendental.

⁷ Evidenciamos que o uso da expressão “oposições binárias”, neste estudo, não pretende se aproximar de uma abordagem essencialista dentro das teorias culturais. Pelo contrário, nossa compreensão de cultura e identidade foge das oposições “naturais”.

Os conflitos ocorridos nos Bálcãs exemplificam de forma eficiente a incansável luta pela construção da identidade, conforme nos expõe Woodward (2013). A autora faz menção a uma história que se passa com um radialista, Michael Ignatieff, no contexto bélico que emoldurava a antiga Iugoslávia. Ignatieff, em um posto da milícia sérvia local, questiona a motivação da guerra. Segundo ele, os combatentes estudaram na mesma escola, trabalharam na mesma oficina, namoraram as mesmas garotas. Agora guerreiam na defesa de uma nacionalidade, sérvia ou croata. Woodward (2013), embasada nos estudos de Hall, explicita que a identidade depende, para existir, de algo fora dela: a diferença.

Logo, a diferença fornece uma identidade ao outro ao mesmo tempo em que distingue os indivíduos pelo que são e pelo que não são. Essa diferença se dá pela exclusão: ser sérvio é não ser croata. No entanto, a disjunção entre as unidades nacionais é problematizada pelo cotidiano. O cotidiano cria uma similaridade em que os aspectos de diferença são confundidos. Para a resolução dessa problemática e a sustentação da diferença como forma de manutenção da identidade, aqui fortemente invocada como identidade cultural, a autora afirma que a identidade se dará por símbolos, isto é, significantes de identidade e de diferença. Veremos, na seção seguinte, de que forma esse material simbólico está atrelado à cultura e às manifestações culturais.

2.1 CULTURA E MATERIAL SIMBÓLICO: DO MACHADO RUDIMENTAR ATÉ...?

Iniciamos essa seção apresentando a clássica definição desenvolvida por Edward Tylor⁸ em que concebe cultura em sua amplitude etnográfica, como sendo um “todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, artes, moral, leis, costumes ou quaisquer outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”. (LARAIA, 2006, p. 25). Não podemos contestar a veracidade desse postulado, mas, tal como nos orienta Stuart Hall (2013) e Clifford Geertz (2008), é preciso ir além, deixar a superficialidade e mergulharmos profundamente na forma como se constitui esse “todo complexo” tyloriano, empreendendo uma busca não pela fonte da água da vida, mas pela fonte que dá à vida esse movimento chamado cultura.

⁸ Edward Burnett Tylor (1832-1917) antropólogo britânico, filiado à escola antropológica do evolucionismo social, desenvolveu o conceito moderno de cultura. Para ele, a cultura humana é única, uma vez que diferentes povos enfrentariam as mesmas convergências de suas práticas culturais ao longo do desenvolvimento cultural.

Conforme Geertz (2008) apresenta, Kluckhohn⁹ conseguiu reunir em um capítulo de vinte e sete páginas cerca de onze definições de cultura contendo como descrição desde “um mecanismo para a regulamentação normativa do comportamento” até “um precipitado da história”. (GEERTZ, 2008, p. 4). Todas as definições parecem estar interligadas, mas que, isoladas, nenhuma daria conta de pautar com cientificidade as implicações desse termo. Propondo-se a seguir por um caminho do qual pudesse avistar com amplitude o todo cultural, Geertz (2008) inscreve seu conceito de cultura como sendo essencialmente semiótico. “Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise”. (GEERTZ, 2008, p. 4). Dessa forma, os estudos culturais não podem ser investidos na busca de leis posto que a análise cultural não é uma ciência experimental. Como ciência interpretativa, ela está à procura do significado.

[...] o conceito de cultura ao qual eu me atenho não possui referentes múltiplos nem qualquer ambiguidade fora do comum, segundo me parece: ele denota um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida. (GEERTZ, 2008, p. 60).

Aqui reside uma discordância da qual Geertz (2008) nos alerta sobre o pensamento tyloriano. Segundo Laraia (2006), Tylor pretendia dissecar o fenômeno cultural como um objeto de um estudo sistemático, mapeando causas e regularidades a fim de estabelecer leis sobre o processo cultural e sobre a própria evolução. A simples figura metafórica da qual Geertz (2008) se usa para descrever cultura como uma teia de significados já denota seu posicionamento contrário ao intuito de Tylor.

Discorrendo sobre o significado, Geertz (2008) afirma que a cultura, como modo de atuação, é pública isso porque o significado o é. Bourdieu (1989), em seus arazoamentos sobre o poder simbólico, admite que esse poder é socialmente invisível e que necessita da cumplicidade dos que lhe estão sujeitos para que seja exercido. Tanto Geertz (2008) quanto Bourdieu (1989) concordam com a necessidade de consenso para que a significação tenha poder de construção da realidade, isto é, a concordância entre as subjetividades é o que garante a objetividade do sentido criado para o mundo.

Bourdieu (1989) delimita o poder simbólico em duas estruturas interdependentes: as estruturantes e as estruturadas. Segundo o autor, as estruturas estruturantes são compostas por

⁹ Clyde Kluckhohn, antropólogo americano e teórico social, contribuiu para o desenvolvimento da teoria da cultura no âmbito da antropologia americana através do estudo etnográfico que realizou entre os Navajo.

universos simbólicos distintos, mitos, crenças, língua, artes, ciência e que estão a serviço da construção do material simbólico (instrumentos de conhecimento). Como estrutura estruturada, Bourdieu (1989) dá o exemplo de língua a partir da concepção de Saussure em que esse sistema estruturado serve para explicar o elo som-sentido (meios de comunicação). A interdependência das duas estruturas está no fato de os sistemas simbólicos se caracterizarem como instrumentos de comunicação e conhecimento e se fundarem como estruturas estruturadas para exercerem seu poder estruturante. Cabe, nesse mesmo viés, registrar as descrições que De Certeau (1995) faz sobre os inúmeros entendimentos que se tem sobre cultura. Uma dessas definições é encontrada na constituição das estruturas estruturadas: “sistema de comunicação, concebido segundo os modelos elaborados pelas teorias da linguagem verbal. Enfatizam-se sobretudo as regras que organizam entre si os significados ou, em uma problemática próxima, a mídia”. (DE CERTEAU, 1995, p. 194).

O poder simbólico, de acordo com Bourdieu (1989), é o que o dá o sentido imediato para o mundo. Podemos destacar essa mesma visão no que Geertz (2008) entende por mecanismos de controle. Tudo que é usado para impor significado às nossas experiências tende a exercer um controle social. Esses símbolos nos são dados, encontramos-os em uso corrente na comunidade quando nascemos e mesmo depois de morrermos eles continuarão em circulação, com algumas alterações das quais podemos ou não ter participado. Enquanto estamos vivos, usamo-los com facilidade e quase que inconscientemente; alguns desses símbolos parecem estranhos às nossas experiências e inspiram cuidados quanto ao seu uso; outros, pela familiaridade, são usados espontaneamente, ou, como afirma Bourdieu (1989), estamos sujeito a um poder simbólico e não queremos sabê-lo.

Essas implicações, próprias do símbolo, nas práticas discursivas em Nova Prata, palco de nossa análise, nos fazem acreditar que é possível a identificação do controle social sugerido por Geertz (2008). O manuseio do material simbólico que caracteriza a cultura pratense ocorre de forma espontânea, arbitrária sem, no entanto, deixar de filtrar os símbolos que causam estranhamento ou que colocam em crise a identidade local.

Woodward (2013) entra em sintonia com essa abordagem ao considerar que os sistemas simbólicos produzem significados que dão sentido ao nosso empirismo e ao que somos. Ainda mais intensa é a ligação que se estabelece entre Bourdieu e Geertz a partir da leitura que Burke (1992) e Levi (1992) realizam. Segundo Burke (1992), há no pensamento de Bourdieu uma propensão dos membros de um grupo em selecionar respostas de um repertório cultural e que cada indivíduo reconhece a extensão de sua liberdade dentro dos limites que a

cultura estabelece. Bourdieu denomina esse comportamento como “hábito”. (BURKE, 1992, p. 34).

Das postulações de Geertz, Levi (1992) destaca que até mesmo as operações mentais necessitam recorrer a orientações de modelos públicos e simbólicos. As imagens públicas de sentimento servem de parâmetro para sabermos como nos sentimos a respeito das coisas. Isso significa que, afinando-nos aos sentimentos oferecidos pelo repertório cultural, estabelecemos uma forma de como nos sentimos mediante os dados e, conseqüentemente, compomos nossas mentes. Todo esse processo unicamente é promovido pela materialidade simbólica. O repertório de possibilidades simbólicas que vai, ao longo da vida, acampando à mente humana é infinito, assim como são infinitas as formas de se abordar a realidade sem nunca apreendê-la. (LEVI, 1992, p. 145). Entendermos a realidade como esse constructo da mente humana, povoada pelas possibilidades simbólicas, significa nunca tê-la de fato, isto é, “a representação *exprime*, porque não dá”. (DE CERTEAU, 1995, p. 46, grifo do autor).

Se a mente humana necessita de que sejam criados sistemas de representações para que lhe sirvam de exemplos, então, como afirma Geertz (2008, p. 37), “isso sugere não existir o que chamamos de natureza humana independente da cultura”. Esse postulado nos permite compreender o laço vital que se estabelece entre o campo social e o psíquico por meio do valor simbólico que constrói a realidade.

Geertz (2008) estabelece a necessidade de se relacionar a evolução humana não apenas como propiciadora da característica cultural do ser humano, mas também uma ação recíproca na qual o fator cultural exerce o papel motivador da evolução que biologicamente se deu sobre o peregrino gene humano. Nos rastros do machado rústico ou das ferramentas de pedra, pode-se encontrar um indivíduo que apresenta uma posição mais ereta que seu parente anterior, suas mãos já denotam domínio do polegar e sua dentição reduzida. Isso parece não dizer nada que comprove a relação evolutiva natureza-cultura, não obstante se pode comprovar nesse indivíduo a expansão do cérebro humano até seu tamanho atual. (GEERTZ, 2008).

Nesse particular, Geertz (2008) afirma que há razões para crer que a organização social, a comunicação e a regulamentação moral parecem ter ocorrido no mesmo período em que se deu a transição entre a mudança biológica e a cultural. A capacidade de criar e usar símbolos coincide com o desenvolvimento do sistema nervoso encefalado. Não bastasse, estão nessa mesma fase de evolução o alargamento da fronte e o encolhimento da mandíbula. Todas essas características se moldam numa intensa relação de reciprocidade para a formação do homem como o conhecemos. Geertz (2008) pontua que outrora se acreditava na ocorrência

desses aspectos em série, mas que compreendê-los, do ponto de vista dessa interação, é de suma importância para a apreensão da mentalidade humana.

Certo de que a mente humana não apenas tem a capacidade de adquirir cultura, mas de necessitar fazê-lo para funcionar, Geertz (2008) não hesita em dizer que cultura não somente se apresenta como o resultado de o homem desenvolver e ampliar capacidades lógicas, mas apresenta-se essencialmente como ingrediente fomentador dessas capacidades. “Um ser humano sem cultura seria, provavelmente, não um macaco intrinsecamente talentoso, embora incompleto, mas apenas uma monstruosidade totalmente sem mente e, em consequência, sem possibilidade de ser trabalhada”. (GEERTZ, 2008, p. 50).

Esse entendimento do termo “cultura” é descrito por De Certeau (1995, p. 194) como: “aquisição, enquanto distinta do inato. A cultura diz respeito aqui, a criação, ao artifício, à ação, em uma dialética que a opõe e a associa à natureza”. Geertz (2008), ao desconsiderar a teoria do ponto crítico que entendia o desenvolvimento cultural posterior ao término do desenvolvimento orgânico, inscreve o ser humano não apenas como produtor da cultura, mas também, num sentido biológico, como um produto dela (LARAIA, 2006), uma vez que tanto o processo natural quanto o processo cultural caminharam de mãos dadas para o apogeu da constituição humana.

O responsável por desenvolver o ser humano e fazer dele um ser cultural é unicamente o fator simbólico, visto que é a essência da materialidade cultural. Assim, não se pode definir homem fora da esteira cultural, pois ela é a condição para se ser um humano. Corroborar essa leitura que fazemos de Geertz a explanação que Bourdieu (1989, p. 10, grifo do autor) traz sobre as implicações inerentes aos símbolos, visto que

os símbolos são os instrumentos, por excelência, da integração social: enquanto instrumentos de conhecimento e comunicação, eles tornam possível o *consensus* a cerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração lógica é a condição da integração moral.

Geertz (2008) ilustra essa afirmativa a partir dos estudos realizados por ele em Java¹⁰, pelo que afirma que os javaneses definem sua condição humana a partir de sua realidade cultural¹¹, isto é, “ser humano é ser javanês”. Em princípio essa premissa não nos parece esclarecedora, mas toma sentido quando contrastada com o que ainda não pode ser incluído nos padrões culturais. Um javanês adulto, sensível ao sistema simbólico é considerado

¹⁰ Java: território localizado no continente asiático, sendo a segunda maior e a principal ilha da Indonésia. Clifford Geertz desenvolveu seus estudos antropológicos entre os povos de Java e Bali, na busca por descrever as maneiras como esses povos ocupam o espaço e as implicações da religião na concepção de mundo e de homem deles.

humano. “Às crianças pequenas, aos rústicos, aos simplórios, aos loucos, aos flagrantes imorais chamam [...] ‘ainda não javaneses’”. (GEERTZ, 2008, p. 36). De Certeau (1995), em mais uma de suas descrições de emprego do termo “cultura”, apresenta similaridade com o que Geertz (2008) expõe sobre os javaneses: “traços do homem ‘culto’, isto é, segundo o modelo elaborado nas sociedades estratificadas por uma categoria que introduziu suas normas onde ele impôs seu poder”. (DE CERTEAU, 1995, p. 193).

Nesse ensejo, pode nos ajudar a descrição etimológica realizada por Bosi (1992), sobre a palavra *colo*, em sua forma nominal *cultus*, como adjetivo deverbal, deslocada para o passado. Se *colo* propõe a ação de cultivar, *cultus* reforça essa ideia como qualidade que resulta do trabalho de cultivo ao longo dos séculos. Uma plantação *culta*, entre os camponeses do Lácio¹², era entendida como uma terra dotada de caráter cumulativo, isto é, incontáveis tarefas de lavrar a terra ao longo dos anos. *Cultus* denota a perpetuação da memória de uma comunidade. (BOSI, 1992). Essa descrição da terra cultivada pode ser transferida para a figura humana e entra em consonância com a descrição de De Certeau (1995). Um homem, cultivado por um poder dominante ao longo dos anos, traz algo de cumulativo; um homem cultivado segundo o modelo de uma categoria que já tem memória pode ser considerado um homem culto.

Pautar a definição humana na definição cultural é aceitar que a cultura fornece os mecanismos para a formação de um modelo do qual se adquire orientações para as maneiras coerentemente aceitas de se utilizar o espaço dentro do sistema simbólico. Mas não só. A cultura, além de fornecedor, é o próprio modelo. E mais, a cultura age sobre as diferenças, julgando e separando as práticas culturais entre o aceitável e o estrangeiro. “A solidariedade social [habita na aceitação e] participação de um sistema simbólico”. (BOURDIEU, 1989, p. 10).

Há concordância entre essa maneira de apreender o âmago da cultura e o pensamento de Foucault¹³. Burke (2008) em seus estudos sobre a história cultural afirma que os sistemas de classificação, denominados por Foucault como “regimes de verdade”, são a expressão de uma dada cultura e mutuamente opera como forças que dão forma a essa cultura. Essas forças operam sobre os indivíduos em busca de um ‘corpo doutrinal’. Entende-se em Foucault que o

¹¹ Conforme já discutido, essa realidade cultural é reproduzida a partir dos sistemas de representação simbólica.

¹² O Lácio, citado por Bosi (1992), corresponde à região central da atual Itália, que vai da cordilheira dos Apeninos ao mar Tirreno. O nome Lácio, originalmente *Latium*, refere-se aos latinos, povo ancestral dos romanos.

¹³ Michel Foucault (1926-1984), filósofo, historiador de ideias, teórico social, filólogo e crítico literário, teoriza em seus estudos sobre o poder, o conhecimento e a verdade produzida pela história. Em *A microfísica do poder* e

sujeito não tem existência própria, ele é um efeito do discurso e produzido no discurso (HALL, 2013), isso por que as práticas discursivas constituem a cultura (BURKE, 2008) e é exatamente nesse pacto discursivo-cultural em que são construídas posições para o indivíduo ocupar como sujeito.

Ora, se admitirmos que o sujeito seja apenas um efeito produzido no discurso, e que o discurso está a serviço da cultura, então teremos que concordar com a ideia de que o indivíduo, fora do discurso, é assujeitado. Não ousaremos descartar nem validar essa concepção, mas entendemos, em Bourdieu (1989), que nenhuma escolha do indivíduo está livre de ser balizada por modelos culturais.

Nessa mesma discussão, outros pensamentos nos parecem consoantes. Enquanto Geertz (2008) afirma que a constituição da mente se configura como resultado dos modelos culturais, Bourdieu (1972 apud BURKE, 1992) entende que o corpo e a mente do indivíduo são ocupados por estruturas de esquemas culturais, denominadas *habitus*. Na prática cultural, isso significa que as improvisações realizadas pelo indivíduo serão sustentadas por essas estruturas. (BURKE, 1992). A noção de *habitus* (Bourdieu, 1989), ainda harmoniza-se com De Certeau (1995) quando define o termo “cultura” como: “d – comportamentos, instituições, ideologias e mitos que compõem o quadro de referências e cujo conjunto, coerente ou não, caracteriza uma sociedade diferente das outras”. (DE CERTEAU, 1995, p. 194).

A espécie humana, há que se admitir, em nada se diferencia, quanto a sua composição biológica e suas necessidades vitais, se comparada a seus semelhantes que se localizam em hemisférios culturais distintos. “Para se manter vivo, independente do sistema cultural ao qual pertença, ele [o homem] tem de satisfazer um número determinado de funções vitais, como a alimentação, o sono, a respiração, a atividade sexual etc”. (LARAIA, 2006, p. 37). Apesar de essas necessidades serem as mesmas para todo indivíduo que possa ser classificado como humano, as maneiras, ou melhor, as práticas elaboradas para a satisfação desses imperativos naturais variam de cultura para cultura. “É esta grande variedade na operação de um número tão pequeno de funções que faz com que o homem seja considerado um ser predominantemente cultural”. (LARAIA, 2006, p. 37).

Enquanto Bourdieu se interessa pelos modos de geração das práticas, voltando sua atenção para as improvisações providenciadas pelos agentes de determinada cultura, Foucault procura se inteirar daquilo que as práticas produzem. (DE CERTEAU, 1994). Woodward (2013) amplia as discussões unindo o modo de geração das práticas ao que elas produzem

Arqueologia do saber o autor aponta que cada sociedade acolhe determinado discurso e o faz funcionar como verdadeiro.

dentro dos sistemas de representação, pelo que afirma: “as representações incluem as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos posicionando-nos como sujeitos”. (WOODWARD, 2013, p. 17). As práticas culturais e os simbolismos que produzem fornecem um lugar para o indivíduo se constituir, fornecem identidades múltiplas a serem assumidas.

A principal característica da cultura concebida como maneiras de operar em dado ambiente, e mais amplamente como maneiras de viver, é que ela é plural, posto que o ser humano é plural, os símbolos que povoam a mente humana e que se refletem nas práticas para a construção da realidade, todos são plurais. Cultura implica o poder de agir sobre o espaço assim como invoca o limite desse poder em relação ao outro. “A cultura no singular impõe sempre a lei de um poder”. (DE CERTEAU, 1995, p. 241). A cultura pluralizada implica sempre o encontro com o desconhecido, por isso ela é sempre flexível e está sempre se adaptando.

No encontro que se dá entre a cultura e seu “outro” é necessário que haja uma demarcação da diferença, exige-se uma proteção das práticas e dos símbolos que sustentam a realidade construída por esse sistema de representação. Exige-se mais, que esse outro seja anulado e torne-se parte dessa cultura. “A cultura no plural exige incessantemente uma luta”. (DE CERTEAU, 1995, p. 242). As transformações que ocorrem nos sistemas culturais são resultado dos encontros entre culturas, aliás, são esses encontros que garantem a dinamicidade da vida humana. Segundo Laraia (2006), só não sofre esse processo as sociedades extremamente isoladas.

Há que se admitir que a cultura, por meio do poder simbólico (BOURDIEU, 1989), faz germinar uma peleja entre sistemas de representações. A cultura é política, isso porque “as formas simbólicas podem servir a múltiplos propósitos”. (GEERTZ, 2008, p. 83). O fato de os sistemas simbólicos serem tanto estruturas estruturadas quanto estruturas estruturantes (BOURDIEU, 1989) implica na função política para a qual esses sistemas são criados e usados. “A cultura articula conflitos e volta e meia legitima, desloca ou controla a razão do mais forte”. (DE CERTEAU, 1994, p. 45). O acordo tácito existente entre os falantes de uma mesma comunidade linguística serve de exemplo de dominação cultural pela imposição de um sistema simbólico que precisa ser protegido como único para garantir hegemonia cultural, isto é, “um agrupamento se faz produzindo uma linguagem”. (DE CERTEAU, 1995, p. 243).

No entanto, usando-se do mesmo exemplo, as forças que operam sobre os signos desse sistema rompem o agrupamento social pelo fato de que “cada individualidade é o lugar onde atua uma pluralidade incoerente (e muitas vezes contraditória) de suas determinações

relacionais”. (DE CERTEAU, 1994, p. 38). O signo definido a partir do seu outro e não de si mesmo (SAUSSURE, 2006) é análogo aos sujeitos determinados a partir das relações sociais que estabelece. “As formas que constituem uma enunciação completa só podem ser percebidas e compreendidas quando relacionadas com outras enunciações completas pertencentes a um mesmo e único domínio ideológico”. (BAKHTIN, 2009b, p. 108). As ideologias que fazem do signo linguístico uma materialidade ideológica são as responsáveis pela luta que ocorre entre as pluralidades de significados para a legitimação de um único dominante.

No pensamento bakhtiniano se corrobora o que afirmamos. A completude de uma enunciação é dada apenas num mesmo domínio ideológico, fora dele essa completude é deslocada, dando espaço para inúmeras outras refrações. Além disso, as formas que garantem a completude não são providas em si mesmas dessa capacidade, mas o fazem pela ação comparativa delas em relação a outras do mesmo parentesco ideológico. Sabemos que a linguagem não é o único sistema simbólico do qual a cultura se utiliza e no qual ela se manifesta, mas esse sistema, por sua capacidade metadiscursiva, serve como retrato das inúmeras práticas culturais, assim sendo, mesmo que tenhamos até o momento invocado a linguagem a título de exemplo, temos que admitir: ela é mais que isso, ela é o veículo do sentido ideológico que compõe a teia cultural.

A plurivalência social do signo ideológico é um traço da maior importância [...] na verdade, é este entrecruzamento dos índices de valor que torna o signo vivo e móvel, capaz de evoluir. O signo, se subtraído as tensões da luta social [...] irá infalivelmente debilitar-se, degenerará em alegoria, tornar-se-á objeto de estudo dos filólogos. (BAKHTIN, 2009a, p. 46).

Por essa implicação das ideologias que, pelo fenômeno heteroglóssico (BAKHTIN, 2011), desconstrói o mito do significado ideológico concreto e atravessa os signos com diferentes sentidos, as culturas podem ser vistas como as incubadoras em que são germinados esses sentidos distintos. “A hipótese de Sapir-Whorf sugeriu que cada cultura teria um jeito diferente de classificar o mundo. Esses esquemas se refletiram, argumentou ele, nas estruturas linguísticas e semânticas das diferentes sociedades”. (HALL, 2010, p. 294)

Temos de considerar a natureza ideológica do signo linguístico para então entendermos as forças que agem sobre o meio social e que fazem de uma cultura a dominante sobre as demais. A luta que ocorre entre as inúmeras classes é sediada no signo. (BAKHTIN, 2009b). “As ideologias [...] servem interesses particulares que tendem a apresentar como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo”. (BOURDIEU, 1989, p. 10). É

compromisso da cultura dominante, para assegurar sua hegemonia, promover a integração da classe dominante; ludibriar as classes dominadas com uma integração fictícia do seu conjunto no meio social; estabelecer distinções e legitimar essas distinções com foco à legitimação da ordem social. (BOURDIEU, 1989). Em síntese,

Efeito ideológico: A cultura que une (intermediário de comunicação) é também a cultura que separa (instrumento de distinção) e que legitima as distinções compelindo todas as culturas (subculturas) a definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante. (BOURDIEU, 1989, p. 11).

Nesse particular, o caráter político da cultura mapeia as práticas sociais e perpetua cultura como um organismo público, mas que na verdade está a serviço de um determinado grupo social autointitulado como proprietário dos sistemas simbólicos que cria e inova o meio social. Dessa forma, grupos culturais minoritários são deslocados do centro das práticas culturais modeladoras e periféricamente passam a desenvolver uma contracultura. As diferenças qualitativas que permitem localizar na vida cultural os vários agrupamentos são eliminadas do âmbito público para que não ameace o monopólio da cultura dominante e se tenha a convicção, ainda que farsante, de homogeneidade cultural. (DE CERTEAU, 1995).

A sociedade constitui-se, ancorando-se nessa visão cultural, de autoridades que se apropriam do discurso para legitimarem-se e de dominados, indivíduos reinventados como representantes da cultura hegemônica. (DE CERTEAU, 1995). Consequentemente, conforme De Certeau (1995), todas as produções culturais estão a serviço daqueles que as criam e qualquer trabalho que sugira uma ação desestabilizante é interrompido pelas repressões responsáveis pela organização dos poderes. (DE CERTEAU, 1995). De acordo com Canclini (1995), prevalece sempre a volição de setores hegemônicos através de um processo de afunilamento, pois tudo que é originário do exterior é selecionado e adaptado para fornecer modelos político-culturais que suavizem as tensões entre o centro e o periférico.

Desse modo “a atividade científica ou governamental é sempre elitista” (DE CERTEAU, 1995, p. 240), pois estabelece um limite entre o poder e os outros. De Certeau (1995) afirma que quando discutimos cultura, sempre o fazemos de um lugar: o nosso e que, portanto, não há um lugar imune às ligações políticas para se tratar o dado cultural. Em seus estudos sobre Bakhtin, Hirschkop (2010) abrange, além da discussão cultural vinculada ao lugar discursivo, outros fatores. Conforme o autor, “toda enunciação, para ter sentido, deve estar associada a um enunciador, a uma situação ideológica, a interesses sociais e a um contexto social”. (HIRSCHKOP, 2010, p. 95).

O pensamento de Bakhtin pode ser percebido, mais tarde, na abordagem foucaultiana, no que diz respeito à identidade do enunciado, pelo que nas duas perspectivas pode ser percebido o vínculo identitário do enunciado à instituição cultural e não à localização espaço-temporal¹⁴. (HIRSCHKOP, 2010). Ora, se a identidade do discurso está no vínculo deste com a instituição, então as grandes transformações e deslocamentos culturais que vêm ocorrendo na pós-modernidade não podem ser explicadas como fatores resultantes da pós-modernidade. Isso seria verdade se o tempo pós-moderno não possuísse nenhum vínculo com as instituições. No entanto, o pós-moderno é exatamente o contrário, essa classificação temporal é sugerida pelas mudanças culturais que desaguam sobre as instituições. As mudanças são abordadas em comparação aos períodos anteriores, isso por que “a cultura oscila entre duas formas e uma sempre faz com que se esqueça da outra” (DE CERTEAU, 1995, p. 239): aquilo que permanece (lentidões, ritualizações sociais, certezas) e aquilo que se inventa (irrupções, desvios, adaptações ao estrangeiro).

Entendemos que há, no sistema de coerções da italianidade, a necessidade de reafirmar a identidade da imigração através da retomada dos sofrimentos dos ancestrais, da valorização do trabalho, da constituição da família e preservação da religiosidade a fim de proteger das consequências da homogeneização a identidade dessa comunidade.

A seção seguinte expõe sobre as peculiaridades que implicam o conceito de identidade a partir da diferença e vivida no discurso.

2.2 IDENTIDADE E DIFERENÇA: EU SOU, TU ÉS, ELE É, NÓS SÓ SOMOS PORQUE ELES NÃO SÃO

Tal como discutimos na seção anterior, os sistemas simbólicos estão a serviço da cultura e produzem posições para serem ocupadas pelos indivíduos; são essas as representações que nos classificam identitariamente mediante o que somos e o que podemos ser. (WOODWARD, 2013). De acordo com Hall (2013), a identidade, vista a partir da linguagem comum, é pautada na similaridade, solidariedade e fidelidade de um grupo através da partilha de origem, características e ideais comuns ao grupo. No entanto, baseando-se na perspectiva discursiva, a identidade nunca é completa, está em contínua construção, passível de ser abandonada. O processo de identificação se condiciona aos materiais simbólicos e à necessidade da diferença para ser estruturada. (HALL, 2013). Isto por que o signo se investe

¹⁴ Aproximamos Bakhtin e Foucault apenas para fixarmos o vínculo da identidade discursiva a uma instituição.

de uma característica metafísica da presença, pois a “coisa” não está presente no signo, apenas é representada por ele. “A promessa de presença é parte do signo”. (SILVA, 2013, p. 79).

É exatamente nesse trabalho discursivo que Hall (2013) apoia o jogo da *differance*, de Jacques Derrida. Vimos que o teor da cultura exige o estabelecimento de fronteiras, a concepção derridiana de identidade ocorre da mesma forma, pois o fechamento e marcação das fronteiras simbólicas institui fora dela o outro com o qual se pode comparar. (HALL, 2013). “A identidade depende, para existir, de algo fora dela, de outra identidade, de uma identidade que ela não é, de uma identidade que forneça as condições para que ela exista”. (WOODWARD, 2013, p. 8). Não podemos conceber a identidade como fruto de uma sobredeterminação, pois, sendo resultado de marcações simbólicas que dão sentido às práticas sociais, as identidades só podem ser variáveis, cambiantes, moldadas pelos significados fornecidos pelo cenário cultural. Hall (2013), antes de formalizar o que é identidade, se preocupa em desconstruir alguns equívocos epistemológicos incrustados nesse termo. Para ele, identidade: a) não é essencialista (o indivíduo não nasce com uma essência de sua identidade); b) não apresenta um núcleo estabilizado do “eu” imutável que atravessa a história sem deixar-se influenciar pelas suas vicissitudes; c) não se refere (identidade cultural) ao eu coletivo fecundado pela verdade de muitos outros “eus”.

De Certeau (1995) nos expõe sobre a inviabilidade de vermos a cultura singularizada e Hall (2013) nos orienta para a mesma atitude quanto à identidade, pelo que sustenta o caráter fragmentário da identidade, nunca unificada, “em constante processo de mudança”. (HALL, 2013, p. 108). Os recursos históricos da linguagem e da cultura são constantemente acionados como combustível para o constante “vir a ser” ao qual a identidade está submetida. Daí a necessidade da tradição ou invenção da tradição para que, pelas práticas discursivas, sejam criadas posições-de-sujeito¹⁵ passíveis de serem assumidas, ainda que temporariamente. (HALL, 2013). É inviável falarmos em uma afirmação identitária em si só, uma vez que a identidade é marcada pelo “jogo de poder e da exclusão”. (HALL, 2013, p. 111). As identidades fabricadas pela diferença precisarão ser vividas por meio de sistemas simbólicos de representação que classificam o mundo entre nós e eles, isto é, os sistemas simbólicos constroem os sistemas classificatórios para que esses categorizem a vida social por meio, principalmente, dos discursos. (WOODWARD, 2013).

O assujeitamento do qual falávamos anteriormente pode ser visto em Hall (2013) ao traçar a identidade relacionada à posição de sujeito, pelo que entende identidade como

¹⁵ Conforme Woodward (2013), posições-de-sujeito são lugares identitários produzidos pelos significados dentro dos sistemas simbólicos.

[...] ponto de encontro entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos encontram como sujeitos aos quais se pode “falar”. (HALL, 2013, p. 112, grifo do autor).

O ponto de encontro da identidade sendo marcado por dois vieses discursivos pode ser relacionado com o mecanismo de sujeição, ou interpelação, descrito por Althusser (1985), o qual leva os agentes a reconhecerem o seu lugar num domínio ideológico. Esse mecanismo promove um duplo efeito: i) é oportunizado ao indivíduo se reconhecer como sujeito, e ii) ao mesmo tempo em que ele se sujeita a um Sujeito Absoluto. Se só é possível que o indivíduo se reconheça dentro de um sistema ideológico, então a identidade também não pode ser apreendida como uma característica inata nem como um pólo isento de participação ideológica. A interpretação de i) coincide com o que Hall (2013) afirma sobre os processos de produção de subjetividade nos quais somos encontrados como sujeitos. Em ii), os agentes negam-se a si mesmos, reconhecendo um Sujeito Absoluto, cuja identidade é perseguida como modelo a ser imitado, isto é, somos interpelados pela ideologia para que nos posicionemos nas coordenadas por ela fornecidas.

Em sua leitura sobre Hall, Woodward (2013, p. 18) deixa ainda mais claro esse entendimento quando afirma que “os discursos constroem lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e partir dos quais podem falar.” Não apenas como exemplo, mas como fator constituinte da subjetividade em Althusser, a psicanálise freudiana, estudada por Lacan¹⁶, pode ser esclarecedora nesse sentido. As forças sociais (*supereu*) expressadas pelo poder simbólico (BOURDIEU, 1989) constituem o consciente enquanto que os desejos insatisfeitos/reprimidos compõem o inconsciente (*id*). A identidade (*ego*) entra nesse processo como um conciliador entre o inconsciente e as forças sociais. (WOODWARD, 2013).

A primeira fase da infância, fase do imaginário, é marcada pela incapacidade de a criança se perceber separada da mãe. Dá-se o início da formação da identidade quando é rompido esse laço e a mãe é percebida como o outro, algo fora da criança. As primeiras compreensões de identidade demarcarão a fase do espelho em que a criança tem acesso a visões exteriores a si, “não se vê como pessoa inteira”. (HALL, 2006, p. 37). O processo de identificação é contínuo, pois incessantemente buscamos por aquilo que está fora de nós, por

¹⁶ Jacques-Marie Émile Lacan (1901-1981), psicanalista francês, importante figura do estruturalismo, afirma que os estudos sobre pós-freudianos desviavam-se dos princípios da psicanálise e propõe um retorno à Freud, valendo-se da linguística de Saussure e da antropologia estrutural de Lévi-Strauss. Tanto Lacan quanto Lévi-Strauss tiveram acesso ao pensamento saussuriano via aulas de Benveniste.

aquilo que queremos ser. O sentimento do “eu” passa a existir quando o infante percebe o outro. (WOODWARD, 2013).

O inconsciente, local do reprimido e dos sentimentos contraditórios, é fundado quando a criança se depara com a figura do pai. Conhecida como a fase edipiana, momento em que se dá a entrada na linguagem e nos sistemas simbólicos, a intromissão do pai como figura externa ao “eu” acarreta a proibição sobre a criança de possuir a mãe, assim como a mãe é proibida de possuir a criança como objeto de seu desejo. Essa separação da criança e suas fantasias faz com que o desejo seja reprimido para o inconsciente e é onde se dá o reconhecimento da diferenciação sexual. A harmonia entre masculino e feminino na criança é rompida, pois é preciso que se coroe um desses aspectos para reinar no consciente enquanto o outro será enclausurado nas masmorras do inconsciente.

Dáí em diante o sujeito estará eternamente repartido, vivendo sempre a fantasia de completude. (HALL, 2006). “Abandonado o mundo do imaginário e o desejo pré-edipiano, a linguagem e o simbólico passam a fornecer alguma compensação por fornecer pontos de apoio linguístico para a identidade.” (WOODWARD, 2013, p. 65). A partir do sistema social de língua saussuriana, o sujeito dividido pela psicanálise freudiana tem acesso aos significados embutidos nos sistemas culturais. Como já abordamos, os significados – arbitrários para Saussure (2006) –, assim como os próprios símbolos que os representam – arbitrários para Geertz (2008) –, são acessados pelas relações de similaridade e diferença.

A necessidade de identidade e o vínculo desta com a diferença são fecundados no sistema linguístico, uma vez que para se apreender o significado de uma palavra como “árvore” é preciso relacioná-la a outras palavras a fim de elencar os aspectos de “não-árvore” que essas outras apresentam e, como resultado, construir a realidade de “árvore” a partir dos aspectos que restaram da equiparação.

[...] o valor de qualquer termo que seja, está determinado por aquilo que o rodeia, [...] definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. Sua característica mais exata é ser o que os outros não são. (SAUSSURE, 2006, p. 135-136).

Ainda mais relevante é o caráter mutante dos significados que os signos evocam, tendo em vista que “as palavras carregam ecos de outros significados que elas colocam em movimentos”. (HALL, 2006, p. 41).

Esse postulado nos faz lembrar o dialogismo de Bakhtin (2011) e relacioná-lo ao jogo da *differánce*, de Derrida¹⁷. Hall (2006) concorda com a perspectiva bakhtiniana quando registra que “tudo que dizemos tem um antes e um depois”. (HALL, 2006, p. 41). Esse antes e depois indica para a atitude responsiva do dialogismo, o qual acentua que, ao enunciarmo-nos estamos respondendo ao que já foi dito e o nosso enunciado, para que tenha *status* de enunciado, precisa apresentar a possibilidade de ser respondido por outro. Dessa forma, o significado nunca é fixo, sempre deslizante na busca por um fechamento, por uma identidade, ao passo que é ancorado e perturbado pela diferença. Esse deslizamento, ou adiamento do significado, é genuinamente derridiano¹⁸.

Ora, se os significados no qual se constroem as identidades, conforme Bakhtin (2011), estão à mercê de um acabamento, então a própria identidade não pode ser tangenciada como um produto fixo, inalterado e homogêneo. Consequentemente as identidades sustentadas pelas instituições estáveis do passado são desarticuladas. (HALL, 2006). Nos convém assumir, mediante o inacabamento do significado e a instabilidade identitária, que entre o tecer e o destecer da identidade impera o fator poder, tal como ocorre dentro das manifestações culturais.

Enfatizamos que é por meio dos sistemas simbólicos, principalmente a linguagem, que a criança desenvolve sua percepção identitária. A entrada na linguagem, assim como nos demais sistemas de representação simbólica, implica uma convocação para participar da luta de poder que acontece no signo. O poder é o fator dominante sobre as relações do homem para consigo mesmo e do homem para com o mundo. O poder é o eterno sopro de vida da identidade, isso se deve ao fato de que “o pessoal é político”. (HALL, 2013, p. 45; WOODWARD, 2013, p. 34).

A política da identidade, conforme Woodward (2013), não promove uma luta entre sujeitos naturais, “é uma luta em favor da própria expressão da identidade” (WOODWARD, 2013, p. 37), que classifica e distingue os grupos em pelo menos dois: um é a norma e o outro é o “outro”, o forasteiro, o desviante. Essa diferenciação promovida pelas oposições binárias ocorre nas representações simbólicas e “atribuem significado às relações sociais”. (WOODWARD, 2013, p. 55).

¹⁷ Embora Bakhtin e Derrida não sejam tributários do mesmo pensamento filosófico, estabelecemos, para este trabalho, uma relação contributiva entre o deslizamento e adiamento próprios do jogo da *differánce* com o dialogismo por entendermos este último como um infindo inacabamento.

¹⁸ O jogo da *differánce*, de Derrida, consiste no adiamento constante da identidade. A identidade nunca é completa, mas sempre desliza para a presença do outro.

Afirmar uma identidade e declarar a diferença, conforme Silva (2013), é a tradução do desejo dos mais distintos grupos sociais, “assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais”. (SILVA, 2013, p. 81). O poder simbólico (BOURDIEU, 1989) é, portanto, o espermatozoide mais bem preparado que conseguiu atingir o óvulo da existência do homem natural e fazer dele um progenitor de sistemas culturais e localizações identitárias. A identidade e a diferença, por mais inocentes que se declarem, carregarão eternamente o código genético fornecido pelas relações de poder, uma vez que suas características básicas são incluir e excluir, demarcar fronteiras, classificar e normalizar. “Deter o privilégio de classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos sociais assim classificados”. (SILVA, 2013, p. 82).

Classificar um mundo no qual todos vivemos as mesmas identidades é uma tarefa infrutífera e dispensável, uma vez que as afirmações de identidade não fazem sentido. (SILVA, 2013). Dizer que somos todos “humanos” é uma classificação que não precisa ser afirmada, não há entre nós alguém que dirá o contrário. Afirmamos nossa identidade somente se tivermos um parâmetro de diferença, e mais, sempre tomamos o que somos como norma, “a diferença será sempre do outro”. (SILVA, 2013, p. 77). A normalização de uma identidade precisa parecer natural, desejável e única. Nesse particular, Silva (2013) concorda com o pensamento de Bourdieu (1989) quando afirma que a invisibilidade da força homogeneizadora da identidade é a garantia de estabilidade dessa identidade. O poder simbólico (BOURDIEU, 1989), como já vimos, tem essa peculiaridade, ser invisível. Todos se vestem de uma douda ignorância para serem por ele (o poder simbólico) guiados.

É por essa filiação ao poder que grupos sociais diversos buscam uma normalização de seus agentes. As sociedades tradicionais, segundo Hall (2006), caracterizavam-se pela veneração ao passado, pela valorização de símbolos e pelo apego à tradição como uma forma de lidar com o tempo e espaço, “memórias que conectam seu presente com seu passado”. (HALL, 2006, p. 51). A necessidade de um passado histórico e cultural unificados serve como força normalizadora das identidades de uma comunidade. (WOODWARD, 2013). Um dos mais marcantes exemplos é a criação do Estado-nação europeu que, segundo Anderson (1983 apud HALL, 2006), não passa de uma “comunidade imaginada”. “É somente *dentro* da cultura e da representação que a identificação com esta ‘comunidade imaginada’ pode ser construída”. (HALL, 2003, p. 78, grifo do autor).

A nação como uma comunidade simbólica é capaz de gerar um sentimento de certeza sobre a identidade e lealdade para com a nação. A ansiedade por ter uma nação tornou-se um atributo inerente à condição de humanidade, o que nem sempre foi assim. (HALL, 2006). A

lealdade que se tinha para com o povo, a tribo, a religião na era pré-moderna foi transferida para a cultura nacional. Aliás, até mesmo a cultura precisou ser repensada para a estruturação da nação, de forma que incluísse todos num sentimento de pertencimento à mesma cultura nacional. Portanto, identidade cultural, em muitos contextos hoje, é tomada como sinônimo de identidade nacional.

Os estudos sobre as práticas discursivas em Nova Prata viabilizam discutir essa peculiaridade da identidade nacional, isso porque a comunidade intitulada “descendentes da imigração italiana” evoca um pertencimento discursivizado pela identidade nacional “italiana” localizada num período histórico em que a Itália não se configurava ainda como um estado-nação. Essa discussão será ampliada na seção de análise desse estudo.

Woodward (2013) e Silva (2013) apresentam um mesmo argumento para justificar a “comunidade imaginada” de Benedict Anderson¹⁹. “Uma vez que não seria possível conhecer todas as pessoas que partilham de nossa identidade nacional, devemos ter uma ideia partilhada sobre aquilo que a constitui”. (WOODWARD, 2013, p. 24). Uma das principais formas de experienciar essa partilha começa na linguagem, pois a imposição de uma língua nacional, única e comum, coincide com a imposição de nações modernas. (HALL, 2006; SILVA, 2013). Além da língua, outros símbolos são tomados a serviço de uma unidade nacional²⁰, tais como bandeiras, hinos, brasões e principalmente mitos fundadores que, geralmente, são colocados nos pedestais do heroísmo para que se gere um sentimento de pertencimento à identidade nacional. (SILVA, 2013). Pouco importa a veracidade desses mitos, eles promovem a inauguração de uma matriz comum de significação, dando à cultura um caráter essencialista para que os agentes se reconheçam e tenham condições de afirmar-se mediante a diferença, afirmar-se mediante aqueles que não têm o privilégio de ser o que eles são.

Ainda que a identidade nacional não esteja impressa em nossos genes, “no mundo moderno, as culturais nacionais em que nascemos se constituem de uma das principais fontes de identidade cultural”. (HALL, 2006, p. 47). Isso significa que as pessoas não se veem apenas como cidadãos legais de uma nação; cada um se sente realizado ao ver sua cultura nacional representada numa ideia de nação da qual ele pode fazer parte. Essa realização, conforme Bauman (2005, p. 29, grifo do autor) é discursivizada como natural sem ser, de fato,

¹⁹ Benedict Anderson, nascido na China em 1936, é cientista político estadunidense e professor de estudos internacionais na Universidade Cornell. Sua última obra traduzida para o português, em 2008, (tradução de Denise Bottman) intitula-se Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo.

²⁰ Compreendemos que não há unidade em uma língua, muito embora tenhamos que admitir que o registro linguístico pode ser tomado como um instrumento de unificação em torno de uma identidade nacional discursivamente construída.

natural. “A naturalidade do pressuposto de que ‘pertencer-por-nascimento’ significava, automática e inequivocadamente, pertencer a uma nação foi uma convenção arduamente construída – a aparência de ‘naturalidade’ era tudo, menos ‘natural’”.

Se o Estado-nação é simplesmente uma comunidade imaginada, então por que existem tantas comunidades diferentes? As respostas fornecidas pelos estudiosos da identidade são inúmeras. Woodward (2013) afirma que as diferenças nacionais residem nas diferentes formas de se imaginar a nação, e Hall (2006) entra em acordo, enfatizando que é a forma como é construída a narrativa da cultura nacional que garante significado à nossa existência. Se é uma narrativa construída, as diferenças habitam, também, nas diferentes formas como são narrativizadas essas culturas. Portanto, cultura nacional é um discurso no qual, conforme Hall (2006, p. 51), a “vida [é] vivida na imaginação”, ou seja, a vida está no discurso, é o discurso e depende do discurso para que a construção de seus significados deem ancoragem à construções identitárias. Sob a perspectiva de que a vida é vivida no discurso é que nos propomos a investigar as práticas discursivas da imigração italiana em Nova Prata, acreditando ser possível depreender desse discurso uma identidade própria do grupo cultural descendente da italianidade.

As culturas nacionais oferecem identidades nacionais a serem partilhadas, mas a identidade nacional, como nos esclarece Bauman (2005), pode ser bipartida entre modelo cívico e modelo étnico. O modelo cívico depende de uma escolha de pertencimento do indivíduo à determinada comunidade, já o modelo étnico é dado ao nascer. Essa segunda fenda denominada ‘etnia’ tem sido grandemente utilizada em contextos de seleção do que é exógeno. (CANCLINI, 1995). Vemos, em Hall (2003), que não só as questões de etnocentrismo são manipuladas pelo poder simbólico, como também a descrição de raça nas práticas discursivas, pois

Conceitualmente, a categoria "raça" não é científica. As diferenças atribuíveis à "raça" numa mesma população são tão grandes quanto àquelas encontradas entre populações racialmente definidas. "Raça" é uma construção política e social. É a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão — ou seja, o racismo. Contudo, como prática discursiva, o racismo possui uma lógica própria [...]. Tenta justificar as diferenças sociais e culturais que legitimam a exclusão racial em termos de distinções genéticas e biológicas, isto é, na natureza. Esse "efeito de naturalização" parece transformar a diferença racial em um "fato" fixo e científico, que não responde à mudança ou à engenharia social reformista. (HALL, 2003, p. 69, grifo nosso).

Dessa forma, raça só pode ser entendida como uma criação política que justifica as ações de exclusão de uma cultura hegemônica. Esse é um exemplo de mito fundacional

injetado pelo poder simbólico na discursivização da identidade nacional, pois, mesmo dentro de uma cultura nacional, alguns apagamentos são necessários para que se sustente a unidade nacional. Como vimos, o poder simbólico (BOURDIEU, 1989) incumbe à classe dominante a missão de perpetuar sua localização no centro da cultura ao mesmo tempo em que tenta ludibriar as classes dominadas com uma falsa integração, enquanto, em realidade, a desloca para a periferia. Isso significa que “quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade”. (SILVA, 2013, p. 91). Certamente que esse pensamento, há muito utilizado, antecede os estudos de Silva (2013), visto que Canclini (1995) faz uso da mesma ideia ao descrever a produção simbólica da cultura de elites. A elaboração de uma nação, de acordo com Canclini (1995), parte do patrimônio de bens simbólicos que inclui “obras representativas das classes altas e médias” (CANCLINI, 1995, p. 38) na definição da identidade nacional.

A partir dessas afirmativas se tem a indiscutível clareza de que quem se situa no centro do poder cria ou molda os sistemas de representação de acordo com seus interesses, implanta posições-de-sujeito a serem ocupados pelos seus e pelos que considera os “outros”. “Não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma grande família nacional”. (HALL, 2006, p. 59). Se tomarmos a narrativa da grande família nacional sob a perspectiva discursiva, podemos identificar nesse discurso a descrição bakhtiniana das “forças centrípetas” que operam sobre a linguagem, isto é, “tendências unificadoras da linguagem para centralização política ou mesmo controle totalitário”. (LACAPRA, 2010, p. 174).

Essa estrutura de poder cultural que chamamos de cultura nacional provoca a supressão das diferenças culturais na medida em que tenta conciliar diferenças menores no nível político. A invenção da tradição é a prova viva dessa tentativa de inculcar valores como parâmetros de comportamento por meio do constante retorno ao passado. (HALL, 2006). A repetibilidade dá à tradição um caráter duradouro, quase que eterno, que acompanha a vida do grupo social desde sempre, enquanto, em realidade, as tradições não passam de práticas ritualísticas e simbólicas inventadas ao longo do tempo para acimentar uma fictícia imutabilidade nacional.

A tradição funciona, em geral, menos como doutrina do que como *repertórios de significados*. Cada vez mais, os indivíduos recorrem a esses vínculos e estruturas nas quais se inscrevem para dar sentido ao mundo, sem serem rigorosamente atados a eles em cada detalhe de sua existência. (HALL, 2003, p. 74, grifo do autor).

Enfim, inúmeros são os artifícios usados pelo poder cultural para garantir a unidade da identidade nacional, mas a verdade é que ela nunca foi nem nunca será esse “todo complexo”. Tanto a identidade quanto a cultura serão eternamente atravessadas por divisões internas. “Em vez de pensar culturas nacionais como unificadas deveríamos pensar como constituindo um dispositivo discursivo”. (HALL, 2006, p. 62). Bauman (2005) afirma que, pela discursivização, as nações continuam existindo e suas narrativas continuam num forte apelo à ancestralidade, mesmo que inventada. Esse apelo desesperado deve-se ao fato de que muitos já não veem a identidade nacional como uma fonte de coesão social.

Além da discussão sobre o dispositivo discursivo em prol de uma cultura nacional, cabe destacar a construção da identidade por meio de produtos identitários. Canclini (1995) se une ao pensamento de Woodward (2013) sobre os produtos dos sistemas simbólicos como fornecedores de identidade. Conforme Canclini (1995), as seleções e apropriação que fazemos sobre os bens define o que consideramos publicamente valioso. Esse efeito também ocorre com a forma como nos integramos na sociedade, isto é, nos distinguimos pela maneira como combinamos “o pragmático e o aprazível”. (CANCLINI, 1995, p. 21).

Discorrendo sobre a mutabilidade do signo para o significado, a mutabilidade do significado para a cultura e a mutabilidade da cultura para a identidade, entendemos que os significados teriam fixidez se fossem do individual, se tivessem um único centro de poder, mas, pelo contrário, os significados são públicos, “plurais”; isso se dá porque o uso da língua é inerente ao coletivo. A língua pressupõe um acordo tácito de ordem social e é através dela que são construídos os inúmeros discursos, inclusive os discursos culturais e suas identidades. Segundo Bourdieu (1989), as práticas simbólicas não são abstrações, elas se dão na forma de mecanismos tangíveis. Assim sendo, pensamos, como sugere Hall (2006), a construção da identidade e as manifestações culturais como dispositivos discursivos para podermos apreender o objeto de nosso estudo, isto é, as práticas discursivas das mulheres da imigração italiana em Nova Prata como fonte de identidade e organismo das manifestações culturais. Na constituição dos discursos em Nova Prata, as paisagens culturais serão percebidas no nível da cenografia enunciativa e as identidades como imagem de si serão apreendidas do *ethos* discursivo.

O capítulo seguinte se dedica ao estudo da perspectiva enunciativo-discursiva com ênfase nos planos constitutivos da semântica global, resultando, por fim, nas categorias de cenografia e de *ethos* discursivo e suas implicações na construção da imagem de si dentro do sistema de restrições semânticas.

3 A IDENTIDADE DISCURSIVA NO INTERDISCURSO: SEMÂNTICA GLOBAL

Neste capítulo, percorremos o itinerário teórico e metodológico desenvolvido por Dominique Maingueneau (1984/2008a) no que tange à semântica global. Em sua obra *Gênese dos discursos* (2008a), o autor defende a tese de que cada discurso é regido por um sistema de restrições. As restrições operam nos diversos planos constitutivos do discurso resultando numa globalidade de sentido. A cenografia enunciativa e o ethos discursivo, propostos mais tarde por Maingueneau (1997), estão implicados no sistema de coerções semânticas globais. Antes de adentrarmos as peculiaridades de cada uma dessas categorias, urge fixarmos alguns conceitos que norteiam essa dissertação, sendo os principais deles, o discurso e a análise do discurso.

Frente à proliferação de estudos na área da linguagem, mais especificamente, na vertente da análise do discurso, é imperativo que pontuemos, aqui, o que neste estudo se entende por discurso, bem como carecemos situar à qual linha da análise do discurso o trabalho se filia. A noção de discurso, numa perspectiva enunciativo-discursiva, nos coloca diante de objetos que são, ao mesmo tempo, “integralmente linguísticos e integralmente históricos”. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 16). Há tendências que promovem o rompimento dessas duas facetas do discurso. Os estudos sobre o discurso, a partir de abordagens distintas, têm oscilado entre uma investigação do funcionamento textual e uma interpretação histórica. Como afirma Maingueneau (2008a), uma hermenêutica histórica privilegia as convergências que se fazem possíveis com a psicanálise, minimizando a atenção à textualidade. Do contrário, numa linha teórica em que a atenção é voltada à estrutura, os aspectos sócio-históricos que dão razão para que os sentidos se manifestem são tangenciados. O estudo que desenvolvemos sobre as práticas discursivas das mulheres em Nova Prata, a fim de depurarmos a cenografia a partir das manifestações culturais e o ethos resultante de um processo identitário-discursivo, segue as orientações de Maingueneau (2008a). O linguista francês afirma que é necessário nos situarmos em um lugar em que se possa articular “um funcionamento discursivo e sua inscrição histórica, procurando pensar as condições de uma ‘enunciabilidade’ passível de ser historicamente circunscrita”. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 17).

Dessa forma, pretendemos evitar a ruptura entre as unidades do discurso e sua inscrição histórica, adotando, de acordo com a proposta do teórico em questão, a concepção de discurso concebida pela escola francesa de análise do discurso. Assim, entende-se discurso

como “uma dispersão de textos cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas”. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 15).

Analisar conjuntamente a estrutura e o sentido significa abordar o discurso como um sistema de regras que define a especificidade de uma enunciação. Isso requer que a “enunciabilidade” seja vista não apenas como um resultado de atos enunciativos, mas como um fator condicionante da estrutura que possibilitará a enunciação. Em um conjunto de indivíduos, os atos de enunciação não serão uma faculdade fornecida por acréscimo, mas um sistema de restrições que condiciona o funcionamento da estrutura enunciativa. Portanto, “é preciso pensar ao mesmo tempo a discursividade como o dito e como o dizer, enunciado e enunciação”. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 19).

Desse modo, percebemos que esses dois fatores, a materialidade textual e a historicidade, não podem ser apreendidos separadamente na análise do discurso que privilegia um sentido global, uma vez que, para Maingueneau (2008a), o discurso deve ser compreendido sob o viés da interdiscursividade²¹.

Antes de prosseguirmos nosso estudo, alguns riscos de ordem terminológica devem ser evitados. Para isso, urge discorrermos sobre alguns conceitos que necessitam de uma determinação específica. Iniciemos pelo conceito de comunidade discursiva. Maingueneau (1997) identifica como comunidade discursiva um grupo ou a organização de grupos regidos por um mesmo sistema de restrições semânticas de maneira que sua existência se dá pela e na enunciação. A noção de práticas discursivas, outro conceito carente de fixidez, pode ser caracterizada como o encontro da comunidade discursiva e a formação discursiva, isto é, as práticas discursivas são o resultado das produções que determinada comunidade discursiva realiza respeitando as coerções impostas pelo sistema semântico.

Além desses conceitos, percebemos que, ao evocarmos a inscrição histórica do discurso, nos aproximamos dos estudos realizados por Pêcheux, mas, como veremos a seguir, alguns dos empréstimos que Maingueneau (2008a, 2008b, 2008c) realiza da corrente pecheutiana de análise do discurso são reformulados de modo que ultrapassam a relação direta entre língua e história. O mesmo ocorre com categorizações anteriormente apresentadas por Foucault. As principais concepções que exemplificam essa reformulação correspondem às noções de *superfície discursiva* e *formação discursiva*.

²¹ De acordo com Charaudeau e Maingueneau (2014, p. 286, grifo do autor), a interdiscursividade é a propriedade que um discurso tem de “estar em relação multiforme com outros discursos, de entrar no **interdiscurso**”.

O conceito de “formação discursiva”, conforme Maingueneau (2008c), sofre uma dupla paternidade, sendo exposto primeiramente por Michel Foucault, em *Arqueologia do saber* (1969), e tomado *a posteriori* por Michel Pêcheux como unidade de base da escola francesa de análise do discurso. Maingueneau (2008c) afirma que é difícil fixar o valor apresentado para o conceito de “formação discursiva” em Foucault, isso porque, nessa conceituação, “o leitor oscila constantemente entre uma interpretação em termos de ‘regra’ e outra em termos de ‘dispersão’²² a ponto de aí se perder”. (MAINGUENEAU, 2008c, p. 12). Já a formulação do conceito em Michel Pêcheux, conforme Maingueneau (2008c), é muito mais clara. As inspirações de Pêcheux, ancoradas no marxismo althusseriano²³ e na psicanálise lacaniana²⁴, filiam o termo “formação discursiva” (ou até mesmo formação ideológica) a uma compreensão ideológica, isto é, o sistema ideológico define o que pode e o que deve ser dito num espaço de luta de classes.

Além dessas duas orientações, muitas outras poderiam ser apontadas aqui, no entanto, Maingueneau (2008c) alerta para o fato de que o analista do discurso, na maioria das vezes, recorre ao termo “formação discursiva” quando se depara com um conjunto de textos que não se agrupa em uma categorização clara. De nossa parte, tomaremos a linha que compreende o sentido global do discurso. A “formação discursiva”, de acordo com a definição metodológica de Maingueneau (2008a), corresponde ao sistema de restrições de boa formação semântica. O conjunto de enunciados produzidos de acordo com as coerções desse sistema pode ser entendido como a “superfície discursiva”. Ressaltamos que, nessa perspectiva, a formação discursiva não está submetida a restrições de ordem ideológica, mas sim a restrições que prezam por uma semântica global de um dado discurso. Dessa forma, a própria noção de discurso é completada como já citado anteriormente. Discurso é, portanto, além da dispersão de textos (superfície discursiva) um sistema de restrições (formação discursiva) que permite identificar, por suas regularidades enunciativas, um modo específico de esse discurso inscrever-se na história.

Mais uma vez insistimos na necessidade de nos debruçarmos sobre as práticas discursivas das mulheres, associadas à imigração italiana em Nova Prata, não apenas pelo viés da estrutura textual, nem exclusivamente pelas relações estabelecidas na historicidade.

²² Entendemos por dispersão, conforme abordagem de Maingueneau (2008c), todas as formas de propagação de um discurso.

²³ O marxismo althusseriano é assim denominado por conta dos estudos desenvolvidos por Louis Althusser acerca do marxismo e da ideologia. Segundo esse autor, a ideologia descende dos conceitos de inconsciente e da Fase do Espelho, de Lacan.

²⁴ A psicanálise lacaniana refere-se aos estudos desenvolvidos por Jacques-Marie Émile Lacan no campo da psicanálise proposta por Freud.

Maingueneau (2008a) se propõe a fazer análise do discurso de uma forma em que sejam analisados os inúmeros planos constitutivos do discurso e nós seguiremos a mesma direção, buscando compreender se há de fato um sistema de restrições de semântica global que opera na superfície discursiva dessa comunidade culturalmente demarcada. Na possibilidade de identificarmos um sistema coercitivo próprio dessa comunidade, intentamos, tal como posteriormente sugere Maingueneau (2008b, 2013), apreender uma cenografia enunciativa construída a favor da legitimação das manifestações culturais e, por meio do ethos discursivo resultante dessa cenografia, apontarmos uma identidade não apenas discursiva, mas, através da imagem de si no discurso, corroborarmos uma identidade cultural.

A busca por uma identidade faz-nos recordar as explicações apresentadas no primeiro capítulo. A noção de identidade trazida por Hall (2013) sempre depende de algo fora dela, do outro, para se completar. É na relação do eu com o outro que são tecidos os traços identitários. Somamos aqui, também, a descrição de língua dada a partir da oposição binária de signos (SAUSSURE, 2006), a qual postula que um signo só tem acesso à sua identidade a partir do que os demais signos renegam ser. Essa relação com o outro não permanece apenas na estrutura da língua e nem é um aspecto exclusivo da identidade, seja ela descrita a partir do social, do psicológico ou do simbólico. A relação com o outro também está presente na gênese do discurso. Isso significa que os discursos não se constituem independentemente uns dos outros, para, num momento posterior, serem colocados em relação. “Eles [os discursos] se formam de maneira regulada no interior do interdiscurso”. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 21).

O título deste capítulo resume a concepção de que é no interior do interdiscurso²⁵ que se estrutura a identidade, requerendo, portanto, que uma análise acerca da identidade discursiva se desenvolva a partir da interdiscursividade. (BRUNELLI, 2008). Cada discurso moldará para si uma forma de construção semântica global a partir das relações que estabelece²⁶ com o outro e, portanto, o sentido não pode remeter a um espaço fechado de uma posição enunciativa absoluta, mas corresponde a uma circulação dissimétrica em que para cada discurso o sentido é capturado de uma forma. A identidade de um discurso diz respeito à forma como ele se inscreve e como é capturado pelos demais discursos no espaço interdiscursivo. (MAINGUENEAU, 2008a).

²⁵ A concepção de interdiscurso, em Maingueneau (2008a), é tripartida em universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo. Por essa razão não apresentamos uma descrição conceitual fechada para interdiscurso.

²⁶ Veremos, mais adiante, que a relação que um discurso estabelece com seu outro pode se dar de diversas formas: concordância, negação, neutralidade etc.

Na mesma esteira de discussão, vale rememorar o que Woodward (2013) elucida acerca da identidade. No capítulo anterior expusemos a ideia da autora quando afirma que no discurso se constroem posições-de-sujeito passíveis de serem ocupadas por indivíduos, essas posições carregam a responsabilidade de demarcar a identidade, isto é, o discurso constrói lugares identitários para os indivíduos. Maingueneau (1997) discorre sobre a relação social da linguagem e, nesse ponto, pode-se admitir que o apontamento que o analista faz entra em acordo com o postulado de Woodward (2013). Conforme Maingueneau (1997, p. 34), “os lugares sociais só podem existir através de uma rede de lugares discursivos”.

Partindo da premissa de que a identidade é construída no discurso e que o discurso está a serviço das manifestações culturais, visualizamos no objeto de estudo deste trabalho (as práticas discursivas das mulheres em Nova Prata) a possibilidade de apreendermos a identidade do enunciador que constrói seu discurso do lugar da italianidade²⁷, mais especificamente do lugar de descendente da colonização italiana. Ao mesmo tempo poderemos, por meio da análise dos planos constitutivos do discurso, investigar a estruturação do sistema semântico global que rege esse discurso. A cenografia e o ethos, além de nos oportunizar a análise das manifestações culturais e da identidade no discurso, nos possibilitará averiguar de que forma esse discurso, o das mulheres da imigração italiana, se inscreve na interdiscursividade e como ele se relaciona com seu outro.

Cabe, antes de adentrar os planos constitutivos da semântica global, destacarmos algumas conceituações de Maingueneau (1997, 2008a) sobre o interdiscurso, no que se refere à tripartição de interdiscurso em universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo, bem como a apuração da presença do outro como heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constituída²⁸.

O universo discursivo designa um conjunto finito de formações discursivas, mas que, por sua irrepresentabilidade²⁹ não pode ser apreendido num todo. Vale destacar que as formações discursivas desse conjunto não são inertes, elas estão em constante interação dada

²⁷ De acordo com o dicionário Houaiss, italianidade denomina o caráter ou qualidade de italiano. 2. Estado daquilo que pertence à Itália. Para este estudo, o emprego do termo “italianidade” fará referência às características e qualidades dos indivíduos intitulados imigrantes italianos.

²⁸ “Um discurso quase nunca é homogêneo: ele mistura diversos tipos de sequências textuais, faz variar a modalização, os registros de língua, os gêneros de discurso etc. Entre os fatores da heterogeneidade, atribui-se um papel privilegiado à presença de discursos ‘outros’ – isto é, atribuíveis a outra fonte enunciativa; Authier-Revuz (1982) introduziu uma distinção amplamente utilizada entre **heterogeneidade mostrada** e **heterogeneidade constitutiva**” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014, p. 261, grifo dos autores). Consta nas Referências a documentação completa da obra *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*, de Authier-Revuz.

²⁹ Irrepresentabilidade, nesse contexto, refere-se à grande gama de discursos que subsistem na interdiscursividade e que, por seu volume, não pode ser representada integralmente.

a conjuntura em que se inscrevem. Como o próprio termo já sugere, universo serve apenas para nos indicar uma extensão máxima da discursividade, entretanto, como o próprio Maingueneau (2008a) aponta, é de pouca utilidade para os trabalhos do analista. Refinando este vasto horizonte, as formações discursivas poderão ser encontradas em campos discursivos. Por campo discursivo entende-se um conjunto menor em que as formações discursivas entram em concorrência. Maingueneau (1997) indica que a delimitação das formações nos campos discursivos é concebida pela posição enunciativa que cada formação ocupa no universo discursivo. Esse é um ponto valioso da tese de Maingueneau (2008a), visto que a forma de se inscrever no universo discursivo não só delimita a identidade de uma formação discursiva, mas faz um trabalho recíproco, isto é, as formações discursivas “delimitam-se reciprocamente”. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 34). É por esse movimento de reciprocidade que a relação de concorrência deve ser lida num sentido amplo, podendo significar confrontos abertos, alianças, neutralidade aparente entre as formações.

Maingueneau (1997) ainda orienta para não incorreremos no erro de nos limitar às etiquetas fornecidas pela tradição que grosseiramente tem classificado alguns campos (campo discursivo político, religioso, literário etc). Ao analista se incumbe a tarefa de considerar inúmeros parâmetros para, então, construir campos pertinentes. Como exemplo dessa tarefa, podemos citar o trabalho de Facin (2012) que, ao desenvolver seus estudos acerca de samba-enredo sob a perspectiva enunciativo-discursiva de Maingueneau, inscreveu seu objeto de estudo no campo discursivo carnavalesco.

O afunilamento do interdiscurso nos leva à categoria de espaço discursivo, subconjunto em que se relacionam pelo menos duas formações discursivas. Maingueneau (1997) adverte que a aproximação de duas formações discursivas é uma decisão do analista, considerando os objetivos de pesquisa. Por exemplo, poderíamos alinhar num mesmo espaço discursivo a formação discursiva da imigração italiana e a formação discursiva da imigração polonesa na região de Nova Prata e investigar de que forma se estabelece a relação entre essas duas formações, se por concordâncias, discordâncias, negações ou neutralidade. Relacionar duas formações discursivas não é uma tarefa aleatória, é preciso ter em mente, pela hipótese do conhecimento prévio dos textos e um saber histórico, qual a pertinência dessa relação para a compreensão dos discursos considerados. (MAINGUENEAU, 2008a). Há duas explicações relevantes para que se faça um recorte no campo discursivo, tal como sugere Maingueneau (1997). Primeiramente, porque seria uma tarefa impossível apreender um campo discursivo integralmente. Segundo, porque “uma formação discursiva dada não se opõe de forma semelhante a todas as outras que partilham seu campo”. (MAINGUENEAU, 1997, p. 117).

As práticas discursivas elencadas neste estudo provêm da comunidade que se denomina de imigração italiana em Nova Prata e pode ser situada, no universo discursivo, como parte de um campo discursivo político-cultural. O caráter cultural se explica pelo fato de essa formação discursiva implementar um sistema próprio de representações simbólicas (BOURDIEU, 1989), ressignificando, distintamente das demais formações, as maneiras de utilizar o espaço. (DE CERTEAU, 1995). Ainda se justifica como cultural por instaurar uma rede semiótica (GEERTZ, 2008) de significados que serve de modelo a todos os indivíduos, seja em âmbito emocional, social, psicológico, intelectual, religioso, gastronômico etc.

O caráter político fica por conta do poder simbólico (BOURDIEU, 1989) exercido por essa formação. Bourdieu (1989) aponta para o desejo de dominação da cultura, cada cultura luta pelo poder. A cultura dominante tende a se camuflar com as vestes da normalidade, fazendo parecer que a maneira como utiliza o espaço e processa os sentidos é a forma natural do mundo. A cultura dominada sofre essa invisibilidade por parte do poder dominante, a fim de que não conteste a prática da dominação. A cultura, e até mesmo a identidade nela construída, é gerada por simbolismo. O simbólico não é neutro, ele exerce um poder invisível. De acordo com Bourdieu (1989, p. 8), “esse poder invisível [...] só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”.

O campo discursivo em que se inscreve o nosso objeto de estudo é, portanto, tanto cultural como político. As práticas discursivas da imigração italiana em Nova Prata estão a serviço de um poder simbólico que se apresenta como o sentido imediato do mundo, a fim de fortalecer um conformismo lógico nas concepções de tempo, espaço, homem, mundo entre outros.

O espaço discursivo em que se relacionam as formações discursivas é o da imigração italiana. Nesse espaço, podemos não nos deparar explicitamente com a presença do outro, mas, como indica Maingueneau (2008a), o simples fato de essa formação discursiva ocultar o outro sugere a forma como ela o apreende. Além do que a própria noção de imigração sugere um encontro entre o nativo e o exótico, entre o interior e o exterior. Portanto, a formação discursiva da imigração italiana, por mais que queira, não pode negar o seu outro³⁰, visto que é a partir desse outro que sua própria identidade, imigrante, é definida.

³⁰ Entendemos que para a formação discursiva da imigração italiana o outro pode ser o nativo encontrado no território da colonização ou pode ser também imigrantes de outras etnias presentes na região (portugueses, alemães, poloneses).

A presença do outro, implícita, silenciosa, camuflada é o que se pode chamar de heterogeneidade constitutiva em Maingueneau (2008a). Maingueneau (2008a), nesse ponto, admite as contribuições dos estudos realizados pelo “círculo de Bakhtin” no que se refere ao dialogismo, e propõe, por meio da tríade universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo, um quadro metodológico mais restrito. A heterogeneidade mostrada, de acordo com Maingueneau (2008a) é, como se pode supor, as marcas do outro na materialidade textual, sequências que denotam a alteridade. A heterogeneidade mostrada pode ser considerada uma materialização da estrutura constitutiva. Enquanto esta não deixa marcas visíveis, aquela está acessível aos aparelhos linguísticos (discurso citado, autocorreção, palavras entre aspas etc). (MAINGUENEAU, 2008a).

Poderíamos estabelecer uma dupla relação entre heterogeneidade mostrada e constitutiva com os conceitos de superfície discursiva e formação discursiva, elucidados no início desse capítulo. Enquanto a heterogeneidade mostrada apresenta-se na superfície discursiva, pode ser apreendida no conjunto de enunciados de um sistema, a heterogeneidade constitutiva opera nos fundamentos semânticos da formação discursiva, isto é, ela é parte do sistema de coerções. Admitir o primado do interdiscurso implica admitir que “um sistema no qual a definição da rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide com a definição das relações desse discurso com seu Outro”. (MAINGUENEAU, 2008a, p.36).

No primeiro capítulo foram apresentadas algumas concepções que poderiam, sozinhas, embasar nosso estudo, no entanto, estariam fadadas a se esgotarem na corrente da historicidade. As próprias definições de cultura como rede semiótica materializada nas práticas discursivas e de identidade como lugares discursivos criados para serem ocupados por indivíduos físicos suplicam por uma abordagem teórico-metodológica que consiga apreender a estrutura discursiva em seus indícios mínimos sem, no entanto, menosprezar as peculiaridades sócio-históricas. O estudo dos planos discursivos, dentro de um sistema semântico global, proposto por Maingueneau (2008a), se mostra propício para a investigação pretendida.

Além dos conceitos já percorridos, este capítulo apresenta, na sequência, os planos constitutivos do discurso, integrantes da semântica global, sendo eles: (i) a intertextualidade, (ii) o vocabulário, (iii) os temas, (iv) o estatuto do enunciador e do coenunciador, (v) a dêixis enunciativa, (vi) o modo de enunciação e (vii) o modo de coesão. Maingueneau (2008a, p. 76) desconstrói a noção arquitetônica de discurso em que se analisam os níveis onde reside a “verdade do texto”. Segundo o autor, o discurso não tem um “fundo”, mas um sistema que

investe em suas variadas dimensões, por isso a necessidade de abordá-lo em seu conjunto. Com essas ferramentas é possível investigar minuciosamente o discurso da imigração italiana em Nova Prata, integrando cada um dos planos apontados para a corroboração de uma identidade construída dentro desse sistema cultural.

Após a explanação dos planos constitutivos da semântica global, elencamos o plano que expõe sobre o modo de enunciação para ampliarmos nossa análise com base na cenografia enunciativa exposta por Maingueneau (1997, 2008c). Essa categoria teórica é construída pelo discurso e faz a cena da enunciação se deslocar para um segundo plano. (MAINGUENEAU, 2013). Freitas (2010), em seus estudos sobre Maingueneau (2008a), assevera que “todos os planos da discursividade – desde os processos gramaticais até o modo de enunciação e de organização da comunidade discursiva – estão submetidos ao mesmo sistema de restrições, concebido como um filtro que fixa os critérios de enunciabilidade de um discurso”. Dessa forma, nosso investimento no modo de enunciação não contraria a análise proposta por Maingueneau (2008a). Aprofundar-se mais em um plano do que em outro é uma atitude que o analista pode tomar em razão dos objetivos da pesquisa. Essa atitude não diminui nem aumenta a importância de determinados planos, visto que todos eles estão harmonicamente regidos por uma semântica global. Maingueneau (2008a) reconhece que essa lista de planos pode ser acrescentada, dada à multiplicidade de planos constitutivos do discurso.

A própria lista desses planos considerados não é objeto de uma elaboração teórica suficiente para pretender definir um modelo da textualidade. Sua única finalidade é ilustrar a variedade das dimensões abarcadas pela perspectiva de uma semântica global, e nada impede de isolar outras ou de repartir diferentemente as divisões propostas. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 77).

Ao final deste capítulo figura o elemento resultante da cenografia enunciativa: o ethos discursivo. A cenografia construída para validar a cena da enunciação recorre a inúmeros elementos, sejam eles a postura do enunciador, o modo de conceber o coenunciador, a recorrência à memória discursiva da coletividade por meio de cenas validadas, a dêixis enunciativa. No entanto, uma das mais relevantes instâncias que interferem na legitimação da enunciação é o ethos e seus desdobramentos: tom, vocalidade, incorporação.

Na próxima seção, dedicamo-nos aos planos constitutivos da semântica global e seus detalhamentos.

3.1 A SEMÂNTICA GLOBAL E OS PLANOS CONSTITUTIVOS DO DISCURSO

Debruçar-se sobre a significância discursiva (MAINGUENEAU, 2008a) requer um trabalho que não promova a separação entre o fundamental e o superficial no discurso. Nosso estudo se desenvolve a partir de uma semântica global justamente pela preocupação em evitar essa ruptura. Considerar a multiplicidade de dimensões do discurso faz do nosso objeto de estudo não um produto imóvel, excetuado da interdiscursividade, mas um constructo em que seus múltiplos planos se configuram a partir de um sistema global de semantização. Tanto o dizer (superfície discursiva) quanto o sistema de restrições que o gera são constantemente atravessados por um metadiscurso, isto é, a própria formação discursiva tem condições de falar de si, de estruturar-se. Aliás, essa é uma propriedade das línguas naturais (MAINGUENEAU, 1997), elas não necessitam de outro sistema semiótico para descrever-se. Por essa propriedade, as formações discursivas tendem a estabelecer uma identidade discursiva na relação com seu exterior. A demarcação de um ambiente exterior de determinada formação discursiva implica um interior e, automaticamente, requer uma delimitação de território. É, como se pode aferir, uma constante luta pelo domínio de significantes em uma arena que está disponível para todos os discursos, a virtualidade da língua.

Veremos que em todos os planos constitutivos de uma semântica global o que importa não é a exclusividade que um vocábulo ou um tema, por exemplo, ocupa dentro desse sistema, mas o tratamento semântico que recebem nessa formação discursiva. Quanto à identidade discursiva das mulheres da imigração italiana em Nova Prata, uma de suas principais características é a necessidade de se configurar como um saber histórico, quase transcendente, que, pela elaboração de mitos fundacionais, refuta qualquer indagação sobre o sentido que constrói acerca da família, do trabalho e da religiosidade.

Destacamos, antes de expor as idiosincrasias de cada plano constitutivo, alguns aspectos relevantes da obra *Gênese dos discursos*, elaborada por Maingueneau (1984/2008a) e base dessa dissertação. O postulado de uma semântica global em que se integram todos os planos do discurso é resultado de estudos empíricos realizados por Maingueneau (1984/2008a) sobre dois discursos do campo religioso devoto do século XVII, de um lado o discurso humanista e de outro o discurso jansenista. Vale destacar que a obra é oriunda da tese de doutorado defendida por Maingueneau em 1979. O livro se apresenta, atualmente, como uma forma renovada de se pensar e estudar o discurso, como observa Possenti (2008, p. 201). “Maingueneau desenhou um quadro teórico que [...] oferece novos instrumentos para dar conta dos processos enunciativos”.

No entanto, como reconhece Maingueneau (2008a), essa maneira de pensar a análise do discurso era bastante atípica em seu tempo (1984), posto que as tendências se dividiam entre os domínios da semiótica, na análise do texto, e os domínios da gramática gerativa, na linguística. Uma das intenções do autor, longe de se lançar como a verdade do texto, era propiciar, com sua obra, novas pesquisas, inspirar novas ideias frente à crise pela qual passava a análise do discurso. Há que se admitir, devido à metodologicidade e a pertinência teórica, essa obra tem se mostrado um instrumento muito frutífero em análise do discurso.

Na sequência, detalhamos os planos constitutivos da semântica global a partir dos elementos ilustrados no Quadro 1.

Quadro 1 – Planos constitutivos do discurso

Semântica Global	
Planos Constitutivos	Desdobramentos
Intertextualidade	Interna e externa
Vocabulário	Unidades virtuais e explorações semânticas
Tema	Temas específicos e impostos
Estatuto do enunciador e do coenunciador	Disposição de lugares enunciativos a serem ocupados pelos coenunciadores de acordo com o modelo semântico.
Dêixis enunciativa	Instauração da cronografia e topografia
Modo de enunciação	Tom, caráter e corporalidade
Modo de coesão	Recortes discursivos e encadeamentos singulares em cada sistema semântico.

Fonte: elaborado pelo acadêmico

A intertextualidade encabeça a lista de planos que compõem a semântica global, isso porque a maneira como determinada formação discursiva se relaciona com seu outro a define. Maingueneau (2008a) faz a distinção entre intertexto e intertextualidade. O intertexto é da ordem da heterogeneidade mostrada, situação em que a presença do outro é demarcada por meio de citações efetivas. A intertextualidade se vincula ao âmbito da heterogeneidade constitutiva, pois é a partir das relações aceitas como legítimas que um sistema global define suas restrições semânticas. As restrições operam não só nas citações dentro de um mesmo campo discursivo. Conforme Maingueneau (2008a, p. 77-78), “todo campo discursivo define certa maneira de citar os discursos anteriores do mesmo campo” como também “um discurso define, além do mais, certa relação com outros campos, segundo sejam citáveis ou não”.

O processo de citação que recupera a memória discursiva do interior de um mesmo campo é denominado por Maingueneau (2008a) como intertextualidade interna. As relações

estabelecidas por formações discursivas de campos distintos configuram-se na intertextualidade externa. A respeito desse aspecto é importante evocar a noção de competência discursiva. Segundo Maingueneau (2008a, p. 47), “não existe uma língua específica a um discurso”, a virtualidade da língua é submetida a restrições semânticas que filiam os enunciados, pelo tratamento recebido, a formações discursivas específicas. Nesse sentido, ser enunciador de um discurso implica em algumas aptidões interdiscursivas: a) reconhecer os enunciados que pertencem à sua própria formação discursiva; b) produzir enunciados inéditos filiados à sua formação discursiva; c) reconhecer como incompatíveis os enunciados de formações discursivas oriundos do espaço discursivo de seu Outro; d) traduzir os enunciados do Outro nas categorias de seu próprio sistema semântico. (MAINGUENEAU, 2008a).

Debruçar-se sobre o discurso das mulheres da imigração italiana em Nova Prata é também, pelo viés da intertextualidade, investigar como esse discurso se relaciona com seu outro, de que forma o traduz. Esse outro, sob a perspectiva da intertextualidade interna, pode ser o discurso dos homens da italianidade como pode ser o discurso de imigrantes de outras regiões do país. Ainda no mesmo campo discursivo, o outro se constitui no discurso da brasilidade, no discurso dos negros e no discurso de imigração de outros grupos étnicos. Transpondo para a intertextualidade externa, as práticas discursivas da imigração italiana se deparam com o outro no campo religioso, no campo econômico e até no campo sociolinguístico.

Destacamos, a título de exemplo, parte do conto *O violino do Fuá*, presente na obra *Sonho italiano: Vinho e Amor* (2013), cuja autora, Zaira Galeazzi, se enuncia do lugar discursivo descendente da colonização italiana em Nova Prata. Nesse pequeno recorte, podemos ilustrar os desdobramentos da intertextualidade regrada por uma semântica global: *Agora todos cantavam o Hino do Rio Grande do Sul no salão. Miguel com o violino no queixo foi saindo do salão e Lúcia o acompanhou até a charrete e, em seguida, seguiram pela estrada rumo ao novo lar. Ali iria se unir o sangue alemão de Miguel Fuá e o sangue italiano de Lúcia Nardelo para reforçar a raça gaúcha, iniciada pelos centauros dos pampas, os descendentes de Ana Terra.* (GALEAZZI, 2013, 63). Esse recorte se inscreve no campo discursivo literário e estabelece uma relação com outros campos discursivos, o político, sócio-histórico e o étnico-cultural. A entoada do hino do Rio Grande do Sul promove a legitimação do enunciador perante seu coenunciador por meio da intertextualidade. Reconhecer a união do sangue alemão ao sangue italiano é uma relação aceita pelo sistema de restrições da formação discursiva da italianidade e, por esses dois grupos adotarem o Rio Grande do Sul como *nova*

pátria, há um débito para com esse “outro”, o solo sul-rio-grandense. Isso justifica a afirmação de que a união dos povos imigrantes europeus vem para reforçar a *raça gaúcha*. Figura ainda no intertexto a referência que se faz aos *centauros dos pampas, descendentes de Ana Terra*. Ora, recorrer à *Ana Terra*, personagem de Érico Veríssimo, e aos *centauros dos pampas*, descrição feita por José de Alencar na obra *O Gaúcho*, são recursos utilizados pelo enunciador da imigração italiana para se descrever a si mesmo como a continuidade da *raça gaúcha*. Para evitar ser visto como um intruso no espaço discursivo do *gauchismo*, o enunciador da formação discursiva da imigração italiana tende a unir-se aos fundamentos de outras formações já instauradas nesse espaço, além do que, dentro do campo literário, esse discurso busca legitimar-se também como literário através da citação de outros discursos já validados.

O plano da intertextualidade só pode ser apreendido dentro do sistema de restrições semânticas por meio da recorrência ao vocabulário, outro plano do discurso, mas a recorrência ao vocabulário não pode ser tomada de maneira simplesmente operacional como se estivesse apenas a serviço do intertexto. O vocabulário, pelo tratamento semântico que recebe, é colocado a serviço de um posicionamento no campo discursivo. (MAINGUENEAU, 2008a). O sistema de restrições que permite ou veta o uso de determinados termos deve poder justificar o estatuto que atribui a cada termo. Maingueneau (2008c, p. 52) aponta para o fato de a língua não poder ser um instrumento neutro, “mas apropriada ao universo de sentido que o posicionamento pretende impor”. Essa apropriação é denominada pelo autor como interlíngua, espaço de confrontação de sentido. A noção de interlíngua dialoga com a proposição bakhtiniana de que a palavra serve como arena para a luta de classes³¹. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006a). Partindo dessa premissa, cristalizar o sentido de uma palavra identitária de uma formação discursiva dentro do universo discursivo significa manifestar a dinâmica semântica dessa formação como dominante sobre as demais. (MAINGUENEAU, 1997).

A cristalização de sentido em um termo por determinada formação discursiva não significa que os sentidos podem ser estabilizados, pelo contrário, a língua, como estoque lexical, é acessada de modos muito diversificados. De acordo com Maingueneau (1997), a “língua” está atravessada por inúmeros outros discursos de maneira que os contextos

³¹ A relação que se estabelece entre interlíngua e a palavra como arena de luta se dá pelo fato de que nenhuma formação discursiva possui um arcabouço vocabular específico, portanto, é pelo tratamento semântico que delega a cada vocábulo que determinada formação demarca seu posicionamento. A palavra atravessada pelos inúmeros sentidos sofre, por esse tratamento, uma tentativa de homogeneização.

dicionarizados nem sempre abrangem todas as explorações semânticas. Podem existir “explorações semânticas contraditórias das mesmas unidades lexicais pelos diversos discursos”. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 80). Enfim, as palavras, por suas virtualidades de sentido em língua, além de apresentarem um valor semântico estrito, passam a ostentar, pelo tratamento semântico que recebem, um estatuto de signos de pertencimento.

Na sequência, os temas tratados por um sistema de semântica global se constituem no terceiro plano constitutivo. Assim como nenhum discurso possui uma língua própria, mas acessa de acordo com seu sistema de restrições o estoque lexical da língua, também nenhum discurso é possuidor exclusivo dos temas que trata. “Nenhum tema é realmente original, dado que ele se reencontra em múltiplos outros discursos, até nos seus adversários”. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 82). De modo geral, podemos dizer que o tema é aquilo do qual um discurso fala. Por compreendermos que a temática se desdobra a partir do modelo de restrições semânticas, perceberemos que alguns temas são imprescindíveis para as articulações que configuram a semântica global de uma determinada formação discursiva. Dessa forma, todos os temas podem ser abordados por um sistema de restrições, mas o tratamento semântico dado a cada um deixará perceber o grau de relevância que esses temas ocupam dentro da formação discursiva, e isso é o que importa na análise sob a perspectiva de uma semântica global.

De acordo com Maingueneau (2008a), a existência de dois sistemas semânticos³² em um mesmo campo discursivo denota que alguns temas apresentarão similaridade, mas não podem ser vistos como temas partilhados já que sua oposição semântica é global. As disjunções que se registram de um sistema para outro devem ser explicadas pelo próprio sistema de restrições. Nos estudos de Maingueneau (2008a), apresentados na obra *Gênese dos discursos*, podem ser elucidadas essas disjunções. Na análise de Maingueneau (2008a) o discurso humanista³³ valoriza tudo o que contribui para a comunicação entre Deus e o homem. Dessa forma, a Virgem Maria, por sua possibilidade de pertencer ao mesmo tempo ao mundo terreno e ao mundo divino, representa uma continuidade de Deus para com os homens, bem como assume um papel de ligação entre os homens e Deus. À Maria é concebido um “duplo papel de mediadora: ela distribui a Graça divina e apresenta a Deus as súplicas dos homens”. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 86).

³² Podemos usar como exemplo de dois sistemas semânticos existentes em um mesmo campo discursivo o jansenismo e o humanismo estudados por Maingueneau (2008a).

³³ “Esse movimento se caracteriza por seu interesse pela prática religiosa e por sua vontade de harmonizar o cristianismo com certo otimismo naturalista provindo da Renascença”. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 28).

O discurso jansenista³⁴ se defronta com uma incompatibilidade temática quanto à figura mariana, pois seu sistema de restrições fundamenta-se na rejeição de qualquer mistura entre o natural e o sobrenatural. A única ligação aceitável dentro desse sistema de restrições é a figura de Cristo como elo de união entre Deus e os homens. Assim sendo, a figura de Maria é refutável, não há espaço para sua mediação, no entanto, descartá-la colocaria o discurso jansenista em uma situação embaraçosa, visto que daria à Virgem o mesmo espaço que a ela se reserva no discurso protestante. Como se pode ver, esse é um exemplo de tema imposto em que o discurso jansenista, antes de descartá-lo, se vê obrigado a integrá-lo de outra forma. O tratamento semântico dado à figura da Virgem Maria se sustenta como o estereótipo de “humildade”. Maria, para o jansenismo, é discursivizada como exemplo humano de humildade, pois, mesmo estando diretamente ligada ao Filho, compreende a necessidade de deixá-lo livre para a missão celeste e, na posição de alteridade, serve de exemplo por sua solicitude.

Cabe destacar, conforme classificação de Maingueneau (2008a), a forma como os temas são integrados semanticamente no sistema de restrições. Os temas específicos ocupam lugar privilegiado, pois estabelecem ligação íntima com o sistema de restrições. Já os temas impostos se apresentam de duas formas: podem ser compatíveis ou incompatíveis com o sistema de restrições. Os primeiros possuem certa tendência semântica em relação ao sistema, enquanto que os segundo são reestruturados, mesmo que *a priori* se apresentem inadequados, para que possam ser integrados ao sistema de restrições.

Outro plano do discurso no qual consiste a semântica global diz respeito ao estatuto do enunciador e do coenunciador. Para discorrer sobre essas duas instâncias do discurso, Maingueneau (2008a) parte da subjetividade enunciativa e a relaciona com a competência discursiva. As peculiaridades sobre a competência discursiva já foram revisadas nesse capítulo; urge elucidarmos a noção de subjetividade e seus desdobramentos. A noção de subjetividade é atribuída à Benveniste (1995). Falar de subjetividade em Benveniste (1995) é aceitar o laço embrionário que liga o homem à linguagem. Isto é, compreender o homem que se constitui na e pela linguagem. Nunca separado dela, nunca inventor dela. A existência do homem não pode ser concebida fora da linguagem. E, assim como constitui a si mesmo na linguagem, constitui também a outro homem. “A linguagem ensina a própria definição do homem”. (BENVENISTE, 1995, p. 285). Na linguagem é instaurada a condição de pessoa, ou, nas palavras do teórico da Enunciação “É um ‘ego’ que diz *ego*.” É nessa afirmação que

³⁴ “A corrente jansenista esteve viva até o final do século XVIII, [...] se transformou [...] em uma contestação sociopolítica, clara aliada dos filósofos” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 28).

reside a concepção linguística de pessoa, sendo essa uma das afirmativas benvenisteanas mais relevantes para entendermos o fundamento da subjetividade.

O fato de o homem se constituir na e pela linguagem comporta duas relações, uma antropológica e outra própria de língua. Na primeira concepção, o homem se constitui pela linguagem porque é por esse viés que ele se propõe como sujeito, é a linguagem que o possibilita de registrar sua existência. Já na segunda abordagem o homem se constitui na linguagem porque é somente no uso da língua, na realidade da linguagem que ele pode se afirmar sujeito. Vemos então que a subjetividade se assinala pela “capacidade do locutor [de se] propor como ‘sujeito.’” Aceitar essa visada teórica nos faz entender outra problemática levantada no parágrafo anterior: “É um ‘ego’ que diz *ego*.”

A princípio, nos parece uma repetição de termos que não se explicam, no entanto, no decorrer de seus estudos, Benveniste não deixa dúvidas. “[...] eu designa o locutor que este se enuncia como ‘sujeito’”. (BENVENISTE, 1995, p. 288). Em seus estudos sobre Benveniste, Flores (2013, p. 100) corrobora essa possível leitura dizendo que “os dois usos de ‘ego’ não podem ser tomados como sinônimos” e propõe uma paráfrase que elucidaria o fundamento linguístico de subjetividade: “é *sujeito* quem diz ‘eu’”. O sujeito assume o uso desse fundamento linguístico. Mas esse sujeito não provém simplesmente da linguagem, ele é fruto de um locutor. Como vimos, o locutor propõe-se como sujeito. O eu, referindo-se ao “ato do discurso no qual é pronunciado” (BENVENISTE, 1995, p. 288) é designado pelo locutor. Portanto, entendemos a subjetividade em Benveniste como sendo o locutor que se apropria da língua e passa a ser sujeito. Chegamos à afirmação de que é exclusivo do uso da língua o fundamento da subjetividade, pois a realidade que lhe propicia existir é a realidade do próprio discurso.

O pensamento de Benveniste nos deixa claro que o ato de apropriar-se da língua é próprio do locutor, portanto, não se pode pensar que é o sujeito quem toma posse da língua. O sujeito é a forma como o locutor se apresenta na língua. A passagem que ocorre de locutor a sujeito pela apropriação da língua é o cerne da subjetividade. Ao aceitarmos essa perspectiva, estamos concordando com a existência da categoria de pessoa na língua. Vemos, portanto, que a apropriação da língua faz do locutor um sujeito que fala e conseqüentemente o demarca linguisticamente com o *status* de pessoa. Podemos concluir então, sobre esse particular, que a subjetividade serve de testemunho de identidade no exercício da língua.

Mediante o percurso realizado sobre o pensamento de Benveniste, não podemos apreender as pessoas do discurso como indivíduos empiricamente demarcados, mas como “coordenadas que comportam os sujeitos do discurso e que a partir destes legitimam o dizer”.

(FACIN, 2012, p. 42). De acordo com Benveniste (1995, p. 289), a emergência da subjetividade é possibilitada pelo fato de a língua possuir formas vazias que podem ser adequadas à expressividade de quem intenciona delas fazer uso. O locutor, apropriando-se dessas formas que fazem referência à sua “pessoa”, se inscreve no discurso definindo-se como “eu” e delegando ao seu parceiro a definição de “tu”.

Fiorin (2004, p. 16) dá autenticidade ao que entendemos sobre o ato de o sujeito enunciar-se em Benveniste, quando diz que a enunciação “é a instância que povoa o enunciado de pessoas, de tempo e de espaços”. Para reforçar essa abordagem sobre a língua em uso e o processo de significar na língua, Benveniste (1995) ainda pondera que a condição de existência de um signo, de uma unidade semiótica, não está concentrada apenas na aceitação desse signo (paradigma), mas que seja passível de se relacionar com os demais signos (sintagma).

Entendemos esse processo de apropriação do sistema da língua e construção enunciativa como partes constituintes do estatuto do enunciador e do coenunciador, pois, de acordo com Charaudeau e Maingueneau (2014), a instauração de um sujeito “eu” fundamenta a consciência de si e instaura um “tu”, admitindo que “não existe subjetividade sem intersubjetividade”. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014, p. 456). A noção de subjetividade está embrionariamente ligada à construção da cenografia enunciativa e conseqüentemente ao ethos discursivo, uma vez que a constituição do sujeito na linguagem também controla a constituição do tempo e do espaço enunciativo. Após revisitarmos os debates benvenisteanos sobre a subjetividade na linguagem, convém retornarmos ao plano constitutivo que versa sobre o estatuto do enunciador e do coenunciador.

Conforme Maingueneau (2008a), é a partir de um discurso que serão definidos os estatutos do enunciador (EU) e do coenunciador (TU). Isso significa afirmar que dentro de determinado sistema de restrições cada enunciador terá um lugar específico de onde poderá enunciar-se, assim como o coenunciador será situado em outra localização específica estabelecida pelo sistema de restrições. O enunciador projeta, a partir do lugar que ocupa, uma imagem de si na busca por legitimação. A imagem do enunciador construída na enunciação e para validar a enunciação busca uma similaridade com um Sujeito Absoluto, valorizado e autorizado pela formação discursiva a partir da qual o sujeito se enuncia.

O estudo da subjetividade com vistas para o estatuto do enunciador e do coenunciador nos direciona para a construção da identidade e os efeitos de sentido apreendidos na enunciação. Muitos desses efeitos estão a serviço de uma cenografia acionada para legitimação. As práticas discursivas da imigração italiana em Nova Prata não são realizações

inertes no universo discursivo, elas partem de um enunciador construído unicamente pela enunciação e para validá-la. Esse enunciador não corresponde a um sujeito empírico, mas nos coloca diante de um movimento de subjetividade na linguagem, isto é, a presença do homem na língua, conforme descrição antropológica de língua para Benveniste (1995) e, a partir da qual se podem vislumbrar os manejos para a construção de uma cenografia a serviço da cultura e a construção de um ethos promotor de uma identidade cultural.

Os rastros da subjetividade podem ser arrestados na materialidade enunciativa. O sujeito que constrói sua cena de enunciação não desaparece da linguagem sem deixar vestígios, ele deixa uma imagem de si como fiador no discurso. O discurso comporta marcas da constituição do eu que se situa num tempo e num espaço; essas marcas constituem-se em outro plano constitutivo do discurso: a dêixis enunciativa. As pegadas que sinalizam o tempo e o espaço no discurso não necessariamente são marcas que podem ser verificadas empiricamente como datas e locais, elas estão a serviço de um sistema de restrições. Aliás, cada discurso instaura sua própria dêixis a partir de seu posicionamento no universo discursivo. (MAINGUENEAU, 2008a). O triângulo “pessoa (eu-tu) – aqui – agora” compõe as referências da enunciação que legitimam seu posicionamento. (MAINGUENEAU, 1997). O trabalho de legitimação só é possível porque a dêixis, longe de ser uma criação inédita, parte de outra dêixis, uma dêixis fundadora³⁵, captando sua forma de inscrição na história para legitimar seu sistema de restrições. A cronografia e a topografia (referências espaço-temporais) de uma dêixis fundadora fornecem boa parte da legitimação da cena enunciativa. (MAINGUENEAU, 1997).

Outro plano constitutivo apontado por Maingueneau (2008a) é o modo de enunciação, isto é, a maneira de dizer. O plano que define o estatuto do enunciador e do coenunciador está interligado ao plano que constitui o modo de enunciação, isso porque a maneira de dizer definirá os papéis do enunciador e do coenunciador. A maneira de dizer pode ser discutida a partir dos gêneros do discurso e, como sabemos, os gêneros estabelecem um lugar de onde fala o enunciador e sugere um lugar para que o coenunciador ocupe. De cada discurso, por meio de seus enunciados, se depreende uma voz que foi coercitivamente formada a partir do sistema de semântica global. “*A fé em um discurso supõe a percepção de uma voz fictícia, garantia da presença de um corpo*”. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 91, grifo do autor). Seja através de suporte oral ou escrito, cada discurso é proferido por uma voz, ou melhor, por um

³⁵ “A dêixis discursiva consiste apenas em um primeiro acesso à cenografia de uma formação discursiva; esta última possui ainda um segundo ponto através do qual é possível alcançá-la: trata-se da dêixis fundadora. Esta deve ser entendida como a(s) situação(ões) de enunciação anterior(es) que a dêixis atual utiliza para a repetição e da qual retira boa parte de sua legitimidade”. (MAINGUENEAU, 1997, p. 42).

tom que ganha corpo no próprio discurso. O termo *tom* é muito caro para Maingueneau (2008c), pois pode fazer referência tanto ao texto oral quanto ao escrito. O corpo do enunciador que é construído na própria enunciação não faz referência ao locutor extralinguístico, mas denota o mundo ético³⁶ de um enunciador que existe na enunciação afinado ao sistema de restrições semânticas. (MAINGUENEAU, 2008c).

Na orientação de Maingueneau (2008a), a fundação de um corpo no próprio discurso é um fator que não se dá a ver por si só, esse plano constitutivo só pode ser apreendido a partir da inter-relação que os demais planos estabelecem em obediência a uma semântica global. Maingueneau (2008a) ainda destaca que o *tom* suscitado por um discurso se apoia em dois aspectos, o caráter e a corporalidade. A partir dos traços psicológicos insurgentes do discurso vão sendo formadas as disposições mentais do caráter do enunciador que fala nesse discurso. As movimentações textuais e sua maneira de habitar esse corpo enunciativo constroem a corporalidade do enunciador. Nesse particular, podemos nos aproximar ainda mais de Maingueneau (2008a) quando diz que algumas teorias “antissubjetivistas” se apoiam na enunciação proferida a partir de um “lugar”, de uma “posição” atribuída previamente pelo discurso. Sob o prisma de uma semântica global, o enunciador não é apenas uma instância interpelada para que o discurso possa dizer-se. O enunciador opera na própria construção da enunciação com “‘tom’, ‘caráter’ e ‘corporalidade’ específicos”. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 93).

A discussão desse aspecto nos apresenta um providencial exemplo de que não podemos apreender os planos constitutivos isolados uns dos outros, uma vez que o valor que cada plano agrega ao discurso só pode ser acessado se analisarmos conjuntamente todos os planos. O tema, por exemplo, expõe, além de seu conteúdo, uma movimentação do enunciador que fala da própria enunciação, isto é, a enunciação tende, em muitos momentos, a se tornar tema do discurso e comprova que o universo desse discurso é repleto de regras que, de acordo com Maingueneau (2008a), vêm a ser as mesmas que operam sobre a enunciação.

Não podemos deixar que nossa abordagem se afrouxe por descuido com alguns conceitos. Quando falamos da corporalidade do enunciador nos referimos a uma abordagem enunciativo-discursiva que vê o enunciador como uma instância da enunciação e construída

³⁶ Podemos depreender de Bakhtin, em *Para uma filosofia do ato* (1997), que o mundo ético consiste em uma constante interpelação do outro sobre o meu enunciado, isto é, o ato ético denota que “agir é sempre comprometer-se, agir é sempre ser interpelado pelo outro do ponto de vista ético, agir é sempre ser chamado à responsabilidade e à responsividade”. (SOBRAL, 2008, p. 233). Em Maingueneau (2015, p. 18), o mundo ético, instaurado pelo ethos discursivo, “subsume um certo número de situações estereotípicas associadas a comportamentos”. Considerando que é por vias do próprio enunciado que o fiador deve legitimar sua maneira de

para validar a enunciação, por isso a necessidade de ganhar corpo, ou melhor, incorporar o discurso. Esse movimento enunciativo pode ser confundido com o trabalho da retórica que descreve as intenções do enunciador com vistas a persuadir o público de uma identidade enunciativa que não necessariamente seja a sua. Preocupado em evitar equívocos dessa natureza, Maingueneau (2008a, p. 93) descreve o conceito de incorporação a partir de sua visada enunciativo-discursiva, pois

1. O discurso, através do corpo textual, faz o enunciador encarnar-se, dá-lhe corpo;
2. Esse fenômeno funda a “incorporação” pelos sujeitos de esquemas que definem uma forma concreta, socialmente caracterizável, de habitar o mundo, de entrar em relação com os outros;
3. Essa dupla “incorporação” assegura, ela própria, a “incorporação imaginária” dos destinatários no corpo dos adeptos do discurso.

Vemos que a incorporação do enunciador não se resume apenas ao constructo de um corpo enunciativo para si, mas aponta para o corpo de um fiador “socialmente caracterizável” que valida o discurso. Esse fiador expõe sua maneira de mover-se no espaço social, expõe seu comportamento, na expectativa de que o coenunciador, embasado nas representações sociais e nos estereótipos, o reforce. (MAINGUENEAU, 2008c). O fiador é a porta de acesso ao mundo ético do discurso de onde provém, por esse motivo a incorporação opera também sobre o coenunciador. Longe de encarar o coenunciador como receptáculo de ideias, em análise do discurso, tanto o enunciador quanto o coenunciador participam ativamente na construção da enunciação, reforçando, por essa agentividade, a assimetria na linguagem. (MAINGUENEAU, 2013).

Dessa forma, não podemos pensar que a noção de fiador de um discurso está atrelada apenas ao enunciador, tampouco é uma instância implicada unicamente pelo coenunciador. O fiador é uma instância implicada pela enunciação, dado que os envolvidos em um discurso estão mutuamente ligados ao fiador. De que forma? A construção de um ethos em busca de legitimação requer que o enunciador apoie-se em índices estereotípicos valorizados, ao mesmo tempo em que o coenunciador tira informações desses mesmos índices liberados na enunciação. (MAINGUENEAU, 2015). A maneira de enunciar-se autoriza e requer que o enunciador construa uma imagem de si e, à medida que se esforça por ser validado, os índices discursivos que depreende para a construção de sua imagem contribuem para estabelecer a relação com o coenunciador. (AMOSSY, 2008a), isso porque “a imagem quer causar impacto e suscitar adesão”. (AMOSSY, 2008a, p. 17).

dizer, a fala constitui gradativamente “uma identidade compatível com o mundo que se supõe que ele [o fiador] faz surgir em seu enunciado”. (MAINGUENEAU, 2008b, 73).

Acima de tudo, recorrer à noção de ethos é uma opção teórica, conforme Maingueneau (2008b), que oportuniza considerar a reflexividade enunciativa e a relação entre corpo e discurso. A reflexividade impõe a necessidade de validar-se progressivamente e a relação entre corpo e discurso supõe: a) a possibilidade de dar corpo ao fiador do discurso; b) a possibilidade de o coenunciador assimilar uma forma socialmente caracterizável de habitar o mundo; c) a possibilidade de constituir uma comunidade imaginária por meio da adesão de um mesmo discurso. Eis o processo triplo de incorporação descrito por Maingueneau (2008b). Veremos mais detalhadamente as implicações acerca do ethos discursivo e da imagem de si no discurso na seção 3.3.

Resta ainda falarmos de um plano que, segundo Maingueneau (2008a), instaura-se a partir da interdiscursividade: o modo de coesão. De acordo com o autor, a forma como um discurso constrói sua rede de remissões internas também deve ser analisada como parte constituinte e constituída do discurso. Dois aspectos referentes ao modo de coesão são elencados por Maingueneau (2008a): o recorte discursivo e os encadeamentos. Conforme descrições do autor, “o ‘recorte discursivo’ se exerce num nível fundamental, atravessando as divisões em gêneros constituídos”. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 94). Essa descrição indica que cada sistema tem uma forma específica de registrar-se em consonância com seu sistema de restrições. Para usarmos os exemplos do autor, a maneira como o discurso jansenista se inscreve aponta para uma familiaridade com o fragmento, seus recortes discursivos delimitam sua produção em máximas, ensaios, cartas, coletâneas de citações etc, não mais que isso. Já o discurso humanista segue as coerções que o impulsionam para grandes produções, a organização de vastos ciclos e organização do cosmos. Vale lembrar que o recorte discursivo “não apresenta pertinência real, a não ser quando relacionado ao sistema que lhe atribui sentido”. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 95).

Quanto aos encadeamentos, Maingueneau (2008a) conduz nosso olhar para a superficialidade, no entanto, sempre integrada ao sistema de coerções. A maneira como um sistema constrói seus parágrafos, seus capítulos, a forma como argumenta ou se desloca de um tema a outro são fatores que não escapam “à carga da semântica global”. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 96). Enfim, a estruturação textual (entenda-se oral ou escrita) passa pelo crivo das restrições que compõem o sistema semântico.

Como podemos ver, assimilar o discurso sob a ótica de uma semântica global nos faz reconhecer que o discurso não é apenas um “sistema de ideias” prontas para serem faladas. Os sujeitos não apenas ocupam um lugar discursivo para que as ideias que não produziram expressem-se por eles. Reconhecer o dinamismo próprio da subjetividade é admitir que o

sujeito opera sobre o discurso. No entanto, não se pode pensar que esse espaço de operação é aberto às forças externas, pelo contrário, esse espaço possui um sistema que guia a movimentação do sujeito na linguagem. O percurso que realizamos explorou os sete planos constitutivos de uma semântica global que orienta o sujeito na construção da enunciação.

Dando sequência, a construção da enunciação é um dos fatores sobre o qual nos debruçaremos a seguir, posto que é no ato enunciativo em que se pode perceber o constructo cenográfico realizado para a legitimação do discurso e é de onde se depreende a personalidade de um enunciador encarnado. A ideia de construção de um quadro cênico recebe as primeiras pinceladas em *Gênese dos discursos* (1984/2008a). Dada a frutífera movimentação dos sete planos do discurso, o estudo da cena da enunciação é ampliado por Maingueneau em obras posteriores, entre elas *Novas tendências em análise do discurso* (1997).

A seguir, realizaremos o trajeto teórico sobre o cenário enunciativo proposto por Maingueneau (1987/1997, 2005/2008b, 2006/2008c, 2013).

3.2 CENOGRAFIA: DO CENÁRIO À LEGITIMAÇÃO DA ENUNCIAÇÃO

Embora o título dessa seção sugira que nos dirijamos diretamente à cenografia enunciativa, convém que estabeleçamos algumas noções muito presentes nesse trabalho. São elas: enunciação e enunciado. A noção de enunciação aqui adotada se difere da descrição dada ao mesmo termo numa abordagem linguística. A concepção que se alinha prevê a conceituação discursiva de enunciação, cujo acontecimento é sempre situado em um contexto e cravejado por uma multiplicidade de dimensões sociais e psicológicas (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014).

Nessa perspectiva, podemos estabelecer que enunciação é o ato de produzir enunciados, enquanto que o enunciado se configura como a marca verbal produzida na enunciação, independente de sua extensão. A noção de enunciado é ativada neste estudo para nos fornecer rigidez quando nos referirmos a qualquer marca verbal proveniente das práticas discursivas das mulheres da imigração italiana em Nova Prata. Dessa forma, um conto, uma entrevista e até mesmo um provérbio terão valor de enunciado, uma vez que se apresentam como unidades elementares de comunicação no que se refere ao gênero discursivo.

Conforme Maingueneau (2013), falar é uma ação, pois a fala intenciona modificar uma situação. Na busca por adesão à mudança, todo discurso institui a cena de enunciação que o legitima. Como resultado desse esforço por legitimação, a enunciação instaura uma cenografia enunciativa. Ora bem, se a fala é encenada, ela precisa convencer e, portanto,

necessita validar-se progressivamente na própria enunciação. Isso significa que a cenografia é “a fonte do discurso e aquilo que a engendra”. (MAINGUENEAU, 2002, p. 87). A análise pragmática, segundo Amossy (2008a), se funda na ideia de troca, tendo em vista que a interpretação de um enunciado implica na competência discursiva. Essa competência, como já vimos, além de servir para interpretar enunciados, corresponde ao fato de o enunciador adequar-se às regras de seu posicionamento discursivo para produzir enunciados.

O enunciador que fala enquanto mulher advinda da colonização italiana em Nova Prata frequentemente se depara com seu outro, e constantemente constrói cenas a partir de seu posicionamento para validar seu dizer. Além de buscar legitimação em seu outro, tal enunciador necessita legitimar a própria enunciação e pautar-se como autorizado a falar desse lugar. Nessa busca por legitimação são frequentes as recorrências a práticas valorizadas nessa cultura, tais como o trabalho, o casamento e a posse de bens. Para o discurso da italianidade, é imprescindível que sejam validados os enunciados que o retratam em sua cenografia, posto que estamos tratando de culturas em busca de uma dominação simbólica. Se a enunciação falhar, o poder simbólico exercido por esse discurso é enfraquecido.

Nem todo o gênero do discurso permite a construção de uma cena específica. Alguns gêneros implicam cenografias estabilizadas. (MAINGUENEAU, 2013). As cenografias estabilizadas são impostas pelo gênero, como é o caso de um edital ou um relatório técnico. Maingueneau (2013) denomina que a cena da enunciação se restringe a uma cena genérica já estabelecida. Isso significa conceber um discurso por intermédio dos gêneros discursivos. (MAINGUENEAU, 2013). A ideia de cena genérica é importante, pois define os papéis a serem desempenhados na cena de enunciação de acordo com o gênero em questão.

Outros gêneros permitem e exigem que se proceda com a construção de um “dispositivo de fala”. “O locutor deve dizer construindo o quadro desse dizer, elaborar dispositivos pelos quais o discurso encena seu próprio processo de comunicação, uma encenação inseparável do universo de sentido que o texto procura impor”. (MAINGUENEAU, 2008c, p. 51). Esse dispositivo apontado por Maingueneau (2008c, 2013) recebe o nome de cenografia. O autor ainda destaca que *-grafia* tem sentido circular, isto é, os planos constitutivos estão todos imbricados nessa construção cenográfica: um discurso ligado a um enunciador e direcionado a um coenunciador, em um lugar e um momento enunciativo validam a instância que os permite existir. “Por esse motivo, a cenografia está ao mesmo tempo na nascente e no desaguadouro da obra”.

A noção de cenografia não pode ser usada ingenuamente como algo estável, dada previamente para que dela a enunciação se desenvolva. A construção da cenografia é um

“processo de inscrição legitimante” (MAINGUENEAU, 2008c, p. 51) que se desdobra em círculo: ela retrata um mundo enunciativo a partir de um discurso, com a configuração de um ethos e sob as restrições de um sistema semântico para que essas instâncias sejam validadas e validem a emergência dessa cenografia. “Essa cenografia onde nasce a [enunciação] é precisamente a cenografia exigida para enunciar como convém”. (MAINGUENEAU, 2013, p. 98). Olhar para o texto como rastros de um discurso no qual a fala é encenada nos obriga a investigar todas as camadas de seu interior. Para isso, Maingueneau (2010) nos fornece a distinção entre as três cenas que se complementam na enunciação: a cena englobante, a cena genérica e a cenografia.

A cena englobante corresponde ao tipo de discurso, que pode ser amplamente identificado como: religioso, político, publicitário, filosófico, científico etc. Quanto à cena genérica, cabe destacar que os locutores só “interagem em cenas englobantes através de *gêneros de discurso* específicos” (MAINGUENEAU, 2010, p. 206, grifo do autor), isto é, a cena da enunciação é delimitada pelo gênero discursivo. Outro fator importante, referente à cena genérica é que “o simples fato de que um texto pertence a um gênero de discurso [...] induz expectativas em matéria de ethos.” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 71). O terceiro nível – a cenografia – exige que a enunciação construa um quadro cênico para legitimar-se, como vimos, é a construção de seu próprio dispositivo de fala. O autor entende que “uma cenografia só se manifesta plenamente se puder controlar o próprio desenvolvimento, manter a distância em relação ao coenunciador.” (MAINGUENEAU, 2002, p. 88).

Conforme os estudos de Freitas (2011, s.p.), “a enunciação leva o quadro cênico (cena englobante e cena genérica) a se deslocar para um segundo plano, pois quando um texto apresenta uma cenografia, é por meio dela que esse texto se ‘mostra’ ou se ‘dá a conhecer’ a seu coenunciador.” Esse comentário se justifica pela afirmação de Maingueneau (2008b) ponderando que há alguns gêneros que não fornecem espaço para suscitar cenografias, como receitas culinárias, bulas de remédio, editais entre outros.

Maingueneau (2008b) aponta para o fato de a cenografia, em muitas ocorrências, apelar para as cenas de fala já instaladas na memória coletiva, as cenas validadas. As cenas validadas já existem em algum lugar no interdiscurso, elas preexistem ao discurso que as evoca. Mas também, são interiores, pois se configuram de acordo com o universo próprio do discurso para o qual são evocadas. Essas cenas são filtradas pelo sistema de restrições para garantir uma estabilidade semântica.

Seguindo os passos de Maingueneau (2008b, 2008c, 2013), apreendemos nosso objeto de estudo como parte do discurso político-cultural, no que tange à cena englobante. Para

entendermos as implicações das manifestações culturais e da luta pelo poder simbólico, mobilizamos as concepções de cultura em De Certeau (1994, 1995) e Geertz (2008), bem como a noção de poder simbólico em Bourdieu (1989).

Portanto, a cena que é construída para determinada fala é exatamente a cena requerida para legitimar aquela enunciação. Ao falarmos em cenografia construída, referimo-nos ao processo pelo qual passa a enunciação para legitimar seu dizer, portanto, não podemos apreender a cenografia enunciativa como algo estanque, pronto para ser usado. “A fala supõe uma certa situação de enunciação que, na realidade, vai sendo validada progressivamente por intermédio da própria enunciação.” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 77). Conceber a cenografia com esse duplo olhar é admitir o que afirma o título dessa seção, o discurso constrói um cenário que circula em torno da enunciação e, de retorno, legitima assim como é legitimada pela enunciação.

Consideramos, então, que o ato enunciativo não é validado apenas com a construção eficiente de uma cenografia. Todo ato enunciativo necessita de um enunciador encarnado, Maingueneau (2008c) o conceitualiza como ethos discursivo, isto é, a personalidade do enunciador que se reveste de algumas características para que a enunciação seja aceitável ou não. A noção de ethos e suas peculiaridades serão expostas na próxima seção.

3.3 ETHOS DISCURSIVO: NO FIO DISCURSIVO, O FIADOR

O fio do discurso é a fonte de onde brotam os detalhes mais ínfimos do ethos. Ao longo da enunciação, esse enunciador encarnado esforça-se por legitimar a fonte que lhe dá vida. Descrever o movimento do ethos sob essa mirada discursiva é apenas um dos usos que se tem feito desse termo tão problemático. A retórica grega, nos estudos de Aristóteles, deu início ao uso de conceito elencando-o como artifício essencialmente artístico na arte da persuasão. Sua principal característica era garantir a adesão do auditório. Segundo Maingueneau (2008c), o ethos retórico consiste em ganhar a confiança dos ouvintes e é, nesse viés construído pelos próprios ouvintes, que são atribuídas as propriedades a essa instância. Construir um ethos para a retórica grega consistia em uma atividade dinâmica em que se somavam os argumentos (*logos*), as paixões (*pathos*) e os costumes (*ethos*), a fim de adequar-se à afetividade dos destinatários. O ethos da retórica estava intrinsecamente ligado à oralidade, enquanto que o ethos discursivo proposto por Maingueneau (2008c) nos permite apreender a imagem de um enunciador, tanto na escrita quanto na oralidade.

Outro uso da noção de ethos foi realizado pela pragmática. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014). Na proposição de uma teoria polifônica da enunciação, Oswald Ducrot emprestou o termo da retórica e propôs outra conceitualização em que o ethos se associava ao locutor, distinguindo que o ethos apenas era mostrado na enunciação e não dizia de si no enunciado. (MAINGUENEAU, 2008c). A noção de ethos adotada para esse estudo se coloca na esteira da discursividade e configura-se como o resultado do movimento enunciativo que se dá na cenografia.

Duas razões me levaram a recorrer à noção de ethos: seu laço crucial com a reflexividade enunciativa e a relação entre corpo e discurso que ela implica. É suficiente ver a instância subjetiva que se manifesta por meio do discurso apenas como estatuto ou papel. Ela se manifesta também como “voz” e, além disso, como “corpo enunciante”, historicamente especificado e inscrito em uma situação, que sua enunciação ao mesmo tempo pressupõe e valida progressivamente (MAINGUENEAU, 2008b, p. 70).

Maingueneau (2013) parte do princípio de que a linguagem é assimétrica e, portanto, coloca em risco os significados pretendidos pelo enunciador quando entram em processo de interpretação pelo coenunciador. Interpretar um enunciado implica reconstruir seu sentido partindo de indícios deixados no enunciado produzido, “mas nada garante que o que ela [a pessoa] reconstrói coincida com as representações do enunciador.” (MAINGUENEAU, 2013, p. 22). Dessa forma, o ethos é instituído para assegurar o universo de sentido oportunizado no discurso. O ethos, de acordo com Freitas (2010, p. 180), “liga-se ao orador, por meio, principalmente, das escolhas linguísticas feitas por ele, as quais revelam pistas acerca da imagem do próprio orador”. Como instância subjetiva desse processo, podemos citar o fiador, que transparece no texto por meio do tom que o ethos denota. Ainda nesta seção discorreremos mais sobre o tom. O fiador é quem se responsabiliza pelo que é falado, assumindo uma corporalidade e caráter conforme conjunto de representações sociais variadas, valorizadas ou não, sobre as quais se sustenta a enunciação.

Falar de representações sociais requer que tratemos dos processos de estereotipagem que, segundo Amossy (2008b), desempenham importante papel na constituição do ethos. Para que a imagem que o enunciador lança de si no discurso pareça legítima, é necessário que essas imagens integrem o conjunto de representações partilhadas pela doxa³⁷. Amossy (2008b) nos proporciona um esclarecimento que se insere na descrição de cultura em Geertz (2008) e do poder simbólico em Bourdieu (1989). De acordo com a autora,

³⁷ A noção de doxa, usada pelos filósofos gregos, indica crença comum em oposição ao conhecimento científico. No contexto desse trabalho, a doxa, ou bagagem dóxica é associada aos símbolos já validados que servem de base para o processo de estereotipagem.

a estereotipagem [...] é uma operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado. Assim a comunidade avalia e percebe o indivíduo segundo um modelo pré-construído da categoria por ela difundida e no interior da qual ela o classifica. (AMOSSY, 2008b, p.125-126).

Se pensarmos a instauração de esquemas socialmente caracterizáveis a serem incorporados por uma comunidade formada a partir da adesão a um discurso, então a ativação de um mundo ético que seja legitimado precisa estar de acordo com esses esquemas pré-construídos. Além disso, a constituição de um ethos como imagem do enunciador no discurso e como comportamento que articula o verbal e o não verbal necessita levar em conta as expectativas do auditório, ou melhor, do coenunciador. Mas esse coenunciador não é simplesmente um indivíduo caracterizado empiricamente. Enquanto instância discursiva, o coenunciador é portador de uma bagagem dóxica que será ativada por meio da enunciação. De acordo com Maingueneau (2013), a atividade do coenunciador é incisiva, pois ele é o responsável por definir o contexto do qual vai tirar as informações para a interpretação dos enunciados.

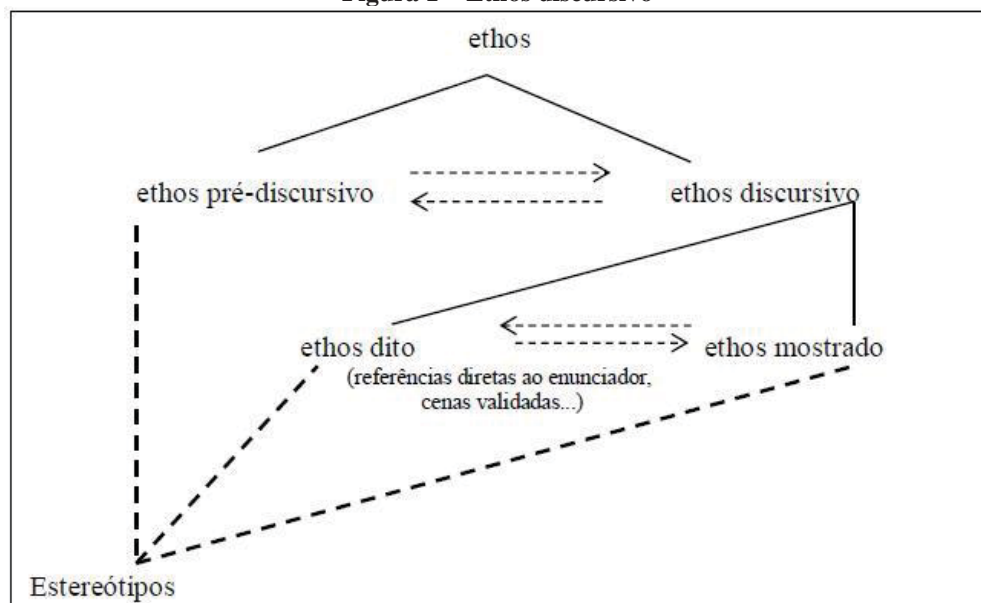
Assim como coenunciador, o enunciador também fala de um lugar sócio-histórico. Freitas (2010, p. 179) entende que o enunciador, inserido em determinada ‘cena enunciativa’, por vias do fiador, assume um ethos a fim de ativar um mundo ético. Assim, concebe-se, para a análise do discurso, o ethos como “parte constitutiva da cena da enunciação.” Quanto à terminologia, no que concerne a análise do discurso, ethos assume o sentido de uma construção da “*imagem de si* por meio do discurso”. (FREITAS, 2010, p. 179). Essa postura é fortemente comprovada nas palavras de Maingueneau (2002, p. 99) quando afirma que a “maneira de dizer [...] remete a uma maneira de ser.” Maingueneau (2008b) entende que o fiador deve legitimar sua maneira de dizer pelo seu próprio enunciado e, conforme Freitas (2010, p. 180), não é possível “dissociar a organização dos conteúdos e a legitimação da cena de fala”, isso porque desde as escolhas linguísticas até o tratamento dado aos conteúdos podem ser percebidas pistas da imagem do enunciador na construção da cena da enunciação.

Mas de que forma o ethos pode assegurar os sentidos no operar interpretativo do coenunciador? Pois bem, o ethos “deve estar afinado com a conjuntura ideológica.” (MAINGUENEAU, 2002, p. 100). Além disso, espera-se que o coenunciador, também afinado ao mesmo domínio ideológico, reconheça o seu papel no gênero do qual co-participa. Atendidas essas necessidades, o ethos vem a ser o “tom que dá autoridade ao que é dito.” (MAINGUENEAU, 2013, p. 111). O tom que se percebe no enunciado dá uma imagem do enunciador. Legitimada essa imagem como fiador do enunciado reforça-se a autoridade do

tom que o ethos se auto delega. O caráter (traços psicológicos) e a corporalidade (compleição corporal e maneira de se movimentar no espaço), fatores constituintes do fiador, possibilitam a apreensão global do ethos discursivo. Maingueneau (2008a) formaliza o termo *tom* como toda vocalidade do discurso, seja ele oral ou escrito. O tom que possibilita a vocalidade garante perceber a identidade de um determinado posicionamento discursivo. Nesse sentido, o discurso é tomado como um acontecimento que se inscreve em uma configuração sócio-histórica e não pode sofrer uma dissociação entre seus conteúdos e o modo com que sua cena discursiva se constrói para legitimá-lo.

Retomando a dimensão global do ethos, podemos afirmar que, antes de chegarmos a essa totalidade, temos acesso a outras instâncias do ethos. Segundo Maingueneau (2008b), a classificação de ethos se configura em ethos pré-discursivo e ethos discursivo. Como ethos pré-discursivo, é relevante a caracterização prévia que o coenunciador faz do enunciador, pois serve como avalista para o que se pode apreender do ethos discursivo. O ethos discursivo é configurado por dois vieses de análise: o ethos dito e o ethos mostrado. O ethos dito é o que o enunciador deixa transparecer de sua imagem em seu discurso e dessa deixa se vai formalizando a instalação do ethos; já o ethos mostrado é aquilo que o enunciador fala sobre sua imagem como forma de construir-se no discurso, isto é, as marcas linguísticas que fazem referência à sua figura enquanto enunciador. Embora pareça simples a delimitação desses termos, enfatizamos que definir a fronteira entre eles é uma tarefa bastante complexa. A interação de todos esses níveis de ethos resulta no que Maingueneau (2008c) chama de ethos efetivo, conforme mostra a Figura 1.

Figura 1 – Ethos discursivo



Fonte: Maingueneau (2008b, p. 83)

Tal como a cenografia que não é dada pronta para ser usada na enunciação, e, sim, construída ao longo do processo enunciativo, o ethos também está para o mesmo serviço. Isso significa que “ao mesmo tempo que o enunciador constrói seu ethos para validar seu discurso, é o próprio discurso que também valida e dá corpo ao enunciador. É como um processo em espiral.” (FACIN, 2012, p. 55). Como se pode ver o ethos provoca um processo interativo, pois busca uma legitimação através da imagem que constrói para o outro. Certamente que a noção de ethos apreendida no discurso não se refere a uma imagem de um locutor fora da enunciação. Conceber a imagem de um enunciador unicamente pelo viés da enunciação e aceitar que todos os fatores que compõem seu caráter e sua corporalidade são expressos exclusivamente pela enunciação é admitir que os fatores psicológicos e sócio-históricos encontram na composição do ethos, instância enunciativo-discursiva, um canal de expressão. “A construção de um ethos discursivo é assim privilegiada, uma vez que é indissociável de um posicionamento político”. (AMOSSY, 2008a, p. 23). Essa afirmação nos interessa do ponto de vista da construção da identidade como instância discursiva, uma vez que todos os componentes da conjuntura sócio-histórica como imagem de si passam pela linguagem através da constituição de uma personalidade enunciativa e dependem da recorrência, por meio do ethos, ao fiador daquele discurso.

A imagem de si e a incorporação do outro no discurso nos induzem a olhar para as práticas discursivas das mulheres da imigração italiana em Nova Prata como um constructo em que é ativado um mundo ético por vias do trabalho árduo, da constituição de uma família numerosa, da farta gastronomia, da valorização do sofrimento dos ancestrais e que, qualquer enunciador desejoso por legitimar-se como enunciador da imigração italiana, precisa estar afinado aos esquemas estereotípicos já estabelecidos. O ethos que intenta legitimar-se necessita instalar-se como fiador desse discurso atendendo aos modelos culturais que fornecem a identidade de como comportar-se enquanto mulher nessa comunidade. A imagem do enunciador legítimo da cenografia da imigração italiana só pode ser conquistada se o enunciador acatar todos os preceitos que se exigem de um indivíduo que se diz descendente da italianidade.

Na sequência, apresentamos a metodologia que guia esse trabalho e a análise do *corpus* selecionado para este estudo.

4 METODOLOGIA E ANÁLISE

A análise produzida nesse estudo é balizada pelos procedimentos metodológicos expostos a seguir. Além de dedicar um espaço para a elaboração dos procedimentos metodológicos e a análise em si, o presente capítulo apresenta o método de pesquisa pensado para esse estudo e a constituição do *corpus* que possibilita nossa investigação. Por se tratar de uma pesquisa com abordagem qualitativa, faz-se necessário fixar os critérios elegidos para a formulação das hipóteses e suas conseqüentes corroborações.

O aporte teórico-metodológico traçado por Maingueneau (2008a) é o que sustenta o estudo que empreitamos sobre as práticas discursivas das mulheres da imigração italiana em Nova Prata. Não intencionamos propor uma análise quantitativa sobre o discurso da imigração italiana, pois, segundo o entendimento de Maingueneau (2008a), seria uma tarefa desnecessária visto que a compreensão de determinado sistema de restrições através dos planos constitutivos do discurso é um caminho que nos permite apreender toda e qualquer produção como proveniente do mesmo sistema semântico que rege a formação discursiva³⁸ em análise. Assim, partir de algumas produções seria tomar essas práticas discursivas como representantes de boa formação semântica oriundas de um todo e que, com base nas características identificadas, poder-se-ia perceber a mesma regulação semântica nas demais produções do mesmo discurso. Dessa forma, o recorte que realizamos restringe nosso *corpus* a alguns registros de mulheres, oriundos da comunidade discursiva descendente da imigração italiana em Nova Prata.

A procedência desse recorte poderia ser problemática se abordássemos única e puramente as unidades textuais de forma a promover uma descrição de pistas, resquícios que sobrevivem no enunciado. No entanto essa problemática é anulada, pois levamos em conta a orientação que Maingueneau (2008a, p. 19) nos dá quando afirma que a enunciabilidade de um discurso “não é uma propriedade [...] atribuída por acréscimo” aos indivíduos, “mas algo radical, que condiciona toda a sua estrutura”. Conforme o autor, nos estudos sobre o discurso se mantêm duas fortes tendências:

Os métodos de análise tendem, com efeito, a impor o seguinte dilema: ou pretendemos captar o discurso em sua globalidade e, para fazer isso, devemos negligenciar a textura “superficial”, a diversidade e o imbricamento de arranjos possíveis, para elaborar modelos “profundos”; ou estudamos essa textura em toda a sua complexidade e então nos atemos a análises locais, cujos detalhes desqualificam os modelos “profundos”. (MAINGUENEAU, 2008a, p.18, grifo do autor).

³⁸ Conforme já expusemos, “formação discursiva”, de acordo com a definição metodológica de Maingueneau (2008a), corresponde ao sistema de restrições de boa formação semântica.

A contribuição epistemológica de Maingueneau (2008a) intenciona desviar-se dessa disjuntura e dar atenção conjuntamente aos dois níveis, propondo, inclusive a desconstrução da noção de níveis textuais, visto que não estamos tratando de estruturas arquitetônicas, mas de um todo global de sentido, isto é, a significância que domina a discursividade, cujos planos estão todos a serviço de um sistema de coerções e, no caso desse estudo, o sistema de coerções corresponde ao discurso da imigração italiana em Nova Prata. Abarcar a significância sob essa perspectiva é apreender a um só tempo o enunciado e a enunciação, o produto e o ato de produção.

Visto às peculiaridades que tangem a enunciabilidade nos propomos a analisar um vídeo documentário produzido pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Nova Prata, com vistas para a construção cenográfica da imigração e a instituição de um ethos culturalmente aprovado. Na seção 4.2 são apresentados maiores detalhes sobre o *corpus* desta pesquisa.

Mais uma vez precisamos reforçar que a análise de dados em grande quantidade é desnecessária e exaustiva, uma vez que o problema de pesquisa exige uma análise com abordagem qualitativa. Tal exigência se faz por estarmos operando com a proposta teórico-metodológica de Maingueneau (2008a) e, portanto, ao corroborarmos algum resultado mínimo, podemos ampliá-lo como parte que recebeu o tratamento semântico de uma globalidade. A seguir, consta a apresentação do *corpus*, dividida em duas seções: primeiramente apresentamos um breve histórico do processo de colonização italiana na região de Nova Prata, bem como alguns dados socioeconômicos que estão diretamente ligados à maneira como a italianidade tem utilizado esse espaço; a segunda seção descreve a constituição do *corpus* elencado para essa pesquisa. Após a exposição das duas seções descritas, constam os procedimentos metodológicos que possibilitam a investigação das questões norteadoras acima delimitadas.

4.1 ‘MÉRICA! MÉRICA’: SÍNTESE HISTÓRICA DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NA SERRA GAÚCHA

O intuito que move a elaboração dessa seção é o de traçar um breve percurso histórico da imigração italiana na serra gaúcha, mais especificamente na região de Nova Prata. Sabemos que a imigração italiana não é uma exclusividade dessa região, pois muitos são os registros de pesquisas que mapeiam a presença não só do italiano, mas de povos europeus, em sua multiplicidade, em solo brasileiro. Contudo, especificar o trajeto histórico da imigração ao

âmbito da região de Nova Prata é uma decisão de pesquisa que, a nosso ver, orienta o trabalho analítico, pois esclarecidos pelo contexto não só topográfico, mas também cronográfico, teremos condições de entender a formulação de algumas restrições que operam no sistema semântico dessa comunidade.

De acordo com os estudos de Xerri (2004), o território sul-rio-grandense foi incorporado no sistema exploratório de colonização tardiamente, século XVI, se comparado a outros territórios há muito tempo explorados no país. A região onde hoje se localiza o município de Nova Prata já foi uma região dominada por habitantes primitivos, indígenas oriundos da matriz Kaingang³⁹, sem a menor atividade econômica capitalista. A presença do imigrante europeu consta como uma iniciativa do governo brasileiro em tentar ocupar as terras que outrora eram improdutivas e ocupadas por indivíduos que não reconheciam a autoridade do Império, são eles os índios “coroados”.

O enorme investimento do governo em ocupar as terras do sul do país é apenas um dos fatores que resultou no deslocamento da grande massa de imigrantes europeus para essa região. Conforme Xerri (2004, p. 45), a imigração europeia foi marcada por “adversidades políticas, econômicas e sociais” no Velho Mundo, de modo que a sobrevivência de muitos europeus era um tesouro escondido longe de sua terra natal. A inserção de imigrantes se deu com grande força no século XIX. A primeira grande leva recebida em solo gaúcho inicia-se em 1824 e tem como integrantes basicamente imigrantes alemães. Aos alemães foi direcionada a ocupação dos vales do rio dos Sinos⁴⁰ e do Caí⁴¹. Cabe ressaltar que em algumas partes dos Campos de Cima da Serra⁴² já se encontrava estabilizada a ocupação dos lusos. Após a criação de projetos de colonização entre 1847 e 1874 (GALEAZZI, 1982) e, sob a responsabilidade de companhias como a de Caetano Pinto, deu-se a chegada dos italianos. A estes restou a ocupação do território da zona das matas, na Serra Geral, região intermediária entre os alemães e lusos. (XERRI, 2004).

É com De Certeau (1995) que empreitamos a análise sobre a maneira de utilizar o espaço como uma maneira de gerar significado, isto é, como uma maneira de gerar cultura, e/ou como uma maneira de gerar-se da cultura. É com Bosi (1992) que lemos a descrição

³⁹ Matriz Kaingang designa um dos mais numerosos povos indígenas do Brasil que se desenvolveu ocupando a região sul e sudeste do país. Hoje, de acordo com a Funai, os indígenas dessa etnia somam o número de 37.000 em todo o Brasil, estando 23.000 situados no Rio Grande do Sul.

⁴⁰ Pertencente à região metropolitana de Porto Alegre, o vale do rio dos Sinos, leva esse nome em razão de se configurar em um extenso e fértil vale ao longo do rio dos Sinos.

⁴¹ Região localizada entre a depressão central, a serra geral e o planalto do Rio Grande do Sul, ao norte da capital do estado.

etimológica de cultura (*colos / cultus*) como uma qualidade resultante do cultivar, ação empreitada ao longo dos anos. Cultivar, nessa descrição, comporta o caráter cumulativo, comporta a noção de memória. Assim como uma terra *culta* é o resultado de anos de cultivo, um homem *culto* também é o resultado obtido ao longo do incontável tempo que vem sendo cultivado, isto é, o resultado de uma memória obtida por uma maneira particular de cultivar o ser humano de acordo com um sistema específico de representação simbólica. E, no que tange o deslocamento dos italianos para o Brasil do século XIX, é com Farina (1986) que abordamos as noções de imigração e colonização. Embora muito íntimas entre si, essas duas noções explicam, em suas peculiaridades, o processo pelo qual foi impingido a passar o imigrante europeu na América, no Brasil, no Rio Grande de Sul, em Nova Prata.

Abandonar a terra natal, buscar condições de sobrevivência, sentir na sola dos pés a textura de um chão que nunca foi seu, são algumas facetas da imigração. De acordo com Farina (1986, p. 13), imigrar, no contexto do indivíduo italiano, configura-se no “abandono pouco espontâneo, mas ao contrário, forçado devido o conjugar de fatores difíceis de serem suportados: superpopulação, injusto regime econômico, deficientes condições sanitárias [...]”. Seguindo a mesma descrição de Bosi (1992) e a ideia de cultura em De Certeau (1995), Farina (1986, p. 13) fala da colonização como “ato de ocupar determinado território e levar hábitos de trabalho às terras até então desocupadas”. A descrição de “terras desocupadas” concorda com a empreitada capitalista do governo desde o século XVI em tornar produtivas as terras que outrora eram o lar dos “coroados”⁴³.

Atender aos interesses do governo passou a ser uma tarefa fácil para os responsáveis pela inserção de imigrantes italianos, em especial, do norte da Itália, no Brasil. Valer-se das peripécias pelas quais passava a população daquela região foi um dos trunfos do processo migratório. Não nos faltariam fatores para elencar quanto aos motivos que impulsionaram o indivíduo italiano a buscar um novo lar: crise política interna ocasionada pela recente unificação de seu território (1848); disputa pelo poder e conflitos entre o Norte e o Sul da Itália; escassez de recursos econômicos e cobrança de altos impostos; improdutividade e esgotamento da terra, sem falar na imensurável quantidade de terras que era propriedade da nobreza e arrendada aos pequenos agricultores em troca de quase toda a sua produtividade; doenças epidêmicas; tecnologia obsoleta; desnutrição e pobreza entre outros problemas

⁴² Região localizada no extremo nordeste do Rio Grande do Sul, na divisa com Santa Catarina. Apresenta alguns esparsos capões e araucárias, além de grande parte ser composta de vegetação campestre. O relevo dessa região é caracterizada como planície elevada.

⁴³ Essa nomenclatura, dada primitivamente pelos portugueses, designa os grupos indígenas de matriz Kaingang que ocupavam a região sulina. Os chefes desses grupos cortavam os cabelos na forma de coroa no alto da cabeça.

sociais. De acordo com Xerri (2004, p. 47), “para muitos a permanência na terra natal significava a perpetuação de problemas e desconfortos. Logo, a possibilidade de buscar terra, trabalho, vida nova era a melhor alternativa entre as poucas que lhes eram oferecidas”.

A partida em busca do incerto e desconhecido era alimentada pela esperança de uma terra de farturas. Após venderem suas últimas posses, famílias inteiras iam sendo, pouco a pouco, exploradas pela indústria da imigração, até chegar a hora do embarque. Os navios tinham apenas a missão de realizar a travessia. Condições básicas de higiene, controle de pragas como ratos, moscas e pulgas, iluminação e ventilação necessárias ou uma dieta digna a um ser humano eram luxos que os navios da imigração não dispunham. (FARINA, 1986). Por esses e outros motivos, as doenças se proliferavam de proa a popa. Dos enfermos se faziam os mortos, geralmente velhos ou crianças, fracos demais para sonharem com a nova pátria e, por desertarem no meio da viagem, o sepultamento se resumia a um lençol branco flutuando entre as ondas que o navio ia formando com seu rastro.

As principais colônias criadas na região serrana com a chegada dos imigrantes italianos são formadas nas terras do Conde D’Eu e de Dona Isabel⁴⁴, localidades onde atualmente se situam as cidades de Garibaldi e Bento Gonçalves. Juntamente a essas colônias se forma a Colônia “Fundos de Nova Palmira”, rebatizada em 1877 sob a alcunha de Colônia Caxias. Essa colônia, por sua próspera desenvoltura passa a ser conhecida como a “Pérola das Colônias”. Com a chegada de mais imigrantes e as terras do Conde D’eu e de Dona Isabel já ocupadas, a formação das colônias precisou cruzar o Rio das Antas e, em 1884, o Governo oficializou a criação da Colônia Alfredo Chaves. No período de 1875 a 1914 chegaram ao estado cerca de 100 mil imigrantes italianos, exigindo a formação de muitas outras colônias e promovendo a expansão das colônias já estruturadas. (FARINA, 1986).

Podemos indagar, então, de que regiões da Itália (recém-unificada) veio esse grande número de italianos. Farina (1986) destaca que a grande maioria dos imigrantes veio da Região do Vêneto e da Lombardia, estruturada por sete províncias:

- a) província de planície: Veneza, Pádua e Rovigo;
- b) província montanhosa: Beluno;
- c) província de características mistas: Treviso, Vicenza e Verona;
- d) províncias de topografia plana: Mântua, Cremona, Paiva e Milão;
- e) ao pé das montanhas dos Alpes: Bréscia, Bérgamo, Como e Varese;
- f) nas montanhas dos Alpes: Sôndrio;

⁴⁴ Mantivemos a nomenclatura utilizada pelos historiadores - Farina (1986); Galeazzi (1982).

Além dessas regiões, a onda migratória trouxe para o Brasil um número expressivo de imigrantes da Toscana⁴⁵ e, em número menor, trentinos⁴⁶.

O procedimento padrão dos imigrantes ao chegarem ao seu destino final era aguardar vários dias nos pavilhões da imigração para que se lhes informasse qual terra tomaria posse. Há quem diga que o governo doou as terras para a produção agrícola, no entanto, Xerri (2004) nos aponta para o fato de que as levas migratórias ocorreram após a Lei de Terras de 1850 e, portanto, cada imigrante tinha que comprar a terra que viera possuir aquém-mar. “Tendo o governo imperial colocado à venda as terras, os europeus pobres, agricultores, e os casados eram os que tinham preferência para a aquisição dessas mesmas terras”. (XERRI, 2004, p. 46).

Com a expansão da colônia Alfredo Chaves, hoje Veranópolis, alguns povoados foram sendo formados e, para nós, interessa a formação do povoado São João Batista do Herval, pequeno vilarejo às margens da Estrada Buarque de Macedo⁴⁷, cujas terras pertenciam ao Tenente Silvério Antônio de Araújo. O que mais instiga nesse percurso histórico é que Silvério Antônio de Araújo toma posse dessas terras em 1854 e só em 1883 é que o tenente se apressa em requerer, junto ao governo imperial, o título de propriedade por temer perdê-las para processo de implantação da Colônia Alfredo Chaves. A presença da colonização italiana respeita o direito de propriedade de Silvério, mas com uma peculiaridade que hoje explica sua forte presença na construção do município que muito mais tarde receberia o nome de Nova Prata. “Com a implantação da Colônia Alfredo Chaves, suas terras [de Silvério Antônio de Araújo], com exceção da parte norte, foram praticamente contornadas pelas mesmas”. (GALEAZZI, 1982).

Farina (1986) ressalta ainda que sem razões plausíveis o Arquivo Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul registra a diminuição da metragem de terra pertencente ao senhor Araújo. A retificação da posse, com data de 25 de abril de 1892, reduz a área de 67.580.000 m², de pertença de Araújo, para uma área de 25.446.700m². Por fim, Silvério doou uma mescla considerável de terra para a construção de uma praça e um templo católico, colocou alguns lotes a venda para reverter os recursos em donatários para a construção da igreja. A frustração encarregou-se de administrar tais projetos, alguns posseiros tomaram conta dos lotes a serem vendidos e a construção do templo arrastou-se pelos anos. O tenente,

⁴⁵ Localizada na região central da Itália, a região da Toscana é umas das maiores regiões, em extensão e população, do país.

⁴⁶ Designa os indivíduos provenientes da região de Trento, localizada ao norte da Itália.

⁴⁷ Estrada aberta em 1883, ligava São João de Montenegro à Lagoa Vermelha. (FARINA, 1986).

por esses descontentamentos, negou-se a registrar a área doada sob uma escritura de bem público. Segundo Farina (1986, p. 32),

Vozes do povo afirmam, inclusive, que por este motivo Silvério Antônio de Araújo teria sido envenenado. O certo é que a morte de Silvério se deu prematuramente e em circunstâncias misteriosas. Houve processo de investigação. Este, porém, foi posteriormente queimado também em circunstâncias misteriosas.

O desenvolvimento que gradativa e posteriormente vai ocorrendo nesse pequeno povoado, denominado mais tarde como povoado Capoeiras, até tornar-se, em 1924, o município de Nova Prata é composto por milhares de facetas, histórias e feitos, no entanto, para essa pesquisa interessa compreender, a partir da movimentação migratória dos colonizadores italianos, a estruturação da formação discursiva da italianidade nessa região. Por não se tratar de uma investigação historicista e sim, discursiva, não nos prenderemos a muitos fatos, reconhecendo que historiadores como Geraldo Farina, Zaira Galeazzi, Eliana Xerri já realizaram o árduo trabalho da coleta de dados, da corroboração e da reflexão sobre as fontes de informação que, sob o lumiar do tempo, registram a história de Nova Prata.

Antes de promovermos a exposição de alguns dados socioeconômicos atuais sobre o município, faz-se necessário registrar, no discurso da italianidade, a maneira como se descreve o trabalho duro do italiano recém-chegado nessa região, após a épica travessia do Atlântico.

Treinta sei giorni di machina a vapore e in América noi siamo arrivá – o desbravamento da floresta, a implantação da primeira roça, a primeira casinhola de madeira de tábuas rachadas, a formação dos primeiros núcleos, a ereção do capitel e depois da capela, o forjar do progresso. A l'América noi siamo arrivati / no abbiám trovato ne paglia ne fieno / Abbiám dormito sul nudo terreno / Come le bestie abbiám riposá / L'América l'é lunga e l'e larga / Le formata di monti e di piani / E con la industria di nostri italiani / Abbiám formato paesi e citá. (FARINA, 1986, p. 24, grifo nosso).⁴⁸

Com a indústria, com a mão-de-obra italiana formou-se um país, *formaram-se cidades* é uma afirmação que, a princípio, parece-nos presunçosa. Contudo, a considerar a estrutura em que se encontra hoje o município de Nova Prata, além dos municípios vizinhos emancipados a partir dessa pequena cidade-genitora, afirmar que se fez cidade onde não havia nem palha e nem feno é rumar para o progresso futuro sem deixar apagar as marcas do passado. Não se pode negar a presença de povos de outras raízes etnográficas nessa região, como alguns alemães que chegaram tardiamente no Brasil e já não encontraram terras

⁴⁸ Do dialeto vêneto: Trinta e seis dias de máquina a vapor e na América nós estamos chegando / Na América nós chegamos / Não encontramos nem palha e nem feno / Dormimos no chão desnudo / Como os animais temos repousado / A América é longa e larga / É formada de montanhas e planícies / Com a indústria (o trabalho) do nosso italiano / Temos formado país e cidades. (Tradução nossa).

disponíveis na grande Depressão dos vales; alguns bairros e linhas da cidade comportam unicamente moradores poloneses, denotando que a presença destes também esteve ligada ao município desde a sua formação. Muitos árabes, judeus e sírio-libaneses co-habitavam com os imigrantes europeus as terras da Serra Geral de forma que, pela forçada miscigenação de povos tão distintos, hoje se mesclam sobrenomes de várias etnias. Não se pode negar a presença dos lusos em algumas nucleações e com eles, os negros, sempre castigados pela prática escravagista do século XIX e seus remanescentes.

Em 2010, segundo o levantamento feito pelo IBGE⁴⁹, a população pratense alcançava a casa dos 22.830 habitantes. Em 2014 o município passa a contar com uma população estimada em 24.785 habitantes (IBGE, 2015). Desse total estimado, a prefeitura municipal de Nova Prata faz questão de ostentar um percentual etnográfico, mantendo em uma página da internet a informação de um percentual populacional por etnias com a seguinte descrição “Nova Prata é constituída de descendentes dos seguintes povos imigrantes” (NOVA PRATA, 2015), resultando no infográfico que consta na Tabela 1:

Tabela 1 – Descendentes de imigrantes

Etnias	Percentual
Italianos	65%
Poloneses	10%
Alemães	5%
Portugueses e outros	20%

Fonte: Nova Prata (2015)

Além dessa descrição estatística, consta na mesma página uma avaliação cultural fundada nos números apresentados. O que dessa descrição se apreende é a necessidade de enaltecer a presença da italianidade nessa região, visto que

Nova Prata, município herdeiro, diversificado, graças aos imigrantes italianos, poloneses, alemães, árabes, portugueses, africanos e seus descendentes, apresenta potenciais muito fortes para evidenciar a sua identidade cultural. Como se percebe, a presença dos descendentes italianos é marcante, por outro lado, a cultura local também reflete outras origens. O colono italiano cultivou suas belas canções, seus costumes, o jogo da mora, da bocha e das cartas. Essas tradições ainda são encontradas em Nova Prata na sua forma mais genuína e pura. Descobrir e desenvolver as evidências dos perfis culturais de cada etnia sinalizará destaque e auto afirmação para o povo deste município. (NOVA PRATA, 2015).

⁴⁹ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Acesso em: 23 jun. 2015.

A economia do município comporta atividades agrícolas e pecuárias aliadas ao extrativismo vegetal. A extração de basalto compõe um dos símbolos da cidade, sendo conhecida como a Capital Nacional do Basalto. A utilização desse material em vários pontos da cidade denota a sua relevância, a considerar os adornos que compõem o pórtico da cidade, a praça, prédios públicos, ruas e calçadas. Além dessas atividades a indústria moveleira, a metalurgia e indústria de transformação constitui o quadro econômico de sustentáculo do município.

Antes de finalizarmos essa seção, necessitamos destacar alguns dados que repercutirão nas análises. Da população contabilizada pelo IBGE em 2010 (22.830 residentes), um total de 20.787 residentes foi registrado como alfabetizado. Essa característica torna-se relevante se considerarmos que um bom número de pratenses vive em zonas rurais, distantes de instituições escolares, mas que, por iniciativas diversas, têm acesso à escola.

Outro dado relevante diz respeito à composição religiosa. De acordo com o IBGE (2015), 19.535 residentes professam a religião católica apostólica romana, ficando o restante dividido entre 294 residentes de religião espírita e 2.488 de religiões evangélicas diversas. Esse número expressivo associado ao catolicismo está ligado à gênese das comunidades de colonização italiana, que tinham por iniciativa primeira construir uma capela para reunir os moradores locais numa mesma fé. (FARINA, 1986). Ainda mais, o número que identifica a presença de outras religiões pode ser caracterizado como um movimento recente, a considerar que os grupos evangélicos⁵⁰ tem se fortalecido nessa região muito recentemente, se comparado à colonização. As ondas pentecostais⁵¹ no Brasil se dividem em três momentos, 1910, 1950/1960 e 1970/1980, e são fruto de movimentos avivalistas iniciados entre os séculos XVIII e XIX nos Estados Unidos. (MIGUEL, 2008). Pode-se concluir então que os grupos evangélicos da região de Nova Prata ou são compostos por residentes originários de outras regiões do país onde o pentecostalismo tem se difundido vivazmente, ou são remanescentes da italianidade convertidos a um novo credo muito recentemente.

Acreditamos na pertinência de construir um panorama histórico sobre a imigração italiana em Nova Prata a fim de ampliar nossas análises uma vez que nossa concepção de discurso concorda com a descrição de Maingueneau (2008a, p. 15, grifo do autor): “entenderemos por ‘discurso’ uma dispersão de textos cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas”. Essa concepção coloca o

⁵⁰ Grupos religiosos que professam a fé a partir dos Evangelhos reportados por Mateus, Marcos, Lucas e João, na Bíblia Sagrada.

⁵¹ Designação de denominações religiosas que acreditam na existência do Espírito Santo.

discurso não somente como um objeto “integralmente histórico”, mas também como um objeto “integralmente linguístico”. Eis a perspectiva enunciativo-discursiva. (MAINGUENEAU, 2008a). Além do mais, partimos dos planos constitutivos, trabalhados conjuntamente, para apreendermos a globalidade da semântica que rege o discurso da imigração italiana em Nova Prata. Esse percurso é possível graças à pertinência do postulado da cenografia e do ethos discursivo.

A seção seguinte é dedicada à descrição do recorte realizado sobre as práticas discursivas das mulheres da italianidade em Nova Prata, resultando no *corpus* desta pesquisa.

4.2 CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

Descrever as construções da cenografia e do ethos discursivo das mulheres em uma comunidade, como a da italianidade em Nova Prata, que se legitima ao longo da grande temporalidade, é uma tarefa hercúlea, posto que as práticas discursivas das mulheres nessa comunidade se registram das mais variadas formas. No entanto, se estamos certos de que todo discurso é regido por um sistema de restrições, então qualquer enunciado de boa formação semântica produzido no âmbito da imigração italiana em Nova Prata pode ser tomado como objeto de análise. Para evitar um exaustivo trabalho de quantificação, alguns critérios de ordem metodológica guiaram a seleção de *corpus* para esse estudo.

Primeiramente, buscamos textos que registram a mulher como enunciador. Procuramos dar preferência a textos já publicados e que circulam na comunidade como textos aprovados pela cultura da colonização italiana. Para este estudo, entendemos por textos aprovados os textos que circulam livremente na comunidade discursiva com aceitação tácita por parte de seus indivíduos. Um segundo, mas não menos importante critério, foi a seleção de textos que favorecessem a construção de cenografias a serviço das manifestações culturais e da construção da identidade em Nova Prata. Buscou-se também considerar os textos que se perpetuassem como voz de autoridade, isto é, textos históricos sobre a colonização e textos de instituições governamentais⁵². A voz de autoridade consiste no enunciador que tem reconhecimento e é autorizado, pela posição que ocupa, a enunciar-se como representante da comunidade discursiva. Dessa forma, chegamos a um vídeo documentário, material que atendeu aos critérios normatizados. Esse *corpus* se constitui em um grande enunciado e o descrevemos na sequência.

⁵² Como exemplo, temos o vídeo documentário produzido pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Nova Prata.

O vídeo documentário é uma produção da Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SMEC) de Nova Prata. Esse material, intitulado “Mulheres e memórias”, foi produzido a fim de homenagear a figura da mulher que, com seu trabalho, contribui para o cultivo de uma comunidade sólida e para a perpetuação de uma memória de coragem, determinação e muito suor. O fato de ser uma produção realizada por um órgão público, responsável pela promoção e manutenção da educação, esse vídeo se caracteriza como uma cartilha para as gerações mais jovens, pois pode ser descrita como uma estrutura estruturante (BOURDIEU, 1989) em que são expostos mitos, crenças e universos simbólicos distintos a serviço da construção de materiais simbólicos. Algumas mulheres descrevem, em entrevistas, seu percurso de vida na região de Nova Prata, destacando sua profissão como o bem mais valioso doado ao município. As profissões (agricultora, professora, cozinheira, costureira entre outras) das entrevistadas, que constam no vídeo, estão associadas aos aspectos históricos, socioeconômicos, religiosos e culturais que embasam a comunidade de Nova Prata. Serão transcritas as principais passagens do vídeo para a realização da análise e a análise não será realizada com todas as entrevistas, visto que nos importa apenas os enunciadores que falam a partir do discurso da italianidade.

O vídeo é composto por entrevistas de oito mulheres, no entanto, selecionamos para este trabalho seis entrevistas, considerando que só terão espaço nas análises as práticas discursivas que favorecem a construção da cenografia como legitimação da cultura e a constituição do *ethos* discursivo que demarque uma imagem de si, promotora de uma identidade cultural a serviço da imigração italiana. Por não atender aos critérios estabelecidos, algumas entrevistas não foram incluídas neste estudo, ou ainda porque nelas se verifica a repetição de resultados percebidos nas demais entrevistas.

A análise exige que destaquemos alguns conceitos norteadores do processo científico de investigação, e que foram emprestados do aporte teórico-metodológico de Maingueneau (2008a, 2008b, 2008c, 2008d, 2013, 2015). São eles: semântica global e os planos constitutivos (intertextualidade, vocabulário, tema, estatuto do enunciador e do destinatário, dêixis enunciativa, modo de enunciação, modo de coesão), cenografia e *ethos* discursivo. Partindo dessa instrumentalização metodológica, pretendemos analisar, descrever e compreender as manifestações culturais materializadas no discurso e a identidade construída pelo discurso das mulheres da imigração italiana em Nova Prata.

O *corpus* selecionado para essa pesquisa sugere a elaboração de algumas hipóteses:

a) o estudo da cenografia e do *ethos* permite vislumbrar as interferências da cultura da colonização italiana em Nova Prata, no sistema de restrições semânticas, bem como identificar a materialização das manifestações culturais no discurso dessa comunidade;

b) o quadro teórico-metodológico, com base em Maingueneau (2008a, 2008b, 2008c), que fundamenta esta pesquisa, possibilita estudar as marcas identitárias e as manifestações culturais por via do discurso;

c) as práticas discursivas das mulheres da imigração italiana em Nova Prata apresentam cenografias específicas dessa comunidade discursiva e instauram um ethos que é legitimado pela temporalidade da colonização nessa região.

Quanto aos objetivos, a pesquisa é classificada como exploratória (PRODANOV; FREITAS, 2009), pois nos encaminha para a familiaridade com as práticas discursivas constituídas em prol das manifestações culturais e a composição do ethos discursivo como constructo de identidade desse espaço discursivo.

Os procedimentos técnicos pensados para a pesquisa são de ordem bibliográfica e documental. Nesse particular, intentamos revisar os estudos já realizados sobre cultura, identidade e manifestações culturais, bem como os estudos que abordam os fatos linguísticos sob a perspectiva enunciativo-discursiva. Consideramos a grande relevância desse estudo para documentarmos o modo de enunciação, conseqüentemente, a cenografia e o ethos discursivo, das mulheres em uma comunidade que, de acordo com o banco de teses da Capes, ainda não teve investigações científicas, de caráter linguístico, realizadas sobre ela.

Nossa pesquisa, quanto à abordagem, se classifica como qualitativa, uma vez que a fonte direta para a investigação, interpretação das ocorrências discursivas e atribuição de significados é o próprio discurso das mulheres da imigração italiana em Nova Prata. Conforme já apontamos anteriormente, a concepção de discurso adotada nessa pesquisa (MAINGUENEAU, 2008a) é regida por uma semântica global, portanto, não necessitamos realizar uma análise quantificadora. Qualquer prática discursiva que seja gerada a partir desse sistema semântico estará regada pelas mesmas restrições, e o que temos a fazer é interpretá-las e extrair delas os significados visíveis. (CHIZZOTTI, 2010). De acordo com Chizzotti (2010, p. 28), “o termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes”, isso porque numa abordagem qualitativa a interpretação dos eventos depende do sentido que as pessoas atribuem às suas práticas. Relacionando essa descrição de Chizzotti (2010) à descrição da cena de enunciação feita por Maingueneau (2013), entendemos que a cena englobante é determinada a partir do modo de inscrição social do discurso e, conseqüentemente deixa transparecer uma identidade social na prática discursiva.

Por fim, apresentamos, na seção seguinte, os procedimentos metodológicos que guiaram nosso olhar investigativo sobre o *corpus*.

4.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para que possamos apreender o discurso das mulheres da imigração italiana em Nova Prata com certa cientificidade, alguns procedimentos metodológicos precisam ser estabelecidos. Partimos da proeminente descrição de De Certeau (1995), que entende “cultura” como maneiras de utilizar o espaço e dele criar significados. Essa concepção harmoniza-se com a amplitude causada pelos estudos de Geertz (2008) que concebe cultura como uma rede de sentidos, de forma que até mesmo os sentimentos a serem expressos são obtidos de um modelo de representação simbólica. Em consonância com esse modelo, Bourdieu (1989) expõe a movimentação do poder simbólico por via de estruturas estruturadas e estruturantes como forma de produzir materiais simbólicos e, conseqüentemente, a conformidade das subjetividades.

Em relação à conformidade das subjetividades e os símbolos de identificação cultural, surge a problemática das identidades e, para unir-se ao grupo que sustenta a criação de significados na cultura, evocamos Hall (2013) que pauta a descrição de identidade por oposições binárias, de forma que o “eu” sempre necessita do “outro” para construir sua própria identidade. As afirmações positivas do “eu” sobre si mesmo não bastam, é preciso do “outro”, por isso a identidade como *social*. As afirmações psíquicas do “eu”, como por exemplo o gênero, necessitam do outro para se diferenciarem, ou seja, o “eu-masculino” precisa enclausurar no inconsciente o “eu-feminino” para existir, mas, mesmo tendo aprisionado seu oponente, não pode eliminá-lo, pois eliminá-lo seria extinguir o ponto de referência para sua própria identidade. Por isso a identidade como *psíquica*. As afirmações do “eu” só tornam-se possíveis pela criação de materiais simbólicos e, considerando que os símbolos tendem a entrar em conflito para ocuparem o lugar de poder, a identidade não é apenas *simbólica*, mas também *política*.

Todas essas faces da identidade, por mais profundos que sejam seus ninhos, dão-se a conhecer na discursividade. Tal como as baleias que mergulham o profundo das águas, mas sobem a superfície dos mares para garantirem o fôlego de vida, também as identidades atravessam o profundo do ser humano, mas seu modo de existência às impulsiona a respirarem, a buscarem vida na superfície, isto é, no discurso.

Em se tratando de discurso, relembremos o primado do interdiscurso. A perspectiva da interdiscursividade concorda com a identidade de Hall (2013), pois até mesmo as identidades dos discursos dependem de seu outro, e de outro e outro, enfim, de muitos outros, de forma

que a maneira como um discurso se relaciona com os demais, seja em concordância, polêmica ou neutralidade, identifica muito de si. Acima de tudo, o discurso é plural em sua gênese, assim como a cultura e a identidade. A identidade de um discurso é dada por uma semântica global, por uma maneira de relacionar-se no interdiscurso. Essa pluralidade do discurso pode ser identificada através dos planos que o constituem (MAINGUENEAU, 2008a) e é o que veremos a seguir nas categorias teóricas mobilizadas para a análise de acordo com a semântica global.

a) *intertextualidade* – forma como se dá a relação de um discurso com outros planos (MAINGUENEAU, 2008a). Analisar essa categoria no discurso das mulheres da italianidade nos proporcionará compreender de que forma o outro é apreendido por esse discurso, que espaço é reservado a esse outro;

b) *vocabulário* – não existe um vocabulário específico para cada discurso, mas o que prevalece nessa categoria é o tratamento semântico que cada unidade lexical recebe dentro do sistema semântico que o aciona. Entender o poder simbólico por vias do discurso das mulheres da imigração italiana, em Nova Prata, é compreender a demarcação sentido que esse discurso faz ao descrever a concepção de vida para a italianidade;

c) *tema* – igualmente ao vocabulário, a temática depende da exploração semântica dada pelas mulheres da italianidade em Nova Prata, administrando os temas que a elas convêm (temas específicos) e os temas a elas impostos;

d) *estatuto do enunciador e do coenunciador* – comportamento do enunciador-mulher dentro da formação discursiva da imigração italiana e sua desenvoltura em relação às práticas discursivas provenientes de outras formações. A atitude de responsabilidade que assume diante das práticas discursivas é importante para entender quais os critérios exigidos para que o enunciador proponha-se como fiador desse discurso. A figura do coenunciador também é importante, pois, a considerar o estatuto dado ao coenunciador, os temas e vocabulário terão modificações, sem, no entanto, serem contraditórios ao sistema de restrições;

e) *dêixis enunciativa* – essa categoria não está atrelada ao tempo cronológico das produções discursivas, mas diz respeito ao tempo enunciativo evocado para a construção da cena da enunciação. A descrição de espaço também não se prende ao contexto físico da cidade de Nova Prata, mas ao contexto da imigração, da colonização e da descendência da italianidade como contexto próprio dessa formação discursiva. O terceiro componente desse tripé, a categoria de pessoa, também, para essa pesquisa, corresponde não aos indivíduos

referencialmente tangíveis, mas ao enunciador-mulher que fala do lugar do cultivo da terra, do cultivo do homem e do cultivo da memória da imigração italiana;

f) *modo de enunciação* – depreende-se dessa categoria a tripla descrição: tom incorporação e fiador. O corpo do enunciador aparece no discurso por sua maneira de dizer. O coenunciador, ao aceitar a incorporação do enunciador, incorpora-o também. A adesão do coenunciador da colonização italiana, como fiador, pode ser um indício do poder simbólico dominante agindo sobre o dominado. Tem-se acesso à maneira de ser por meio da maneira de dizer e no discurso das mulheres da imigração italiana esse acesso é percebido pelas modalizações e tratamentos semânticos dados aos temas;

g) *modo de coesão* – a linguagem própria e o modo de estruturação enunciativa revela o posicionamento do enunciador-mulher que fala em nome da italianidade;

Conceber o discurso não como um conjunto de ideias, fadado à informatividade, mas como um organismo dinâmico e integrado é o que nos propõe a semântica global. O discurso da imigração italiana se estende por muitos anos e é manifesto de muitos lugares, analisar esse discurso requer captar a estruturação do sistema semântico que o condiciona. Dessa forma, independente do lugar físico de onde falam os indivíduos, ou do tempo cronológico de onde a voz deles ressoa, todos falam um mesmo discurso, porque todos estão coercitivamente inspirados pelo mesmo sistema semântico.

Se há, de fato, o operar de um sistema semântico próprio sobre o discurso das mulheres da imigração italiana em Nova Prata, então, esse sistema deve poder fornecer algumas cenografias em que se identifiquem as manifestações culturais. O mesmo sistema de restrições, por certo, oferece um modelo de enunciador-mulher a ser encarnado pelo locutor que toma a palavra a partir do lugar da italianidade. Esse modelo de enunciador comporta traços da cultura e a propaga por meio da imagem que constrói de si no discurso e, conseqüentemente, da identidade que evoca. Essas instâncias, cenografia e ethos, não constam em *Gênese dos discursos*⁵³, mas pela forma como são relacionados os planos constitutivos, podemos dizer que, ali, elas já são sugeridas. Essas possibilidades se estendem em estudos posteriores de Maingueneau (2008b,2008c). A construção da cena da enunciação vai sendo fragmentada em camadas. A primeira identificação se dá nos tipos de discurso, isto é, a cena englobante. No estudo sobre o discurso das mulheres da imigração italiana nos deparamos com o discurso político-cultural como primeira camada da cena da enunciação. A cena genérica, segunda camada, corresponde ao gênero que, para nossa análise, se configurará em

⁵³ Cenografia e ethos foram explicitados em 1997, Maingueneau, livro “Novas tendências em Análise de Discurso”.

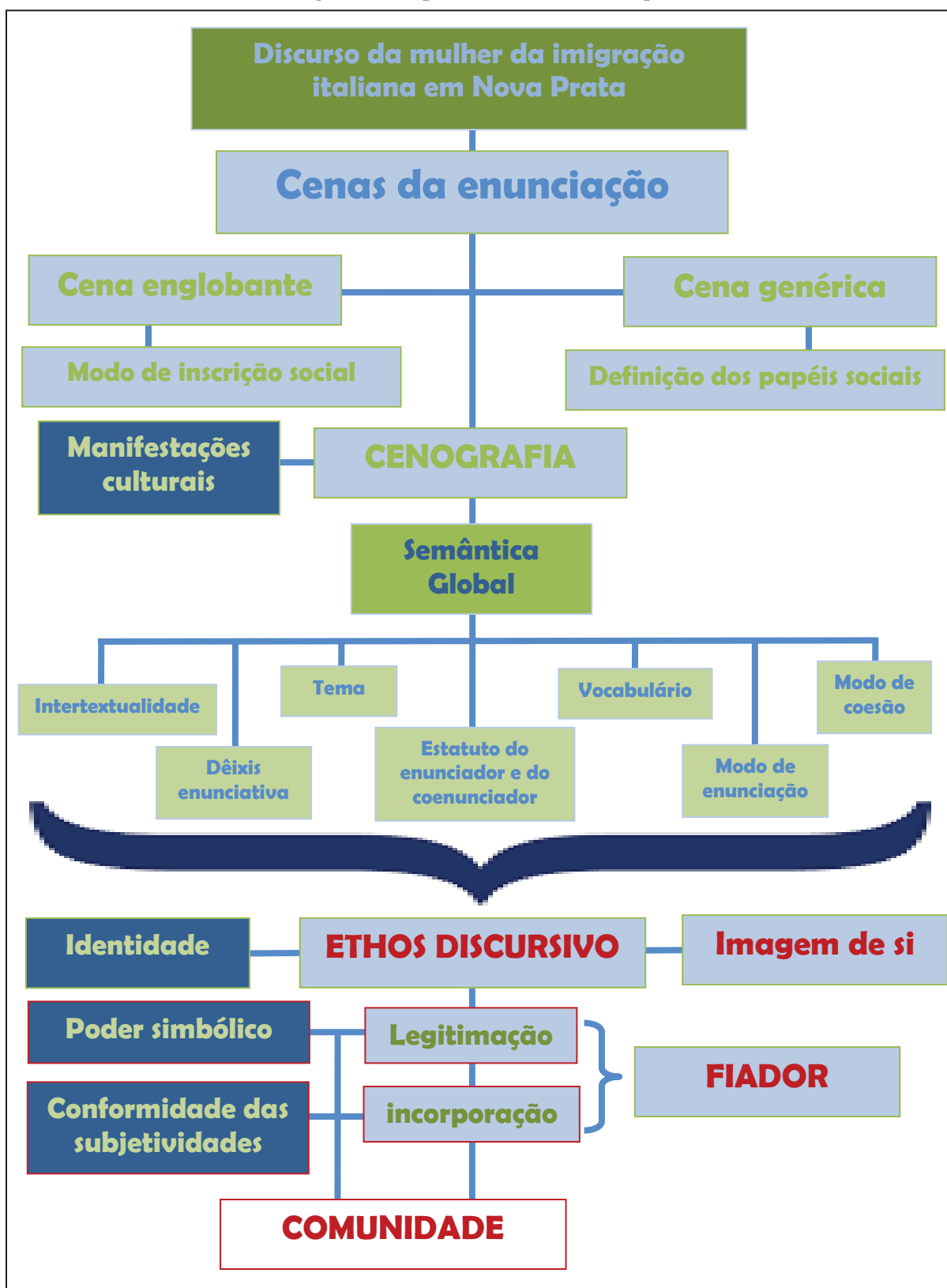
uma entrevista, gênero que possibilitará entender os papéis sociais estabelecidos para o enunciador e o coenunciador. E por fim, a completude da cena enunciativa, nos casos em que o gênero permite, se realiza pela construção da cenografia (MAINGUENEAU, 2008a).

Fruto do movimento enunciativo em busca de legitimação, o ethos discursivo completa o estudo das práticas discursivas das mulheres em Nova Prata, permitindo apontar os estereótipos que validam esse fiador e o mundo ético que propicia a sua existência, considerando os seus desdobramentos: ethos pré-discursivo, ethos dito e ethos mostrado. (MAINGUENEAU, 2008a). Os planos constitutivos integralmente trabalhados fornecem a “imagem de si” do enunciador-mulher que fala a partir da colonização italiana em Nova Prata. A construção da “imagem de si” nos é cara, pois faz saltar aos olhos a identidade no discurso, assim como promove a concretização da ideia de comunidade. Maingueneau (2008a), ao descrever o processo de incorporação, afirma que o discurso dá corpo ao enunciador, depois, por esse corpo, o coenunciador incorpora também esse discurso, promovendo a formação de uma comunidade por meio de todos os que aderem ao mesmo discurso. (MAINGUENEAU, 2008a).

Os aspectos teórico-metodológicos sinalizados compõem o percurso de análise pensado para a exploração do *corpus*. As práticas discursivas das mulheres da imigração italiana em Nova Prata serão estudadas por meio da análise da cenografia enunciativa construída com base no encadeamento dos planos constitutivos do sistema semântico global proposto por Maingueneau (2008a). Desse movimento enunciativo pode ser apreendido um ethos discursivo.

Destacamos que o dispositivo elaborado para a análise do *corpus* sugere o design da investigação, no entanto, não se restringe ao ordenamento dos tópicos conforme constam a seguir, na Figura 2. Nossa análise é construída de forma imbricada a partir dos conceitos e categorias em relação ao que nos é apresentado pela superfície discursiva do *corpus*.

A Figura 2 ilustra sucintamente a estruturação do dispositivo metodológico elaborado para a análise.

Figura 2 – Dispositivo de análise do *corpus*

Fonte: elaborada pelo acadêmico

O esquema representado na Figura 2 retoma os procedimentos metodológicos traçados preteritamente. Do movimento da cenografia enunciativa resultará, nos caminhos da

semântica global, o ethos discursivo. A cenografia e o ethos, em interação simultânea constante, têm a incumbência de legitimar, por meio dos planos constitutivos, o discurso das mulheres da imigração italiana e garantir que o poder simbólico desse discurso prevaleça sobre o coenunciador. Entendemos que o poder simbólico está associado à legitimação e à incorporação de um discurso, pautando-se como a conformidade entre as subjetividades para a adesão mútua a uma ideia de comunidade.

Munidos desse dispositivo, eis, na sequência, a análise.

4.4 ANÁLISE: A ITALIANIDADE LEGITIMADA NO DISCURSO DA IMIGRAÇÃO

Após revisitarmos os conceitos de cultura, identidade, semântica global, cenografia e ethos discursivos nos capítulos teóricos e estarmos munidos do dispositivo de análise construído no capítulo metodológico, procedemos, a seguir, a análise da prática discursiva das mulheres da imigração italiana em Nova Prata. O *corpus* desta pesquisa se constitui pelo seguinte material: vídeo documentário *Mulheres e Memórias*, produzido pela Secretaria Municipal de Educação de Nova Prata. Avancemos para a análise do *corpus*.

4.4.1 MULHERES E MEMÓRIAS

O vídeo documentário *Mulheres e Memórias* é uma produção da Secretaria da Educação e Cultura de Nova Prata, no período administrativo de 2009/2012, em parceria com o Museu Municipal Domingos Battistel, dentro das programações da 5ª Primavera dos Museus, sob a temática: Mulheres, Museus e Memórias. É importante ressaltar que a 5ª Primavera dos Museus é um evento de âmbito nacional e a repercussão de suas atividades atingem todas as instituições responsáveis pela historicidade de cada região e localidade, uma vez que é promovida pelo Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM.

Dentre as atividades programadas pelo Museu Municipal Domingos Battistel, de Nova Prata, para serem desenvolvidas durante o evento 5ª Primavera dos Museus, no período de 19 a 25 de setembro de 2009, está a exibição do vídeo documentário que elencamos como *corpus* deste trabalho.

Transcrevemos todo o áudio do vídeo documentário, no entanto, não o apresentaremos integralmente no corpo do texto. A transcrição, é importante frisar, não seguiu nenhum critério normativo, conforme é praxe nas transcrições fonéticas. Essa parte do trabalho foi desenvolvida de forma livre buscando apenas representar na escrita a fala das entrevistadas. A

análise procederá sobre recortes de apenas seis entrevistas, doravante assimiladas como enunciados, que estão a serviço das manifestações culturais e da construção da identidade das mulheres da imigração italiana em Nova Prata. O texto do vídeo, em sua íntegra, consta em anexo, no final desta dissertação (ANEXO A). A Figura 3 apresenta a capa do vídeo Mulheres e Memórias.

Figura 3 – Vídeo documentário: Mulheres e Memórias



Fonte: SMEC (2009)

Figuram neste vídeo oito mulheres que, em entrevistas, registram suas contribuições para com a construção do município, bem como para com a perpetuação da memória da italianidade em Nova Prata. É importante ressaltar que todas as entrevistadas atendem a um critério bastante simples, mas de grande relevância para o vídeo: são senhoras não muito jovens, pois o intuito do vídeo é reforçar a memória da cultura local. Passemos a Entrevista 1:

Quadro 2 – Entrevista 1

Clessi Regina Colla – costureira e estilista

A história é bem interessante, porque eu não queria, por exemplo, na realidade ser costureira. E foi uma senhora, uma professora que era de Porto Alegre. Ela...Ela se hospedou na casa da minha mãe e começou a lecionar corte e costura. E ela, nos fins de semana, ela ia, por exemplo, pra Porto Alegre e voltava na segunda-feira, mas já, por exemplo, num horário que, por exemplo, não podiam, por exemplo, ela não podia lecionar. E ela então, me dava umas aulas e dizia: “Olha aqui, então, na segunda-feira, tu me faz a gentileza de me dá essa aula pras alunas que aí elas não perdem, né”. E aí ela me disse: “Clessi, por que tu não costura?” e eu disse: “Ah! A última coisa que eu quero fazer na minha vida é costurar. Não quero ah... ser costureira”. Aí uma amiga minha que tinha feito corte e costura me disse: “Não, tu vai fazer um traje pra mim.” Eu disse: “Tah louca, Geni.” Disse “Eu não quero, eu não sei fazer.” “Não, tu vai fazer.” E aí ela foi eleita ah... rainha

do clube. Ela me disse “Tu vai fazer o meu vestido de gala.” Disse “e agora?” Disse “Eu não, Geni, eu [...] não tenho, eu não tenho capacidade de fazer, nunca fiz um vestido de gala.” “Não tu vai fazer.” Aí ela foi pra Porto Alegre, conseguiu um estilista, ah... desenhou o tal do vestido e eu fiz o vestido, e aí começou minha carreira e graças a Deus eu me dei super bem com a minha profissão porque naquela época não tinha confecção, né. Era, era tudo feito, por exemplo, ah, em costureiras, né. E aí a gente, aí eu comecei e acabei gostando, né. E, e, eu amava mesmo o que eu estava fazendo. Fazia com amor, e procurava sempre...ah... agradar as minhas freguesas da melhor forma possível.

O que eu mais sinto, por exemplo, é não ter fic... ah, por exemplo, eu devia ter cobrado de cada freguesa porque eu fiz vestido de noiva e de... e de gala... ter ficado com uma fotografia. Porque eu tinha então, eu teria uma história muito ah.... significativa na minha vida. Se vou te dizer o número de vestidos de noiva e de gala que eu fiz, eu não saberia. Eu não saberia porque foi assim um período, por exemplo, uns cinquenta, cinquenta e poucos anos porque eu costurei mais de cinquenta anos. Então foi, ah... se eu te digo que eu fiz ah.... mil, eu mint. Eu tenho a impressão que eu fiz muito mais.

Fonte: SMEC (2009)

Antes de iniciar a entrevista, o vídeo apresenta imagens da entrevistada costurando em uma máquina antiga, conforme ilustra a Figura 4 e o som predominante é o ruído estridente das engrenagens da máquina ressecadas.

Figura 4 – Costureira



Fonte: SMEC (2009)

Não procederemos à análise de todos os planos constitutivos do discurso em cada uma das entrevistas, pois incorreríamos na situação de nos repetirmos exaustivamente. Portanto, daremos preferência aos planos que mais se evidenciam em cada um dos enunciados em análise. Essa atitude do analista é possível pelo fato de que, conforme Maingueneau (2008a), todos os planos estão interligados e regidos por um único sistema de restrições semânticas. Os

planos serão analisados no decorrer da análise cenográfica e da composição do ethos discursivo.

A senhora entrevistada começa realizando uma avaliação positiva da história que tem a contar sobre si, antes mesmo de contá-la: *a história é bem interessante*. A cena englobante (MAINGUENEAU, 2013), não só dessa entrevista, mas de todo o vídeo, inscreve essa enunciação num discurso sócio-político-cultural no qual o enunciador já posiciona seu lugar discursivo enquanto mulher e trabalhadora. Falar de si e de seu desempenho dentro de um sistema de representações simbólicas é o que faz da entrevista um discurso sócio-político-cultural. Político porque, de acordo com Hall (2013, p. 45), “o pessoal é político” e cultural porque, conforme Woodward (2013), as identidades só podem ser vividas dentro de sistemas de representações, fora deles o indivíduo não possui símbolos e significados aos quais possa se filiar. O caráter social fica por conta do acordo tácito que há em torno dos símbolos e significados dentro do sistema de representações da italianidade.

Enquanto cena genérica, podemos caracterizar essa prática como uma entrevista, de forma que, pelas regularidades desse gênero, é possível identificar o papel de cada um dos parceiros envolvidos na enunciação. O enunciador é guiado por um determinado sistema de representações e ao longo de sua fala apresenta símbolos que, acredita ele, são partilhados com os mesmos significados pelo coenunciador. Nesse particular, Geertz (2008) aponta para o caráter público do significado, isso denota que a cultura, como modo de atuação, é pública porque os significados produzidos por ela também são. Os significados produzidos em determinada cultura estão a serviço do poder simbólico (BOURDIEU, 1989) que é socialmente invisível para que possa contar com a cumplicidade de seus participantes. Vemos que esse gênero possibilita que a cena da enunciação desenvolva uma cenografia específica a fim de reforçar os materiais simbólicos e conseqüentemente a identidade do enunciador, isto é, o poder simbólico aciona símbolos capazes de constituir cenografias que garantirão a adesão do coenunciador a esse discurso.

O enunciador começa seu discurso validando-se pela prática. Isto é, antes mesmo que haja um enunciado concreto ele já se apresenta, por intermédio do ethos prévio, como costureira através das imagens em que se expõe costurando, conforme apresentado na Figura 4. Usar uma máquina antiga, com poucos recursos tecnológicos, como objeto de legitimação, nos remete para uma cenografia de dificuldade e dureza, em que o trabalho era realizado sem muitas facilidades e dependia, em sua maior parte, da eficiência de quem o executava. A cenografia criada nos transporta para um tempo enunciativo passado e, retrospectivamente se instaura num momento histórico em que as profissões eram escassas, de modo que até mesmo

a professora se deslocava de Porto Alegre para lecionar na região de Nova Prata. Os recursos eram poucos e, dentre esses poucos recursos, o enunciador é visto como um deles. A exemplo disso, registra-se a solicitação da professora para que Dona Clessi a substitua em sua ausência e, mais tarde, a imposição de uma amiga para que a costureira inicie seus trabalhos com a confecção de um vestido de gala.

A identidade informada a partir de uma afirmação positiva do “eu” (HALL, 2013) se relaciona, logo em seguida, com as negações que se fazem dessa identidade. O enunciador destaca sua profissão como costureira, reconhecendo que não era isso que desejava ter sido. Arelar sua identidade a uma profissão de reconhecimento dentro da comunidade da imigração italiana é uma estratégia usada por esse enunciador para investir no processo de legitimação de sua identidade. Podemos relacionar a recorrência do enunciador à profissão de costureira como uma cena validada (MAINGUENEAU, 1997) na memória da coletividade, pois o estereótipo criado dentro dessa comunidade reserva *status* de reconhecimento à mulher que desenvolve esse tipo de atividade. De acordo com Maingueneau (2013), a fala intenciona modificar uma situação. Na busca por adesão à mudança, todo discurso institui a cena de enunciação que o legitima.

A cenografia que é construída para dar conta da legitimação da enunciação instaura um cenário de escassez e de dificuldades que é reforçado constantemente. Como exemplo, podemos citar o fato de a amiga conseguir um estilista que desenhasse o vestido em Porto Alegre e a avaliação que o enunciador faz em relação aos recursos do tempo enunciativo presente: *porque naquela época não tinha confecção, né*. São tantas as carências que até mesmo a possibilidade de registros materiais inexistem. O desejo de ter guardado fotografias para compor uma história aponta para a crença de que é preciso ter comprovações do que se vive. Confiar apenas nas lembranças não basta, as memórias precisam ser refletidas em materiais concretos, mas que, pelas adversidades de seu tempo, não foram possíveis. O enunciador recorre ao único elemento que sobrou do passado para garantir a veracidade do que narra, o discurso. E, fazendo uso da capacidade metafísica dos signos, traz de volta os acontecimentos. A recorrência ao discurso, de acordo com Silva (2013), lhe permite estabelecer uma promessa de presença do passado por meio do signo.

Outra estratégia legitimante é a substituição que, segundo o enunciador, se dava por meio da solicitação da professora. Trazer esse fato para dentro do discurso constitui-se em marca identitária que reforça o sucesso de sua profissão. O fato de ser uma professora de Porto Alegre, portanto, da capital, também representa uma ligação desse enunciador com as ideias e novidades que circulavam no centro do estado, lugar de legitimação para essa

comunidade. De acordo com Woodward (2013), a noção de cultura está ligada à identidade se abordada enquanto sistema de representações simbólicas, fundado nas práticas sociais de significação. As práticas sociais não são ingênuas ao caráter identitário, elas acontecem de acordo com as necessidades do indivíduo em se adaptar a determinado espaço e dele utilizar os recursos fornecidos. Como já vimos em De Certeau (1995), compreender o ambiente em que se está inserido implica na vontade de mudá-lo, fazendo da mudança uma produção social que condiciona a produção cultural. O enunciador apreende sua história, de início, através da identidade de uma “não-costureira”, mas que, devido às estruturas estruturantes (a costura como necessidade de renda, o trabalho como *status*) essa identidade se modifica.

Em um dado momento, o enunciador se reconhece como incapaz de atender às expectativas da comunidade, faltam-lhe capacidades para assumir a identidade que lhe é fornecida, mas mediante a insistência, ou melhor, mediante o operar do poder simbólico dentro desse contexto, ele acaba aderindo às características que a comunidade necessita dele. O poder simbólico (BOURDIEU, 1989) dessa comunidade, portanto, valoriza a prática do trabalho e, para a obtenção sucesso nesse meio social, é preciso buscar a valoração da identidade no trabalho. Isso aponta para o fato de que a identidade nunca é completa, está em contínua construção, passível de ser abandonada. (HALL, 2013).

Das marcas linguísticas que constroem a cenografia, podemos depreender, num entrelaçar entre o ethos mostrado e o ethos dito, um ethos efetivo muito preocupado com sua identidade e sua constante admissão dentro do sistema simbólico que julga fazer parte. Vale lembrar que, de acordo com Maingueneau (2013, p. 98), a “cenografia onde nasce a [enunciação] é precisamente a cenografia exigida para enunciar como convém” assim como o ethos construído por essa cenografia é o ethos mais adequado para compor a enunciação. Apresentar-se como humilde por reconhecer sua incapacidade de costurar, determinada por aceitar o desafio que a comunidade propõe, superar todas as dificuldades do tempo, desejar preservar a história da coletividade, colocar-se à disposição do sistema de representação simbólica na construção de símbolos e significados, admitir gostar do que faz, denotam um ethos comprometido com o trabalho e com a cultura na qual seu trabalho se insere. Essa postura reflete a solidariedade descrita por Bourdieu (1989, p. 10), quando afirma que “a solidariedade social [habita na aceitação e] participação de um sistema simbólico”.

Outro fator que reforça o trabalho como prática primeira de mérito é a religiosidade: o enunciador atesta que se saiu muito bem na sua profissão *Graças a Deus*. Isso demonstra que a concepção de Deus e de dádivas recebidas por Ele dentro desse sistema de representações simbólicas estão fortemente ligados ao trabalho.

Na análise da entrevista 1 daremos preferência ao plano que diz respeito ao estatuto do enunciador e do coenunciador. Dentro do sistema de restrições da imigração italiana em Nova Prata, o enunciador se posiciona como marco inicial do discurso. É a partir desse enunciador que se tem acesso à historicidade, fazendo transparecer que antes dele nada houve, nem mesmo discurso. Os enunciados *e aí começou minha carreira [...] porque naquela época não tinha confecção, né* comporta o entendimento de que o início da carreira de trabalho é a fala primeira que se ouve ressoar no interdiscurso para, posteriormente, ser ampliada na modalidade de confecções em larga escala.

Maingueneau (2008a) descreve que a imagem do enunciador construída para validar a enunciação tem de se assemelhar a um Sujeito Absoluto, valorizado e autorizado pela formação discursiva a partir da qual o sujeito se enuncia. Esse estatuto exigido do enunciador sofre uma quebra de expectativa no início da entrevista, quando a costureira afirma não saber desempenhar o papel que dela se exige: *Eu não quero, eu não sei fazer*. Contudo, ao longo da enunciação o enunciador vai aproximando a imagem de si ao Sujeito Absoluto do discurso da mulher da imigração italiana. O desejo de *agradar as freguesas* aponta para um constante anseio de aprovação da identidade como costureira, mas não como mais uma. O enunciador constrói uma imagem de si como desejoso por oferecer seus préstimos da *melhor forma possível*. A imagem de si construída no discurso nos encaminha para uma identidade de exclusividade e requinte, que serve como fiador desse discurso. Essa identidade, além de buscar uma afirmação social, depreende sua faceta política em que é preciso ser parte da cultura dominante e, para isso, é preciso atender aos critérios que a cultura dominante impõe.

É apontado pelo enunciador o fato de existir outras *costureiras*, no entanto, conforme seu discurso, o diferencial de seu trabalho era fazê-lo com *amor*. Nesse enunciado é reforçada a necessidade de se dedicar a uma comunidade que visa ser reconhecida pela qualidade de seu fazer. A maneira de utilização do espaço (DE CERTEAU, 1995), não é só identificada como práticas para obter recursos de sobrevivência, como também, por essa maneira, é compreendida como forma de obter o reconhecimento de comunidade modelo. O sistema de representações simbólicas exige que seus enunciadores façam do trabalho um símbolo de realização, um símbolo de felicidade. Executar suas atividades em prol da comunidade, investindo *amor* em seu fazer, significa oferecer o melhor de seu trabalho.

Ao mesmo tempo em que do estatuto do enunciador se depreende uma imagem de zelo e excelência no trabalho, o estatuto do coenunciador é definido como participante do mesmo sistema de representações, isto é, a concordância de subjetividades (BOURDIEU, 1989). Quando o enunciador tece o enunciado *Se vou te dizer o número de vestidos de noiva e de*

gala que eu fiz, eu não saberia, ele não só constrói na enunciação um efeito de falsa modéstia como espera que o coenunciador reconheça, por meio da cenografia construída até o momento, a excelência de seu trabalho. Somente uma costureira dedicada, que entende o trabalho como uma benesse divina e que se doa para a comunidade é que pode ser reconhecida em seu discurso de forma que não precise de números para comprovar a primazia de seu trabalho. Além do mais, supõe-se, pelas marcas discursivas, que o coenunciador esteja de acordo com a crença de que uma boa costureira é aquela que acumula tantos trabalhos em seu discurso a ponto de não poder mensurá-los. [...] *se eu te digo que eu fiz ah... mil, eu minto. Eu tenho a impressão que eu fiz muito mais*. Essa crença, discursivamente descrita como cena validada (MAINGUENEAU, 2013), é parte do processo de estereotipagem (AMOSSY, 2008b) da qual, supõe-se, o coenunciador partilha.

Como costureira, o enunciador vai, ao longo de seu projeto enunciativo, afirmando e reafirmando sua identidade. Apresenta-se como uma costureira de qualidade, com formação para a execução de seu trabalho, capaz de doar-se em benefício de suas atividades e agraciada por Deus no que faz. A comprovação dessas características pode ser percebida na menção que o enunciador faz aos vestidos de gala e aos vestidos de noiva. O vestido de gala aparece como símbolo de sofisticação dentro da comunidade. O vestido de noiva é mais uma afirmação positiva do “eu” em relação à religiosidade. Dentro de um sistema cultural em que o casamento é valorizado e tido como prática necessária para estar em paz com Deus, o enunciador que se diz ser bem sucedido como costureira precisa estar de acordo com essa prática. No decorrer do enunciado, vemos que ela não só está de acordo como é uma das peças de propagação do casamento pela quantidade de vestidos que confeccionou e pelo tempo de vida que dedicou a essa atividade. *Mais de mil* vestidos e *mais de cinquenta anos* de dedicação à costura para a comunidade são dados que só mesmo um enunciador afinado ao modelo cultural pode ostentar.

Geertz (2008) aponta que a cultura oferece modelos até mesmo para nossos sentimentos. No caso desse enunciador, o modelo de amor com o trabalho, de compromisso com a qualidade da comunidade, a valorização da oportunidade de contribuir para com a manutenção e satisfação do grupo social associada ao aspecto religioso, são características que demonstram que o sistema cultural forneceu modelos que parametrizaram, por meio do poder simbólico, as práticas culturais narradas. Mostram também que essas manifestações da cultura da imigração italiana são materializadas no discurso. Ressaltam ainda mais, que até mesmo o discurso é regulado por um sistema de coerções que atenda às referências culturais dadas pelo sistema de representação simbólica.

Podemos afirmar, então, que somente essa, e não outra costureira, é que tem a liberdade de se apresentar, por suas características e experiências históricas, em nome da comunidade da imigração italiana. O ethos que daí se depreende aponta para um indivíduo que, após atender a todas as coerções do poder simbólico, enuncia-se dizendo que é incalculável sua contribuição, além do que, nada disso parece ter sido um peso. Falar em números é algo que não cabe no discurso desse enunciador, pois seu trabalho contribui para além das quantificações, ou, nas palavras de Dona Clessi: *Eu tenho a impressão que eu fiz muito mais*. Após o enunciador construir um cenário enunciativo para enlaçar seu coenunciador no processo de legitimação, e, num movimento constante, instalar um ethos como imagem de si é que podemos dizer que as práticas sociais de Dona Clessi só tomam sentido identitário no discurso, isto é, a identidade da costureira é carregada de sentido quando o ethos que ela constrói serve como fiador desse discurso.

Apresentamos, na sequência, a Entrevista 2:

Quadro 3 – Entrevista 2

Leondina Petrykoski – extratora de basalto

Se a gente era pobre. Não, não tinha de onde ganha daí eu, tinha essas pedreiras ali, o meu tio Pedro, ali, ele disse “Vamo cavucá aqui que tem uma pedreira eu acho, ali” Daí nós começamos a cavocá com carriola, tirar o podre pra achar o basalto, né. Daí, começamo, fomo indo, e eu gostei de do serviço, fui trabaiano sempre assim. Quando eu levantava eu só pensava de ir arrancar uma prancha boa e corta ela assim, não quebra pra fazer retalho. Os motoristas que vinham carregar os meus retalhos, eles sempre diziam “Eu quero carregar esse da Leonda que é bonito, grande” Porque daí eu tirava mais retalho. E eu ficava faceira daí. E sempre no meio dos homens porque...rsrs, mas sempre foi respeitada, nunca, nunca assim, pra dizer que oh... eu um gostava, outro não. Eu me sentia feliz lá. Levantar de manhã cedo e ir, e assim, é, fazer a comida pra mim e pra, e pra neta e pra filha que trabaia na firma e ir atrás de criação pra depois na pedreira. E eu tava participando também da casa do idoso da terceira idade, eu ia nas praia e agora, agora que eu não fui, assim... Tô meia parada por causa do meu irmão, mas senão quando melhorar, se vão pra praia esse ano eu vou.

Saudade de ir pra praia... com as amigas lá. A gente vai nos bailão lá, vai na praia, vai se divertir. Depois, tem bastante amiga, são tudo as amigas, que tu visse que amigas que a gente tem lá.

Fonte: SMEC (2009)

Primeiramente justificamos a apresentação de uma entrevistada que, por sua assinatura, não é de descendência italiana. A entrevistada, por mais que seja de descendência polonesa, é inserida no recorte desse *corpus* pelo fato de que nossa análise não leva em conta a identidade dos indivíduos empiricamente circunscritos, mas sim a identidade construída pelo enunciador-mulher da italianidade que é regulado pelo sistema de coerções da imigração italiana em Nova Prata, e esse enunciador é uma instância totalmente subjetiva

(BENVENISTE, 1995), com existência materializada no discurso. Dessa forma, o enunciador da Entrevista 2, ilustrado na Figura 5, constrói a imagem de si no discurso de forma a constituir-se como mulher que se enuncia a partir da imigração italiana em Nova Prata.

Figura 5 – Extratora de basalto



Fonte: SMEC (2009)

A cena englobante desse discurso segue sendo a mesma para todas as entrevistas do vídeo. É como discurso sócio-político-cultural que se inscreve esse discurso no interdiscurso. O enunciado se inicia com a caracterização do enunciador no que tange a sua condição social. O enunciador se posiciona no campo da pobreza, alegando não ter tido condições de ganhos. Silva (2013) alerta para o fato de que a identificação dos indivíduos por igualdades não tem coerência, como, por exemplo, classificar todos os indivíduos como “humanos”. Não há um elemento que estabeleça uma oposição binária com essa classificação. Já a identificação *a gente era pobre* pressupõe um binarismo que se estabelece entre pobre e rico. Essa situação socioeconômica identitária é o fator que motiva o enunciador a procurar um meio de sobrevivência, já que a identidade é marcada pelo “jogo de poder e da exclusão”. (HALL, 2013, p. 111).

A pedreira é dada como o contexto que sofre a interferência do homem. Essa interferência, caracterizada também como cultura (DE CERTEAU, 1995), proporciona ao enunciador o sentimento de apego. Ao longo do tempo de trabalho, extrair pedras torna-se uma atividade não apenas necessária, mas prazerosa. A atividade de extração vai, pouco a pouco, fornecendo símbolos para o enunciador constituir sua identidade (WOODWARD, 2013) e esses símbolos são construídos na medida em que a extração vai se aprimorando com novas técnicas. Esse aprimoramento esbarra em uma das descrições que De Certeau (1995, p.

194) tece sobre cultura: “aquisição, enquanto distinta do inato. A cultura diz respeito aqui, a criação, ao artifício, à ação, em uma dialética que a opõe e a associa à natureza”.

O enunciador afirma que acordava de manhã e *só pensava de ir arrancar uma prancha boa [...] pra fazer retalho*. Veremos que os vocábulos *prancha boa* e *retalhos* podem adquirir qualquer sentido no uso, mas, nessa enunciação, em especial, eles se referem aos diferentes formatos de apresentação da pedra basalto. Essa atitude do enunciador demarca que o trabalho já faz parte de seu discurso de forma que ele não sente necessidade de esclarecê-lo, além do que, essa atitude denota a imagem que o enunciador faz do coenunciador, compreendendo-o como alguém que faz parte da mesma prática discursiva. Amossy (2008a) aponta que, na análise pragmática, a interpretação de um enunciado implica na competência discursiva. A competência discursiva tanto do enunciador da italianidade quanto de seu coenunciador está atrelada ao sistema de restrições semânticas que opera em serviço da cultura da imigração italiana, isso significa que o par enunciativo é capaz de interpretar enunciados, bem como de adequar-se às regras de seu posicionamento discursivo para produzir enunciados.

As operações mentais, de acordo com Levi (1992), necessitam recorrer a orientações de modelos públicos e simbólicos para se estabelecerem. Constatamos essa afirmativa no depoimento do enunciador quando diz que os motoristas, isto é, a comunidade, preferiam o material que ele fornecia. O enunciado *quero carregar esse da Leonda que é bonito, grande* não é apenas um elogio, mas uma orientação que serve de modelo simbólico, de forma que o retalho grande e bonito é símbolo de eficácia e qualidade. Através desses produtos simbólicos (CANCLINI, 1995) também se reforçam os traços identitários do enunciador.

A menção do enunciador, enquanto mulher, de estar sempre no meio dos homens reforça a relação da identidade com a diferença (HALL, 2013) e coloca esse enunciador em risco de não ser legitimado pelo coenunciador do mesmo sistema, isso porque a linguagem é assimétrica (MAINGUENEAU, 2013). A preocupação em deixar claro que sempre, como mulher, foi respeitada, é uma antecipação que o enunciador faz da reação de seu coenunciador. Woodward (2013) aponta para o fato de que a identidade não é sobredeterminada, uma vez que resulta de marcações simbólicas que dão sentido às práticas sociais, as identidades só podem ser variáveis, cambiantes, moldadas pelos significados fornecidos pelo cenário cultural. No cenário cultural da imigração italiana em Nova Prata, a extração de basalto é uma atividade associada à identidade masculina, mas, no caso desse enunciado, quem ocupa o lugar discursivo da extração de basalto é uma mulher. Todo o cuidado em descrever a relação profissional com os homens nos encaminha para o entendimento de uma comunidade que não aprova o convívio contínuo de homens e mulheres

que não tenham laços familiares. O *tio Pedro*, homem, não é uma ameaça aos valores simbólicos desse sistema, pois é parte do grupo familiar, já os demais homens apresentam um risco que só pode ser evitado com o respeito. Um dos fatores que permite e justifica a presença da mulher num lugar discursivo que é propriamente masculino é a condição socioeconômica inicial da extratora, a pobreza.

De acordo com Geertz (2008), as formas simbólicas por meio das quais o homem desenvolve seu conhecimento e executa suas atividades em relação à vida é propriamente uma descrição cultural. A descrição da rotina diária é um fator de legitimação evocado pelo enunciador, de forma que apontar atividades como fazer comida para a família, cuidar das criações e trabalhar na pedreira são atividades que somente alguém faria se fosse realmente muito comprometido com o trabalho e com o sistema de representações simbólicas que o valoriza.

O apelo ao engajamento com a comunidade harmoniza a identidade do enunciador com o grupo cultural da italianidade. Estar envolvido no grupo dos idosos é uma declaração positiva do “eu” sobre sua identidade. Ao declarar que está um pouco afastado do grupo, o enunciador não é recriminado, pois o motivo que apresenta como justificativa é um motivo que o modelo cultural (GEERTZ, 2008) da comunidade apregoa. Isto é, antes de desejar fazer parte do meio social é necessário que o enunciador cumpra com suas obrigações com a família e é só por estar a serviço da família que esse enunciador pode ser apreendido como amigo no grupo de idosos.

A família tem preferência sobre o envolvimento social e até mesmo sobre o entretenimento e a diversão. Ir para praia, para os bailes, se divertir, são símbolos aceitos pela comunidade como significados de lazer e recompensa pelo trabalho, mas que só são admitidos se, em âmbito familiar, as obrigações impostas pela identidade de mulher italiana dão essa oportunidade.

A cena genérica de entrevista se repete e oportuniza o desenvolvimento do quadro cênico em uma cenografia específica. A fala como encenação precisa convencer. Para convencer, é necessária uma validação progressiva na própria enunciação. Isso significa que a cenografia é “a fonte do discurso e aquilo que a engendra”. (MAINGUENEAU, 2002, p. 87). No discurso de Dona Leondina, a cenografia que se cria é dotada de um peso como o das pedras que o enunciador manuseia. Do discurso nascem as pedras que o enunciador usa para construir a cenografia. Uma das pedras primeiramente citadas é a pobreza que assola o tempo e o espaço enunciativo. Iniciar o discurso falando sobre as dificuldades financeiras é evocar uma dêixis fundadora desse discurso. (MAINGUENEAU, 1997). A dêixis fundadora

corresponde, conforme Maingueneau (1997, p. 42), às “situação(ões) de enunciação anterior(e)s que a dêixis atual utiliza para a repetição e da qual retira boa parte de sua legitimidade”. Assim, o tempo enunciativo presente e o espaço enunciativo são gerados por uma dêixis fundadora em torno da carência socioeconômica.

A segunda pedra que constitui a cenografia é o fato de uma mulher levantar cedo e ir trabalhar numa pedreira, no entanto, essa pedra não parece ser um peso para o enunciador que demonstra felicidade em relação ao trabalho que faz. Esse enunciador exprime contentamento por poder satisfazer a comunidade com seu trabalho e essa satisfação retorna para a pessoa do discurso como gratificação: *eu ficava faceira*. O mundo retratado na enunciação da Entrevista 2 só tem sentido nesse discurso (MAINGUENEAU, 2008c), pois sentir-se feliz em executar um trabalho braçal pesado é uma característica permitida ao enunciador desse discurso que valoriza o trabalho como o meio mais frutífero de fazer parte da comunidade, além do que, para quem não tinha condições de ganho no início da vida, trabalhar e viver de seu próprio sustento é uma honra que o coenunciador desse sistema de representações simbólicas não pode contestar.

Maingueneau (2002, p. 88) entende que “uma cenografia só se manifesta plenamente se puder controlar o próprio desenvolvimento, manter a distância em relação ao coenunciador.” A terceira pedra, que é assentada na cenografia da Entrevista 2, busca exatamente esse distanciamento do coenunciador através do controle da enunciação. O sistema de representações simbólicas em que se insere esse enunciador regula o envolvimento de mulheres e homens em situações de trabalho, através das identidades que cria para cada uma das atividades. A identidade do trabalho braçal em pedreiras é assumida por uma mulher enquanto que este seria um lugar discursivo a ser ocupado por homens. Prevendo o conflito entre si e seu coenunciador, Dona Leondina atesta: *mas sempre foi respeitada, nunca, nunca assim, pra dizer que oh... eu um gostava, outro não*. A seriedade com que o enunciador constrói seu discurso é a mesma com que ele executa seu trabalho. A presença do *mas* indica para uma conclusão equivocada que o coenunciador possa ter tirado da informação anterior (*E sempre no meio dos homens*). A conclusão do coenunciador, baseada em suas regulações simbólicas, é contrariada com a afirmação de respeito e de relação de trabalho harmoniosa que o enunciador se empenha em estabelecer.

Outra pedra da cenografia que sobrecarrega o enunciador é conciliar as atividades de sua identidade como mulher responsável pelos afazeres da casa, pelo cuidado com os animais que cria, pela preocupação de mãe e de avó (*levantar de manhã cedo e ir, e assim, é, fazer a comida pra mim e pra, e pra neta e pra filha que trabaiava na firma e ir atrás de criação*) e

ainda as atividades de sua identidade profissional (*depois na pedreira*). De acordo com Silva (2013), as identidades são normalizadas para que sejam vividas como se fossem dadas pelo natural e assim pareçam desejáveis (*Eu me sentia feliz lá*) e únicas (*fui trabalhando sempre assim*).

A última pedra que compõe a cenografia é o compromisso que a mulher desse sistema cultural tem com a família (*Tô meia parada por causa do meu irmão, mas senão quando melhorar, se vão pra praia esse ano eu vou*). Geertz (2008) destaca que tudo que é usado para impor significado às nossas experiências tende a exercer um controle social. A identificação entre gêneros é um exemplo que gera significado, mas com a intenção de exercer um controle. O indivíduo que ocupa a identidade de mulher na cultura da imigração italiana em Nova Prata tem de se submeter ao controle social que esse sistema impinge à identidade feminina. O desejo do enunciador de estar afinado ao grupo social (*participar de grupos da terceira idade, ir à praia com as amigas, ir aos bailes, diverti-se*) pode ser realizado se atendidos os critérios de sua identidade. Nesse ponto, o enunciador faz uma avaliação do mundo que sua enunciação vem criando: *Que saudade de ir à praia*. E, através dessa avaliação, indica que suas obrigações com a família ainda o privam de seus desejos pessoais.

Dessa cenografia podemos apreender um ethos discursivo determinado a cumprir com suas obrigações identitárias. O tom como o enunciador se apresenta denota que ele já se acostumou com o peso das pedras e com o peso das coerções culturais. Por se tratar de uma entrevista pessoal acerca da própria vida, a cena da enunciação é cravejada de registros em primeira pessoa e, portanto, aparições constantes do ethos mostrado (*eu gostei de do serviço / eu só pensava de ir arrancar uma prancha boa / eu ficava faceira daí*). Essas demonstrações do ethos constrói uma imagem de um enunciador que é mais do que responsável com o trabalho, é feliz por ter um trabalho.

O ethos dito aparece nas descrições que o enunciador faz de suas atividades e de suas experiências (gostar do trabalho, realizar as tarefas domiciliares, cuidar da família, ter amigas). Freitas (2010) ressalta que desde as escolhas linguísticas, até o tratamento dado aos conteúdos, podem ser percebidas pistas da imagem do enunciador na construção da cena da enunciação. Há, no meio da cena da enunciação, uma imagem que é construída pelo enunciador, mas, por necessidade de legitimar-se constantemente, é apresentada na voz de terceiros, da comunidade: *“Eu quero carregar esse da Leonda que é bonito, grande”*. O enunciador reforça a imagem que constrói de si através de uma voz de autoridade, o motorista que conhece e sabe escolher as melhores pedras.

Através dessa imagem construída, o enunciador busca a adesão do coenunciador para que lhe dê corpo como fiador desse discurso. Maingueneau (2015) evidencia que a maneira de se mover no espaço social denota um comportamento do enunciador, esse comportamento é inteiramente ligado a noção de ethos. O ethos provoca no coenunciador um turbilhão de efeitos, fazendo com que o coenunciador conceda o título de fiador à imagem construída do enunciador no discurso “apoiando-se num conjunto difuso de representações sociais avaliadas positiva ou negativamente”. (MAINGUENEAU, 2015, p. 18). O comportamento do enunciador da Entrevista 2 nos permite inferir que somente uma mulher batalhadora, respeitada, comprometida com o trabalho e com a família é que pode enunciar-se como fiador do discurso da italianidade. Esse tipo de mulher conquista a afetividade do coenunciador situado dentro do sistema de representações simbólicas da imigração italiana.

A pequena extensão desse enunciado se deve à característica que o enunciador tem de ser sucinto. As memórias são relatadas brevemente para que não pareçam mais pesadas ainda, tal como as pedras são carregadas com rapidez para que, do contrário, não venha o cansaço. Maingueneau (2002, p. 99) evidencia que a “maneira de dizer [...] remete a uma maneira de ser.” Dessa forma, a cena da enunciação construída pelo enunciador da entrevista 2 é curta, sucinta, mas tem o peso de uma pedra. O ethos discursivo não se cansa de carregar sua carga identitária, mas tem saudades de ir à praia, saudades de estar com as mãos vazias, saudade de estar livre, por um pouco de tempo, do poder simbólico que o regula.

Ainda discorrendo sobre a construção dos enunciados nessa entrevista, podemos perceber que a forma como o enunciador constrói seu discurso é regulada pela semântica global. Um dos planos constitutivos que se evidencia nesse enunciado é o modo de coesão. Maingueneau (2008a) destaca que a construção de parágrafos e a maneira como o enunciador argumenta ou se desloca de um tema a outro são regulados a fim de garantir um todo coeso de sentido. No discurso da imigração italiana, o trabalho, a família e o zelo pela comunidade são pontos que exigem grande investimento temporal, de forma que ocupar o tempo em outras atividades, como por exemplo, enunciar-se, é algo visto como desnecessário. As obrigações da mulher dentro da formação discursiva da italianidade não permite que ela se estenda em sua narrativa. Os enunciados curtos e a passagem brusca de um tema a outro (início de pobreza, descoberta da pedreira, felicidade no trabalho, aprovação dos motoristas, obrigações de dona de casa, grupos de amigas, zelo pela família) nos permitem apreender um enunciador que ainda tem muito a fazer e, portanto, não pode se alongar em seu discurso.

A argumentação do enunciador, outra característica evidenciada pelo modo de coesão, destaca um sujeito breve e econômico em suas palavras - *Daí, começamo, fomo indo, e eu*

gostei de do serviço, fui trabaizando sempre assim / Tô meia parada por causa do meu irmão. A brevidade nos enunciados pressupõe que o coenunciador, parceiro da mesma bagagem dóxica, não precisa ter acesso aos argumentos na superfície discursiva, pois já os conhece por meio dos estereótipos culturais inculcados pelo poder simbólico e os ativa no momento da enunciação que o interpela.

O fiador que se responsabiliza por esse discurso assume uma corporalidade de peso e cansaço. Os traços psicológicos deixam transparecer no caráter o respeito, a valorização do trabalho e comprometimento com a família, atendendo às representações sociais valorizadas nesse sistema cultural e sobre as quais se sustenta a enunciação. Entre as pausas de um enunciado e outro, ouve-se, lá fora, o barulho da marreta castigando a talhadeira sobre a pedra. Aqui dentro, na enunciação, as coerções culturais martelam a identidade sobre um discurso duro que vai ganhando forma, mas tudo isso acontece entremeio a risos porque o poder simbólico, não nos esqueçamos, é invisível.

Consta, na sequência, a Entrevista 3.

Quadro 4 – Entrevista 3

Ancila Lurdes Barbiero – estilista e cabeleireira

Sempre tive, sabe, uma missão de pintar unha, de, sabe... e aí depois de tanto tempo eu comecei a fazer unha pras, pras minhas tias, pro pessoal de casa, pras vizinhas e até que um belo dia eu tive um convite pra trabalhar com uma, com uma colega. Comecei a fazer unhas em uma máquina de costuras, coisas emprestadas e assim fui indo. Minha família era, era humilde. Meu pai tinha terra, sim, mas é... trabalhava na colônia, sabe? E o meu pai não aceitava que eu trabalhasse fora de casa, aí eu tentei, sem a vontade dele, eu saí de casa pra trabalhar. Com vinte e sete anos eu comecei. E não me arrependo. O que eu fiz eu acho que valeu.

Fonte: SMEC (2009)

A entrevistada encontra-se sentada num ambiente que parece ser o de um salão de beleza, ao fundo um espelho na parede. A parede lateral é ocupada por alguns utensílios de trabalho e de decoração. Ao lado da entrevistada figura uma prateleira de esmaltes, como podemos ver na Figura 6.

Figura 6 – estilista e cabeleireira



Fonte: SMEC (2009)

A descrição das atividades do enunciador se inscreve num tempo cronológico ininterrupto demarcado pela palavra *Sempre*. Fiorin (2004, p. 16), em seus escritos sobre a enunciação benvenistiana, parafraseia Benveniste dizendo que o sujeito, ao enunciar-se, “povoa o enunciado de pessoas, de tempo e de espaços”. Esse povoamento é captado no enunciado da Entrevista 3, pois o tempo enunciativo para o qual o coenunciador é convidado a partilhar é um tempo de todo o percurso biográfico do enunciador que, por ser um tempo existente unicamente no discurso, coincide com o tempo da própria enunciação.

Maingueneau (2008c, p. 51) afirma que “o locutor deve dizer construindo o quadro desse dizer, elaborar dispositivos pelos quais o discurso encena seu próprio processo de comunicação, uma encenação inseparável do universo de sentido que o texto procura impor”. No discurso em análise, percebemos que a construção do dispositivo vai, gradativamente, trazendo para a materialidade discursiva os aspectos culturais. Se o enunciador descreveu que *Sempre* teve uma missão de fazer o que faz, então ele precisa apresentar fatores que o legitimem nessa inscrição temporal tão ampla. Um dos fatores que ele apresenta é a propagação de seu trabalho em meio à família, aos amigos e à comunidade. Apresentar o argumento de que suas atividades iniciaram com *o pessoal de casa* aponta para um enunciador que pretende, na construção de sua identidade, deixar demarcado o desejo de cumprir com a missão ao mesmo tempo em que está cerceada pelos valores culturais que a impedem de expandir suas atividades.

A expressão *até que um belo dia* nos encaminha para uma mudança no quadro espaço-temporal da enunciação. Se, até o momento, o dispositivo de legitimação era construído ao redor da família, nesse instante, esse dispositivo adere a novos fatores legitimantes. Instaurar

uma identidade como estilista e cabeleireira é uma empreitada que, para o enunciador, implica dificuldades e determinação. O enunciador começou seu trabalho com objetos emprestados e reutilização de móveis que não foram feitos para aquele fim (*máquina de costura*). Essa descrição é reforçada com a avaliação *Minha família era humilde* como uma cena validada, já instalada na memória da coletividade. (MAINGUENEAU, 2008b). Além disso, apoiar-se na cena validada de *família humilde* é uma estratégia que expõe um ethos prévio de pobreza do enunciador. Tendo acesso a essa primeira imagem do ethos, o coenunciador tem condições de legitimar o restante da enunciação de acordo com os modelos culturais da italianidade, que apregoa: a pobreza é revertida com o trabalho.

Em seguida, percebemos a preocupação do enunciador em não deixar que sua imagem seja prejudicada. Conforme Charaudeau e Maingueneau, (2014, p. 456), “não existe subjetividade sem intersubjetividade”, por essa característica, no discurso da Entrevista 3, a presença do “tu”, instaurado pelo “*eu-Ancila*” na enunciação, exige que o enunciador explique o enunciado *Meu pai tinha terras, sim*. Vemos que nesse ponto a identidade que o enunciador ocupa no âmbito da família interfere na identidade social. Nesse sistema de representações simbólicas, ser filha de alguém que tem a posse de terras não pode ser sinônimo de alguém que trabalha com objetos emprestados. Considerando que as maneiras de utilização do espaço (DE CERTEAU, 1995) e o acervo de bens simbólicos (CANCLINI, 1995) compõem a concepção de cultura, nesse sistema cultural a posse de terras constitui-se como símbolo que gera a identidade de riqueza.

No entanto, a explicação dada pelo enunciador (*Meu pai tinha terra, sim, mas é... trabalhava na colônia, sabe?*) colabora para com a preservação da imagem do enunciador, uma vez que a posse de terras não se constitui apenas como significado de riqueza, mas como significado de trabalho árduo e recurso necessário para sobrevivência. Os elementos simbólicos *terras, objetos emprestados* e *colônia* contribuem para a construção da identidade dos agentes, de acordo com Woodward (2013), posicionando pai e filha em lugares de identificação semelhantes: usar a terra como meio de sobrevivência e trabalhar com objetos emprestado são pontos de legitimação do sema *família humilde*.

De acordo com Woodward (2013), a política da identidade não é uma luta entre sujeitos naturais, “é uma luta em favor da própria expressão da identidade” (WOODWARD, 2013, p. 37), que classifica e distingue, no discurso analisado, dois grupos: a norma, representada pelo pai que não aceita sua filha trabalhando fora de casa, e o outro que é a filha. O pai, como norma, luta por manter a identidade imposta pelo sistema cultural que na imigração italiana delega às mulheres a obrigação de cuidar da casa. Já a filha estabelece-se

como o “outro” desviante da identidade sugerida. Esse “outro” busca uma nova identidade, sai para o mercado de trabalho e ocupa um lugar discursivo no qual pode dizer: *não me arrependo*.

A cenografia criada nessa enunciação, como se pode perceber, é de conflito. Os conflitos entre pai e filha ultrapassam o plano discursivo e atingem até mesmo o plano cultural. A não aceitação do pai o coloca em lugar de privilégio, uma vez que é ele quem tem o poder de classificação, ele é a norma. É por meio do lugar discursivo de “pai de família da italianidade” que as manifestações culturais podem ser percebidas. Silva (2013, p. 82) avalia que “o privilégio de classificar significa [...] o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos sociais assim classificados”. A filha é o enunciador desviante que não admite abrir mão das atividades que deseja exercer para ocupar uma identidade de “dona de casa”. Na descrição de cultura de De Certeau (1995), o homem culto é aquele que, seguindo os modelos elaborados pelas representações simbólicas, introduz as normas da categoria dominante e impõe seu poder. O tom destemido do enunciador depreende um ethos encorajado a enfrentar o sistema de representações simbólicas e suas implicações políticas para construir uma nova identidade.

Nessa cenografia que contesta e se explica, que busca recursos emprestados para iniciar seus trabalhos, que sai de casa em busca de seus sonhos, só mesmo um enunciador aguerrido é que poderia servir de fiador desse discurso. O enunciador que não admite o jugo de uma identidade que o poder simbólico lhe impõe é o enunciador autorizado a enunciar-se dizendo: *O que eu fiz eu acho que valeu a pena*. A identidade da mulher que se constitui nesse discurso é uma identidade que contraria os valores culturais em razão de uma *missão* e, por fim, essa identidade é absorvida dentro do sistema de representações simbólicas da italianidade sob a justificativa de que a subversão se deu em prol do trabalho.

No que concerne aos planos da semântica global, a Entrevista 3 nos permite analisar os temas desse discurso. Maingueneau (2008a, p. 82) afirma que “nenhum tema é realmente original, dado que ele se reencontra em múltiplos outros discursos, até nos seus adversários”. Os temas analisados no discurso da imigração italiana em Nova Prata não são exclusivos dessa formação discursiva, posto que os mesmos temas podem ser identificados em outras sistemas semânticos. O que nos interessa é o tratamento e a pertinência de alguns temas dentro do sistema de restrições semânticas da italianidade. As práticas culturais da imigração italiana carimbam no sistema de restrições o tratamento semântico que se dará aos temas no discurso. Podemos destacar alguns exemplos das entrevistas já analisadas: *Fazia com amor, e procurava sempre [...] agradar as minhas freguesas da melhor forma possível* (Entrevista 1) /

Quando eu levantava eu só pensava de ir arrancar uma prancha boa e corta ela assim, não quebra pra fazer retalho (Entrevista 2). O tema que ganha destaque na prática discursiva das mulheres da italianidade é o compromisso com trabalho. Veremos, mais adiante, nas entrevistas posteriores, que junto ao trabalho, outros temas ganham relevância, tais como a excelência do casamento e a prosperidade por meio da família. Este último tema pode ser percebido na Entrevista 3: *eu comecei a fazer unha pras, pras minhas tias, pro pessoal de casa, pras vizinhas*. Outros temas podem ser encontrados no discurso das mulheres da imigração italiana, mas os temas classificados como específicos são os que descrevem o trabalho como inspiração diária.

Os temas impostos dentro desse sistema de restrições pouco são percebidos, isso se deve ao caráter identitário dessa formação discursiva. Tal como se camufla e apaga a presença do outro, a presença de temas impostos são remodelados para não causar discrepâncias no sistema cultural. Dois exemplos podemos depreender do discurso da italianidade: *E sempre no meio dos homens porque...rsrs, mas sempre foi respeitada* (Entrevista 2); *meu pai não aceitava que eu trabalhasse fora de casa, aí, sem a vontade dele, eu saí de casa pra trabalhar* (Entrevista 3). O primeiro enunciado, que trata sobre os conflitos identitários de gênero em lugares discursivos de trabalho, já foi discutido no estudo da cenografia particular da Entrevista 2, mas convém retomar que dois fatores são responsáveis pela aceitação desse tema no discurso da imigração italiana. O primeiro deles é a condição social de pobreza da mulher que permite que ela exerça o ofício de extratora de basalto e conviva com homens no ambiente de trabalho; o segundo fator está relacionado ao tratamento semântico dado ao vocábulo trabalho. O trabalho é uma condição necessária à vida nessa cultura.

O segundo exemplo fala da contrariedade do enunciador em relação aos valores estabelecidos pela cultura. Dessa contravenção, poderíamos identificar o comportamento desse enunciador-mulher como um anti-ethos, uma vez que, por sua atitude, não teria a adesão do coenunciador-homem. No entanto, é graças ao tratamento semântico dado a “trabalho” que as atitudes de revolta do enunciador em relação à norma (*seu pai*) podem ser tratadas nesse discurso. Se a motivação da saída de casa fosse outra, talvez o tema da subversão cultural não tivesse espaço nesse discurso. A valorização do trabalho serve como avalista nessa enunciação, garantindo que o destinatário construa um fiador que, pelos estereótipos validados, precisa burlar as regras para trabalhar.

O Quadro 5 expõe a Entrevista 4, passemos a ela.

Quadro 5 – Entrevista 4

Líbera Guadagnin – agricultora

Quando que eu acordo, levanto, tomo meus remédio, depois vou da comida pros pintinho, ajuda a nora a traze os bicho. E depois a gente entra, toma um lanchezinho, depois vou carpi na horta, carpi na lavoura, ali, e indo.

Eu nasci no ano de 1930. Casei em 1950. Quando que fazia 50 ano que tamo casado, então fizemo as Bodas de Ouro. E agora ele faleceu, senão fazia de, de, de 60 ano, né. Ele morreu ano passado. Eu gostava de deixar meu marido sempre alegre. Sempre aprontava as coisinhas boas pra ele. Nós ía carpi, até três ano atrás, nós ía carpi um pedacinho de manhã na roça, daí eu digo: “Nono, senta ali que eu carpi, eu carpo pra tu também.” Ele tava faceiro, depois deu o câncer e em seis mês ele morreu.

Teve seis filho, acredita? Um atrás do outro. Cada dezoito meses um. Então ía trabalha lá naquele chato que se vai lá na cascata. Então eu me trazia eles junto. Os meus filho, pra bem dize a verdade, foram criado na, na roça, na sombra das plantas. E quando que chovia, nós plantava trigo, plantava soja, e quando chovia que... garoava, sabe garoa, então nós levava a carroça na roça e dois pau grande e uma lona por cima e nós botava os piazzino dentro lá. Então eles não se cutucava, não chorava, não se... não brigava. Fazia uma festa ali embaixo daquela lona. Se, se é agora eles se mata a metade. Onde que eu ia me levava sempre junto.

Então era um, um me puxava pra saia, porque eu não acostumava a calça comprida, outro a cavaloto, assim, e outro no ventre, e vai indo assim. Sempre criei meus filho sempre com alegria e amor. Pra mim foi uma vida muito querida. É. Sempre me deu com as vizinha, por Jesus Cristo. Com tudo mundo me do. É

Fonte: SMEC (2009)

No vídeo, a entrevista é antecedida por imagens de uma capela interiorana típica das áreas colonizadas por imigrantes italianos, conforme ilustra a Figura 7. A presença da capela nas colônias de imigração italiana simboliza, conforme Farina (1986), a necessidade de reafirmar um laço religioso com a fé professada na Itália antes da imigração. Simboliza também um laço de união entre as famílias italianas em favor de uma comunidade puramente motivada pela religiosidade e a etnia. A Figura 7 ilustra esses elementos.

Figura 7 – Cenário rural



Fonte: SMEC (2009)

Ouve-se um galo cantando como símbolo de disposição para o trabalho, em seguida, figura no vídeo o gado pastando, muitas árvores e cercas limítrofes em destaque. Esses elementos rememoram a vida nas colônias em que se concilia a lida com os animais, o cultivo da terra e a demarcação de território como propriedade privada. Há, antes da aparição da entrevistada, a imagem de um paiol de madeira próximo às árvores, conforme ilustra a Figura 8, em meio ao pasto estendido em primeiro plano. A recorrência a esses elementos se dá pela preocupação em instaurar uma memória coletiva da italianidade, pela necessidade em afirmar: Temos história. E, por esse viés, podemos relacionar com as descrições etimológicas de cultura feitas por Bosi (1992). O autor descreve que o indivíduo que tem história, que tem memória, é um indivíduo cultivado, ou melhor, culto. Vejamos a Figura 8.

Figura 8 – Paiol



Fonte: SMEC (2009)

O enunciador que vai aparecer no discurso da Entrevista 4 já instala um ethos prévio (MAINGUENEAU, 2008b), em que se associa o paiol ao trabalho, ao mantimento tirado da terra e à luta pela sobrevivência em um tempo e um espaço tão hostis. O enunciador que se espera desse discurso, pela previsão que é proporcionada, é um enunciador cultivado pelo poder simbólico da imigração italiana e culto no domínio dos símbolos desse sistema de representações. Na Figura 9, apresentamos o enunciador do discurso apresentado no Quadro 5.

Figura 9 – Agricultora

Fonte: SMEC (2009)

A enunciação é organizada num crescente histórico, inicialmente em relação ao cotidiano e, em segunda instância, em relação à cronologia de vida do enunciador. É através da linguagem, como nos esclarece Woodward (2013), que a identidade ganha sentido. Vemos que o processo de identificação é emoldurado no discurso, pois antes de se materializar num enunciado, essa identidade é apenas um aglomerado de fatos históricos registrados pela vivência do indivíduo.

Nas primeiras estruturas enunciativas, o enunciador faz a localização de seu discurso em um contexto enunciativo de uma área rural. Cabe ressaltar que as categorias de pessoa tempo e espaço são instauradas para o mesmo fim, a legitimação da enunciação. (MAINGUENEAU, 2010). Portanto, devem estar afinadas ao mesmo sistema de restrições semânticas. A realidade rural construída no discurso é a única realidade que propicia esse discurso existir.

Neste estudo, pela extensão, não cabe a descrição fonética da fala do enunciador que estamos analisando. No entanto, nos vemos na obrigação de fazer menção a esta perspectiva no intuito de enriquecer nossa análise, uma vez que os fenômenos que interagem no movimento de elaboração do ethos vão “desde a escolha do registro da língua e das palavras até o planejamento textual, passando pelo ritmo e a modulação”. (MAINGUENEAU, 2015, p. 16). Percebe-se que a produção fonética da variante portuguesa utilizada pelo enunciador é fortemente carregada por variações emprestadas do dialeto italiano falado na região de Nova Prata (*outro a cavaloto*). Até mesmo algumas marcas de concordância verbal e nominal podem ser destacadas como elementos de legitimação do enunciador que fala como fiador do discurso da imigração italiana: *senta ali que eu carpi, eu carpo pra tu / eu não acostumava a*

calça comprida. Essas marcas que, numa visão puritana de linguagem, parecem estar em desacordo com a variante padrão, para nós, representam marcas de legitimação das quais o enunciador faz uso por intentar conquistar a adesão de seu coenunciador.

Na sequência, o enunciador descreve atividades nas quais ele estabelece estreito vínculo com a terra e com a natureza. No entanto, a presença do homem⁵⁴ no meio natural já indica para uma perspectiva cultural. Segundo Geertz (2008), não se pode abordar a natureza humana fora da cultura. A situação de enunciação vai sendo legitimada, conforme Maingueneau (2013), pelas recorrências que o enunciador faz ao ambiente campesino nas ocorrências / *vou da comida pros pintinho / carpi na horta / carpi na lavoura / nós ía carpi um pedacinho de manhã na roça /*, ou seja, a validação se dá através da própria enunciação. (MAINGUENEAU, 2013). Além disso, através do discurso é que o enunciador tem acesso a sua identidade, assim como possibilita ao coenunciador também acessá-la. Nesse sentido, destacamos que *pedacinho*, aqui, é usado no lugar de um espaço pequeno de terra que o enunciador localiza na roça. Entendemos que nessa última ocorrência, o enunciador, de tão conectado que está com a terra, não sente a necessidade de especificar em seu discurso aquilo que é já um pouco de si, a terra.

O discurso da Entrevista 4 serve como oportunidade de registrar fatos historicamente importantes. Esse aspecto está em consonância com o que Hall (2013) já nos tem apontado, quando assevera que as identidades “invocam” uma origem para refazer suas relações com o passado através da narrativa do “eu” e, portanto, são construídas num local histórico específico. A referência feita pelo enunciador a duas datas na sequência (*Eu nasci no ano de 1930. Casei em 1950.*), faz-nos equiparar o grau de importância dos dois acontecidos: o nascimento e o casamento. O nascimento, por organização cronológica é primeiramente mencionado, no entanto, é forçado a abrir espaço para o fato segundo. O casamento tem grande relevância para o esse enunciador, pois ocupa grande parte, senão o restante, de todo o discurso. A relevância dada ao casamento é fortemente argumentada no enunciado *Quando que fazia 50 ano que tamo casado, então fizemo as Bodas de Ouro*. Vemos que, neste contexto cultural, o casamento é símbolo de respeito e valorização e é através desse símbolo que é constituída a identidade do enunciador.

A identidade das mulheres na prática discursiva da italianidade é composta pelo casamento duradouro. E, mesmo depois de o casamento ser processado numa descontinuidade, a morte do marido, a forma como o enunciador constrói seu enunciado

⁵⁴ O termo “homem”, aqui, está sendo usado no sentido antropológico e não como elemento de distinção de gênero social.

seguinte representa que o valor do casamento se mantém intacto. Do enunciado *E agora ele faleceu, senão fazia de, de, de 60 ano, né. Ele morreu ano passado*, destacamos a forma *senão fazia [...] 60 ano* como sendo o contra-argumento para a separação causada pela morte, isto é, se não fosse a separação da morte, nada separaria os envolvidos nesse casamento. De acordo com Amossy (2008), o tom como o enunciador se empossa para enunciar-se autoriza o coenunciador a construir uma imagem do enunciador que constantemente se esforça para ser validado.

Verificamos que o enunciador busca no discurso uma forma de sempre se reafirmar quanto a sua eficiência naquilo que considera mais importante, o casamento. Através dos índices discursivos percebidos na construção da imagem si, estabelece-se uma relação amistosa entre o enunciador e seu coenunciador, desde que este último partilhe dos mesmos símbolos culturais. (AMOSSY, 2008a).

É construída nesse discurso uma cenografia de plantio e, ao longo da enunciação, essa cenografia é reiterada (MAINGUENEAU, 2013), isso porque não só o movimento de legitimação exige do enunciador-agricultor uma construção cenográfica de plantio como também a identidade que, por seu caráter deslizante e inacabado, precisa ser sempre reafirmada. Conforme Maingueneau (2013), as cenas de fala validadas são as que captam o imaginário do coenunciador atribuindo ao discurso uma identidade. Ocorre nessa entrevista o lançar da semente por meio da tentativa de persuasão através dos bens de maior valor do enunciador, o casamento, a família, o trabalho. Esses bens não têm relevância se o coenunciador não partilhar das mesmas cenas validadas. Por isso, afirmamos que a identidade do coenunciador nesse *corpus* foi pioneiramente definida pelo enunciador. O enunciador desse discurso acredita que o outro, deveras, compartilhe dessas cenas validadas, pois começa falando de sua rotina, fator de inteira individualidade, [...] *quando que eu acordo, levanto, tomo meus remédio, depois vou da comida pros pintinho, ajuda a nora a traze os bicho*, ao passo que poderia supor tratar-se de um coenunciador que não valorize os mesmo elementos discursivos, e acabaria perdendo o controle de sua própria enunciação.

A cenografia de semeadura instaura-se sempre preocupada em preencher todos os sulcos do discurso com a estabilidade das cenas validadas que, em Maingueneau (2013), são aquelas instaladas na memória da coletividade. As cenas validadas no discurso das mulheres da italianidade fazem despontar um tom de seriedade, comprometimento com o casamento e a família. Essas referências culturais, nas quais se apoia a cenografia, imprimem no discurso um comportamento global do ethos como um enunciador encarnado no discurso da imigração italiana e harmoniosamente afinado a conjuntura ideológica.

O ethos que se mostra nesse discurso fala dos compromissos assumidos com a cultura (*vou carpi na horta / Casei em 1950 / Eu gostava de deixar meu marido sempre alegre*) e do desejo de ser sempre aceita no meio cultural em que se insere (*Sempre me deu com as vizinha*). Esses recortes do ethos mostrado validam a forma como o enunciador se constitui. A imagem de uma mulher comprometida com o casamento e disposta a fazer o marido feliz.

A veneração ao passado e a valorização de símbolos é, segundo Hall (2013), uma forma de lidar com o tempo e espaço sem deixar brechas para que o poder simbólico venha a ruir, isto é, “memórias que conectam seu presente com seu passado”. (HALL, 2006, p. 51). A valorização do trabalho árduo na roça, mesmo com vários filhos pequenos e sob intempéries, faz com que a dureza do passado seja amenizada com o sentimento de saudade e de satisfação pelo dever cumprido. Ter criado os filhos à *sombra das plantas* é uma tarefa que não se pode delegar a qualquer mãe. A mãe italiana do passado arduo, capaz de criar os filhos entremeio ao plantio de soja e trigo, protegidos por uma lona, tem algo a oferecer para o sistema de representações culturais. Ela mesma se faz símbolo para servir de força normalizadora das identidades da comunidade. (WOODWARD, 2013).

A mulher que sofre a falta do marido constrói um discurso que amenize essa falta. Na continuidade, é possível notar que os enunciados seguintes virão como uma forma de honrar a memória do cônjuge através de códigos culturais muito bem reverenciados. Entendemos que, nesse contexto, ter muitos filhos é sinal de honra, força e benevolência, e o enunciador deixa transparecer essa interpretação pelo uso da modalização dos enunciados: *Teve seis filho, acredita? Um atrás do outro*. Os filhos são citados como forma de justificar a fraqueza do marido perante a morte (*depois deu o câncer e em seis mês ele morreu*) e como maneira de apresentar-se com os deveres de mãe, mulher e trabalhadora cumpridos (*Os meus filho, pra bem dizer a verdade, foram criado na, na roça, na sombra das plantas*). Salientamos o que Maingueneau (2013, p. 55) aponta, em relação a esse enunciado, que “um discurso só adquire sentido no interior de um universo de outros discursos.” Nesse particular, o discurso das mulheres da imigração italiana é colocado em relação a outros discursos para definir sua identidade. É através das características culturais distintas, em relação a outros discursos, que o discurso da imigração italiana em Nova Prata constrói as identidades de homem e mulher. Ter muitos filhos é sinal de força e virilidade do homem nesse discurso. Já à mulher é delegada a identidade de respeito e comprometimento por ter muitos filhos. No entanto, a reprodução avultada pode ser entendida como sinal de descuido e in consequência no discurso da sociedade pós-moderna que prega o controle de natalidade e a redução do número de filhos.

O discurso se encaminha para o fim com avaliações do enunciador sobre as escolhas que fez e a forma como viveu: *Sempre criei meus filho sempre com alegria e amor. Pra mim foi uma vida muito querida*, e isso tem relação com o plano cultural, pois, conforme Laraia (2006), a forma como vemos o mundo, o quadro valorativo de ordem moral, a forma como nos comportamos são elementos herdados da cultura. Hall (2013) aponta para o fato de sempre nos reafirmarmos em relação a outras culturas, mas nessa equiparação a norma sempre será a nossa identidade, nunca a do outro. Nos enunciados finais desse discurso, podemos perceber que o sistema cultural que rege a vida do enunciador é, na avaliação do próprio enunciador, o responsável por lhe proporcionar *uma vida muito querida*.

A imagem que o enunciador lança de si no discurso é uma imagem autorizada como fiador do discurso da italianidade. Ser uma esposa atenciosa, boa mãe, mulher trabalhadora, vizinha ajustada aos modelos culturais, virtuosa em sua fé são características que efetivam o ethos discursivo, além do que, como fiador do discurso, esse ethos dá acesso ao mundo ético do discurso de onde provém (MAINGUENEAU, 2008c), isto é, a mulher que deseja ser valorizada dentro da cultura da imigração italiana precisa aderir ao modelo de mulher representado por Dona Líbera. No mundo ético do fiador, todas as características exigidas das mulheres descendentes da imigração italiana precisam ser atendidas para que se dê a incorporação desse discurso não só por parte do enunciador, mas também através da adesão do coenunciador. Essa adesão fortalece os laços de comunidade e preserva as tradições fornecidas à comunidade como repertórios de significados (HALL, 2003).

A miúde, a mulher que é valorizada e vista como bem sucedida é representada por uma imagem posta como fiador que assume o compromisso com o casamento, com o trabalho e com a família. A mulher digna de respeito é aquela que depois de cumprir com seus compromissos de esposa, mãe, trabalhadora tem condições de ajustar-se à comunidade. Sua inserção social é harmônica somente porque vem desempenhando, com êxito, seus papéis sociais. *Sempre me deu com as vizinha, por Jesus Cristo. Como tudo mundo me dou*. Seria como uma gratificação, de Jesus Cristo, por responder a todas as expectativas que lhe são investidas pelo poder simbólico. Ser o que é lhe garante uma gratificação divina. Frente a isso, vemos que o ethos encarna por excelência um compromisso com a religiosidade. A identidade desse enunciador é construída com base nos valores cristãos disponíveis no sistema de representações simbólicas da italianidade em Nova Prata.

Nesta entrevista daremos atenção, quanto à semântica global, ao plano do vocabulário. Na análise realizada sobre as práticas discursivas da italianidade, o plano do vocabulário não possui, como Maingueneau (2008a) nos aponta, unidades lexicais próprias. Maingueneau

(2008c, p. 52) descreve a língua como um instrumento que não é neutro, “mas apropriada ao universo de sentido que o posicionamento pretende impor”. É devido ao tratamento semântico dado às palavras da língua que se define o posicionamento discursivo. (MAINGUENEAU, 2008a). Dessa forma, não buscamos vocábulos no discurso da italianidade como mecanismos da língua enquanto sistema, mas analisamos os vocábulos carregados de sentido pelo discurso que deles faz uso.

Das análises realizadas destacamos os seguintes enunciados: *Graças a Deus eu me dei super bem com a minha profissão* (Entrevista 1) / *eu gostei do serviço* (Entrevista 2) / *eu saí de casa pra trabalhar* (Entrevista 3) / *Os meus filho [...] foram criado na, na roça, na sombra das plantas* (Entrevista 4). Em todos esses enunciados podemos perceber que o que mais se manifesta no discurso é a soma da vida ao trabalho. A vida e o trabalho são vocábulos que tomam uma dimensão quase que única. Trabalhar, no discurso da imigração italiana, é uma característica da vida; estar de bem com o trabalho é uma benesse divina; as atitudes que ultrapassam o sistema simbólico são justificadas se forem em razão do trabalho; o trabalho não é um empecilho para a formação da família, pelo contrário, a família deve ser formada para o trabalho. A concepção de viver bem está atrelada ao trabalho. Esses registros comprovam que o sistema de restrições que permite ou veta o uso de determinados termos deve poder justificar o estatuto que atribui a cada termo. (MAINGUENEAU, 2008a).

Outro vocábulo que se avulta é a família. As definições de família e de filhos, pelo tratamento semântico que recebem no sistema de restrições da italianidade, parecem carregar o segredo da força e do sucesso da imigração italiana: *Teve seis filho, acredita? Um atrás do outro. Cada dezoito meses um.* Garantir a manutenção do grupo através da constituição de uma família indica a preocupação da italianidade em expandir a norma de seu poder simbólico como sendo a concepção primeira de mundo, de homem e de conquistas. Ter muitos filhos recebe um tratamento de valorização social.

Na sequência, são apresentadas a Entrevista 5 e sua análise.

Quadro 6 – Entrevista 5

Inês Zanetti Prescendo - professora

Eu iniciei a leciona, trabalha foi na Fazenda da Pratinha, na Escola Doutor Getúlio Vargas, no ano de 1966. Trabalhei lá dois anos, com primeira série e depois eu casei com o Romano Prescendo, né, e daí eu vim mora aqui na localidade de São Roque, em 68, daí eu comecei a trabalhar aqui. Na escola a gente tinha que cuida de tudo. Nós tínhamos jardim e, houve uma época nós tínhamos até horta, tinha que fazer a limpeza, né. Faxina era por nós mesma. Os alunos ajudavam. Inclusive teve anos que ainda hoje eles comentam comigo que os meninos me ajudavam. Naquela época a gente tinha que lavar vidros, passar cera, porque a gente não... Quando não tinha meninas os meninos inclusive me ajudavam. Eles colaboravam muito comigo. Uma coisa

também hoje que eu achei que também boa que já os alunos eles não têm mais... A professora não tem mais todas as séries, ela cuida só de uma série, que as crianças vão pra cidade, né.

Quanto naquela época a gente não era fácil porque tinha poucos alunos, sim, quatro, cinco, três, quatro de cada série, mas tinha que... o conteúdo tinha que ser de cada série, né. Então a gente tinha que trabalhar, assim... Não era fácil, porque tinha que atender todos. Agora os alunos colaboraram com a gente, eles ajudavam. Tinha que pedir ajuda mesmo porque, senão, às vezes eles cuidavam das panelas, inclusive. Cuida. A gente preparava eles iam lá ajuda. Muitas vezes eles me ajudavam até cortar tempero. Me lembro.

A gente ouviu colegas falar os alunos não tem mais muitas vezes respeito e nem não valorizam mais muito o professor, que a gente, eu acho, quando é valorizado... Não é só a parte econômica, só o dinheiro. Hoje em dia também a pessoa tem que ser valorizada. Também, inclusive com os pais, aqui, Graças a Deus, eu sempre, eles sempre colaboraram comigo. Inclusive a gente fazia festinhas. Porque eles não davam tudo que nem hoje tem tudo. Teve uma época se a gente queria comprar, nós comprava armários, mimeógrafos naquela época. A gente fazia festinhas todos anos, uma festinha pra escola. O que visava aquele lucro era pra comprar... adquirir coisas pra escola, né.

Me sinto muito feliz e tenho muitos meus alunos que eles me dizem hoje: “Graças a você, professora que hoje eu sou o que eu sou.” Tem muito camioneiros, inclusive. Outras profissões também, a gente encontra hoje, muitos e muitos dos meus alunos eles me agradecem e eu fico muito contente, muito feliz e me sinto [...] assim, atééé... uma certa gratificação, porque a gente vê que, então, a gente fez alguma coisa... na vida, né.

Que a gente foi útil na vida um pouco, um pouco, né. Que a gente ajudou [...] inclusive, o nosso município, porque eu sempre trabalhei aqui no nosso município. Eu não sou rica nem hoje, mas pra viver deus, eu sempre digo que a gente não leva nada desse mundo.

A gente, eu acho, que leva mais as boas ações que você faz do que... a riqueza que você deixa, porque... a gente não leva nada desse mundo. Inclusive, até hoje eu participo na comunidade, já muitos anos eu participo na liturgia, sou ministra da comunidade, também. Ainda hoje eu colaboro na comunidade. Eu digo, até que eu puder... Eu estou sempre a disposição aí, ajudando, né. Porque sei cada vez mais que a gente, com a idade a gente está vendo que a gente leva o que faz de bem.

Fonte: SMEC (2009)

O contexto físico que é apresentado na entrevista, conforme expõe a Figura 10, constitui-se de uma pequena escola da zona rural, cercada por inúmeras árvores e um extenso gramado, harmoniosamente combinados com a figura de uma senhora idosa que fala a seu coenunciador num tom professoral. Alguns momentos de sua fala são encobertos pelo barulho do vento e canto de pássaros. Ainda que não seja foco desse trabalho a descrição física, é importante lembrar que alguns desses elementos podem, na constituição do *ethos* pré-discursivo, reforçar a figura do *ethos* discursivo e a cenografia.

Figura 10 – Escola rural

Fonte: SMEC (2009)

O discurso começa com um resumo da vida do enunciador em que são citados os fatos mais importantes de sua vivência. (*Eu iniciei a leciona [...] no ano de 1966. [...] depois eu casei com o Romano Prescendo, né, e daí eu vim mora aqui na localidade de São Roque, em 68, daí eu comecei a trabalhar aqui*). Ressaltamos que a preocupação do enunciador é de se expor como professora, não deixando espaço para informações de sua vida privada. O único fato mencionado sobre sua vida privada é o casamento. Entendemos que a citação sobre o casamento se dê por duas razões. Primeiro, porque as consequências do casamento são responsáveis pelo deslocamento do enunciador de um lugar de trabalho para outro, portanto, é uma explicação profissional. Segundo porque, como estratégia identitária, tentando recorrer às cenas validadas na memória da coletividade de imigração italiana, o casamento faz com que nosso enunciador esteja afinado à ideologia que vê o casamento como uma prática de grande respeito.

Na sequência, o discurso se desenvolve em apenas uma temática: o fazer docente. Para reforçar seu relato, o enunciador recorre a marcas identitárias oferecidas pela história. Sua vivência não pode ser comprovada. No entanto, fazendo uso da língua, descrita por Bourdieu (1989) como estrutura estruturante, o enunciador se vê exonerado dessa obrigação, uma vez que a própria língua (e no caso dessa análise, o discurso) gera significados culturais. Isso significa que o professor goza do estatuto do enunciador da verdade na prática discursiva da imigração italiana. O relato que faz de si serve como prova, sendo liberado de qualquer outra comprovação. A Figura 11 revela alguns traços do contexto físico da enunciação e do enunciador desse discurso.

Figura 11 – Professora

Fonte: SMEC (2009)

De Certeau (1995) amplia a discussão sobre cultura quando diz que a maneira de utilizar o espaço e o acervo de bens simbólicos são fundantes culturais. Vemos esse repertório de bens simbólicos sendo acionado para a construção da cenografia enunciativa da imigração italiana no compromisso de legitimação. O enunciador apresenta, no fio discursivo, símbolos que tomam significados relevantes dentro do sistema de representações simbólicas da italianidade (*nós comprava armários, mimeógrafos / Os alunos ajudavam / Tem muito caminhoneiros, inclusive / eu participo na liturgia*). Não podemos, conforme aponta Woodward (2013), apreender o processo identitário como essências geradas pelo indivíduo antes da inserção deste num sistema simbólico. A compra de mimeógrafos através das arrecadações na comunidade, a ajuda dos alunos para o funcionamento da escola, a valorização do caminhoneiro como profissão digna para seus alunos (*Tem muito caminhoneiros, inclusive*), a participação no funcionamento religioso da comunidade são símbolos que só instauram uma identidade dentro desse sistema de representação. Talvez, em outro sistema, esses lugares discursivos não existam, ou não sejam valorizados como são no discurso docente da imigração italiana.

A construção da cenografia não se esgota após um primeiro investimento por legitimação, ela se desenvolve ao longo da enunciação e faz com que a enunciação se desdobre num “processo de inscrição legitimante”. (MAINGUENEAU, 2008c, p. 51). Dessa forma, a enunciação em análise é apresentada num processo de retomada histórica, de modo que é construída a cenografia de uma aula. A professora apresenta-se comprometida com seu trabalho educacional e tenta comover, numa postura de sabedoria, o coenunciador-discípulo com o relato de sofrimento (*Na escola a gente tinha que cuida de tudo. / Inclusive teve anos*

que ainda hoje eles comentam comigo que os meninos me ajudavam. Naquela época a gente tinha que lavar vidros, passar cera, porque a gente não... / Quando não tinha meninas os meninos inclusive me ajudavam. Eles colaboravam muito comigo), mas com o contentamento de dever cumprido (eu fico muito contente, muito feliz e me sinto assim, atééé... uma certa gratificação, porque a gente vê que, então, a gente fez alguma coisa... na vida, né).

O enunciador não passa despercebido na história. Além de ter superado todas as dificuldades, ainda recebe o reconhecimento de seus alunos. / *ainda hoje eles comentam comigo que os meninos me ajudavam/*. Outra marca identitária que se pode vislumbrar no discurso é a ênfase dada à ajuda dos meninos em tarefas que simbolizam, nesse meio cultural, serem atividades propriamente femininas (*os meninos inclusive me ajudavam*). Essa marca identitária é reforçada pelo termo *inclusive*.

Percebemos na construção da identidade do enunciador, da Entrevista 5, o processo de deslizamento embasado no jogo da *différance* de Derrida (apud HALL, 2006). Nesse processo, a composição identitária não se restringe apenas às afirmações positivas do “eu”, mas busca afirmar-se na confrontação do “eu” com o “outro”. O eu-enunciador da italianidade confronta-se com o outro-professor da atualidade. É nessa confrontação, e até mesmo no elogio aos avanços ocorridos na área da educação da comunidade, a separação do ensino por série, que o enunciador destaca ainda mais seu sofrimento e sua responsabilidade de ensinar. *Uma coisa também hoje que eu achei que também boa que já os alunos eles não têm mais... A professora não tem mais todas as séries, ela cuida só de uma série, que as crianças vão pra cidade, né. Quanto naquela época a gente não era fácil porque tinha poucos alunos, sim, quatro, cinco, três, quatro de cada série, mas tinha que... o conteúdo tinha que ser de cada série, né. Então a gente tinha que trabalhar, assim... Não era fácil, porque tinha que atender todos.* Podemos identificar nesses enunciados que o enunciador prevê uma reação do coenunciador e por essa antecipação já desencadeia seu discurso de forma que não seja invalidado. Do enunciado *tinha poucos alunos, sim, quatro, cinco, três, quatro de cada série, mas tinha que... o conteúdo tinha que ser de cada série, né*, destacamos a palavra *sim* como uma confirmação do que possa o coenunciador estar pensando (Os professores atendiam turmas multisseriadas mas tinham poucos alunos) e, na sequência, a refutação da conclusão do coenunciador como uma correção didática do enunciador-professora: *o conteúdo tinha que ser de cada série, né*.

Bourdieu (1989) afirma que a concordância das subjetividades é o que garante o caráter de objetividade do mundo. Isso se comprova no depoimento da professora, pois, além do reconhecimento de seus alunos pelo trabalho bem feito, a professora, nas adversidades da

docência, recebia ajuda (*Agora os alunos colaboraram com a gente, eles ajudavam. Tinha que pedir ajuda mesmo porque, senão...*). Os alunos não podiam apenas ocupar a identidade de aprendizes, para que a escola funcionasse era preciso que cada um assumisse a obrigação de ajudar a professora.

Na sequência, encontramos outra recorrência às diferenças para constituir uma identidade historicamente muito bem demarcada. *A gente ouve colegas falar os alunos não tem mais muitas vezes respeito e nem não valorizam mais muito o professor, que a gente, eu acho, quando é valorizado...* A professora avalia a situação atual a partir de suas experiências como docente e considera que, em oposição binária de duas épocas distintas, a fase atual sofre uma crise de respeito para com a figura do professor.

O tom professoral que vai se incorporando ao ethos cada vez ganha mais força nas avaliações que Dona Inês faz de seu histórico profissional. Conforme os enunciados “*a pessoa tem que ser valorizada, gratificada*” indica para a crença em uma vida perpassada por dificuldades, mas com grandes conquistas. As vitórias sobre os desafios garante ao enunciatador uma autoridade que só quem é valorizado pode afirmar. Esse tom e a imagem de si, em harmonia com o poder simbólico desse sistema cultural, que o enunciatador transpõe, fazem dele o fiador de um discurso em que ele se vê historicamente preparado para enunciar e validar sua enunciação.

Em seguida, o ethos professoral de Dona Inês apresenta uma receita de como superou as dificuldades. *Teve uma época se a gente queria comprar, nós comprava armários, mimeógrafos naquela época. A gente fazia festinhas todos anos, uma festinha pra escola. O que visava aquele lucro era pra comprar... adquirir coisas pra escola, né. Mas sem deixar de tecer uma crítica às inúmeras facilidades que se tem hoje sem se poder perceber conquistas como as dela, Porque eles não davam tudo que nem hoje tem tudo.*

A situação de enunciação segue seu percurso de legitimação, conforme Maingueneau (2013), pelas recorrências que o enunciatador faz às dificuldades e à solidariedade obtida da comunidade. Nesse ponto, destacamos a relação que se estabelece entre o ethos discursivo construído pelo enunciatador e o modo de enunciação, um dos planos constitutivo da semântica global. O modo de enunciação, em Maingueneau (2008a) é indiscutivelmente a maneira de dizer. Já vimos, conforme atesta Maingueneau (2002, p. 99), que a “maneira de dizer [...] remete a uma maneira de ser”. A maneira como o enunciatador-professora constrói a cenografia e a imagem de si mesmo no discurso deixa transparecer uma maneira de ser culturalmente regrada e convicta da frutífera normatização que representa o poder do sistema simbólico no qual está inserido.

As modalizações que aparentemente ingênuas se registram, dão ao discurso um ar de conteúdo a ser aprendido pelo coenunciador: *A gente tinha que cuidar de tudo / Faxina era por nós mesma / Então a gente tinha que trabalhar assim*. Ao mesmo tempo em que relata suas vivências, Dona Inês vai dando uma aula de como garantir o sucesso dos bens simbólicos valorizados pela cultura da imigração italiana. As obrigações são destacadas nos enunciados *tinha que cuidar / tinha que trabalhar / tinha que fazer a limpeza*. Atrelado ao plano do modo de enunciação está o plano do estatuto do enunciador e do coenunciador, pois, a forma como a professora se enuncia garante a ela, e apenas a ela, o direito à palavra, o direito de constituir-se no discurso. O coenunciador não pode aparecer, não pode falar, ele é apenas aprendiz de um sistema simbólico bem sucedido. Por esse estatuto determinado a cada um dos parceiros, se percebe uma relação de silenciamento do outro, no plano da intertextualidade, com veremos na Entrevista 6.

O modo de enunciação vai tomando cada vez mais força na investida que o enunciador faz em busca da legitimação. A professora validada por esse sistema simbólico pode, por seu estatuto, ensinar que *Hoje em dia a pessoa tem que ser valorizada / não é só a parte econômica, só o dinheiro*. O tema e o vocabulário são outros planos que podem ser percebido na constituição do ethos, por meio do tratamento semântico dado à vida e ao trabalho, e estão interligados ao modo de enunciação. Quando a professora afirma: *a gente foi útil na vida, um pouco, um pouco né* capta-se uma lição de que a vida precisa ter uma utilidade. Não podemos passar pela vida sem contribuir para com o sistema do qual fazemos parte. A forma de contribuição valorizada pelo sistema semântico global da imigração italiana é o trabalho. Somente quem construiu, entremeio a dificuldades, o lugar discursivo do município bem sucedido é que pode ensinar algo sobre a vida.

Os elogios que a professora recebe (*Graças a você, professora, que hoje eu sou o que sou*) são índices comprobatórios de sua contribuição na comunidade (*porque eu sempre trabalhei aqui no nosso município*). Todos esses adendos compõe a imagem que o enunciador lança de si no discurso: Deus, a ajuda ao município, as obrigações cumpridas. Até mesmo a modéstia vem para reforçar e enaltecer a imagem da professora (*a gente foi útil um pouco, um pouco né*). A voz que se percebe desse discurso é uma voz despreendida dos bens materiais (*não é só a parte econômica / Eu não sou rica nem hoje / a gente não leva nada desse mundo*), mas apegada aos bens simbólicos (*sou ministra da comunidade / participo da liturgia / a gente leva o que faz de bem*).

Nesse discurso podemos ver materializadas as postulações de Maingueneau (2008a, p. 91, grifo do autor) acerca do corpo encarnado na enunciação. “A fé em um discurso supõe a

percepção de uma voz fictícia, garantia da presença de um corpo”. Essa voz, fixada pelo analista como *tom*, dá corpo a um indivíduo intralinguístico, o enunciador da imigração italiana, e faz referência a um locutor extralinguístico, a professora Inês. No entanto, o discurso não se resume à vivência da professora, mas abre portas, por vias do fiador, para um mundo ético no qual se valoriza o trabalho como fator essencial à vida. (MAINGUENEAU, 2008c).

De acordo com Maingueneau (2015), o fiador é uma construção reflexiva que o destinatário faz do enunciador com base nos índices percebidos na enunciação. A construção de um fiador se embasa nas “representações coletivas estereotípicas”. (MAINGUENEAU, 2015, p. 18). No discurso da imigração italiana, o fiador só ganha corpo se estiver alinhado a todas as estereotipagens fornecidas pelos mitos e crenças (HALL, 2013) do sistema simbólico.

Do tom que percebemos no discurso, temos acesso, de acordo com Maingueneau (2008a), aos dois aspectos fundantes do fiador, o caráter e a corporalidade. O tom que se faz ouvir do discurso da imigração italiana apresenta traços psicológicos de valentia, dedicação, persistência, solidariedade e desapego. Esses traços compõem o caráter do enunciador desse discurso. A corporalidade é apreendida das movimentações textuais e a maneira de o enunciador habitar esse corpo enunciativo. Sobre esse aspecto, entendemos que o uso indiscriminado do termo *inclusive* sugere uma interpretação de louvor pela superação das adversidades em prol da comunidade, sugere também uma necessidade de enaltecer os símbolos culturais, de forma a fazer acreditar que em nenhum outro sistema cultural se procede dessa forma. A maneira como o enunciador se instaura (não como *eu*, mas como *a gente*) é outra movimentação textual relacionada à corporalidade. Isso se deve ao fato de o enunciador não falar em nome de si, apenas. Sua enunciação é gerada em nome da comunidade, do grupo, da identidade italiana, do sistema de representação simbólica da imigração italiana. Habitar o discurso da italianidade é habitar a cultura da imigração. Enunciar-se do discurso imigrante é somar-se ao grupo e fortalecer, num só corpo, os bens simbólicos desse grupo.

É somente enquanto grupo, *a gente*, que esse enunciador é incorporado e promove a incorporação do coenunciador. A incorporação da comunidade ao discurso é a condição vital para que esse enunciador sirva como fiador do discurso da imigração italiana. É somente habitando esse corpo discursivo que o enunciador tem acesso a sua identidade. O ethos discursivo que se depreende dessa enunciação não é somente um esforço do enunciador. Conforme Maingueneau (2015, p. 16, grifo nosso), “o ethos se elabora [...] por meio de uma

percepção complexa. mobilizadora da *afetividade do intérprete*, que tira suas informações do material linguístico e do ambiente”.

A identidade de sofrimento construída no discurso é incorporada pela comunidade, ou seja, há adesão ao mesmo corpo enunciativo da professora e da comunidade como coenunciador (MAINGUENEAU, 2015): *Também, inclusive com os pais, aqui, Graças a Deus, eu sempre, eles sempre colaboraram comigo*. Nessa ocorrência, o coenunciador da entrevista é levado a se comover com a situação. O coenunciador é também participante das dificuldades docentes, uma vez que ele está à mercê da mesma fonte de representação simbólica.

Atendendo aos processos de estereotipagem (AMOSSY, 2008b), que expõe o real por meio de uma representação cultural cristalizada no coletivo, o modelo de professor pré-construído, e instaurado como ethos prévio do discurso da imigração italiana, é este que supera as adversidades e que, por amor ao saber, convoca seu coenunciador a sofrer junto e galgar os degraus de sucesso juntos. O ethos desse discurso, por seus feitos, apresenta a constante necessidade de se enaltecer: *Que a gente foi útil na vida um pouco, um pouco, né. Que a gente ajudou. Ajudou, inclusive, o nosso município*. Quanto aos desdobramentos do ethos, podemos afirmar que na maior parte do discurso o ethos dito (*pessoa tem que ser valorizada*) se entrelaça ao ethos mostrado (*a gente tinha que cuida de tudo*) por meio do trabalho árduo de Dona Inês em sala de aula.

No entanto, para finalizar seu discurso, o ethos mostrado ocupa maior espaço na enunciação. *Inclusive, até hoje eu participo na comunidade, já muitos anos eu participo na liturgia, sou ministra da comunidade, também. Ainda hoje eu colaboro na comunidade. Eu digo, até que eu puder... Eu estou sempre a disposição aí, ajudando, né. Porque sei cada vez mais que a gente, com a idade a gente está vendo que a gente leva o que faz de bem*. Percebemos como resultado, um ethos efetivo que esteve sempre à frente do trabalho em prol da comunidade, pensando nas boas ações e não nos bens materiais. *A gente, eu acho, que leva mais as boas ações que você faz do que... a riqueza que você deixa*.

A professora que é valorizada e vista como eficiente apresenta uma imagem de sofredora, mas não de resignada com as condições. É por sua determinação e bravura que o ethos desse professor pode servir de fiador do discurso que assume o compromisso com o trabalho, amor pelo fazer docente. A professora digna de respeito é aquela que produz não só conhecimento, mas que faz a comunidade crescer. *Tem muito caminhoneiros, inclusive. Outras profissões também, a gente encontra hoje, muitos e muitos dos meus alunos eles me agradecem e eu fico muito contente, muito feliz e me sinto assim, atééé... uma certa*

gratificação, porque a gente vê que, então, a gente fez alguma coisa... na vida, né. Que a gente foi útil na vida um pouco, um pouco, né. E, depois de cumprir com seus compromissos pedagógicos, tem condições de dizer à comunidade / Porque sei cada vez mais que a gente, com a idade a gente está vendo que a gente leva o que faz de bem.

Desse modo, podemos perceber que o ethos professoral de Dona Inês apaga de seu discurso até mesmo os fatos de sua vida pessoal. Só há espaço para relatar sobre o trabalho realizado com dedicação e eficiência. Só há espaço para enaltecer as superações e afirmar que contribuiu para o desenvolvimento do município: *Porque eu sempre trabalhei aqui no nosso município.*

Finalizamos a descrição da cenografia e do ethos com a Entrevista 6.

Quadro 7 – Entrevista 6

Lourdes Maria Lorenzini Soares – doceira

Eu comecei num casamento foi do Fássio Betin. E, eles tavam precisando de alguém pra ajudar e eu me ofereci. É, eu tinha doze anos, treze anos. E daí começou aquela vontade de cada vez fazer mais e mais e mais. O primeiro bolo de noiva, eu fiz do seu Antônio Manfredi, que saiu mais torto do que direito (risos). Salgado, essas coisas. Eu aprendi vendo os outros, né. Olhando. Observando. E os docinho que eu fui o mais, o que eu mais fiz na vida eu fui aprende em Porto Alegre, né. E daí por diante toda semana eu tinha cinco, seis mil docinho pra fazer [...] Mandeí doce pros Estados Unido. Mandeí doce pra Polônia. Mandeí doce pra Itália. Mandeí doce pros... pros árabe. Tudo mundo que vinha aqui queria leva os doce. Quando casou a filha do Cavedon,[...] eu tinha uma viagem marcada pra Bahia, mas... a viagem era de oito dia, né. E, nós fomos p... pra Bahia, fiquemo lá até no domingo. Na terça-feira chegamos no Rio de Janeiro. Aí, na quarta-feira eu perguntei pra turma “Quando é que vocês vão... vão chega em casa?” “Só sexta a noite”. Eu disse “Mas daí eu não posso. Eu, quinta-feira, tenho que tah em casa”. Quarta-feira de manhã, às oito hora, peguei o ônibus ch... saí do Rio de Janeiro pra vim fazer o buffet pra filha do Cavedon. Tud... eu fazia tudo na mão. [...] Eu comprei uma bateadeira usada, pequenininha, que durou dois meses. [...] porque quebrou, lotava muito, né. Cheguei fazer duzentos bolo num fim de semana, pro Natal, sozinha.

[...] Era só eu que fazia. Fazia doce pra Passo Fundo. Vinha pedido de Marau, de Passo Fundo, de Bassano, Lagoa Vermelha, Veranópolis, Bento. Eu fazia doce pra tod... quase toda a redondeza. Que o meu doce é um doce diferenciado. Ninguém mais f... agora começaram fazer. Tem muita gente que faz, né. Mas naquela época ninguém far... fazia. [...] Muito, muito doce. Ih!, a semana que eu tinha pouco era dois mil, três mil. Fazia muito doce pra leva pra fora, né. Só sei dize que [...] eu alevantava ah... ia dormir às dez e levantava às duas pra trabaia, pra pode dá conta, né, do que eu tinha pra fazer. E continuei fazendo doce, até hoje eu tô e fico mal quando não tenho pra fazê.

Fonte: SMEC (2009)

O ambiente da entrevista, de acordo com o que consta na Figura 12, é uma cozinha, a entrevistada está sentada numa cadeira em lugar de destaque para o vídeo, ao fundo se vê uma mesa grande e um cilindro de massas.

Figura 12 – Doceira

Fonte: SMEC (2009)

O início da carreira profissional do enunciador da Entrevista 6 é demarcado por um casamento. Já vimos que dentro do sistema de representações simbólicas da imigração italiana o casamento é visto como símbolo de validação social. O enunciador, na construção de seu discurso como doceira, dá a primeira investida na legitimação de sua enunciação (MAINGUENEAU, 1997) mediante a prestação de serviço para a preservação da prática do casamento.

A identidade construída no discurso (WOODWARD, 2013) varia de acordo com o desenrolar dos enunciados. Num primeiro momento, o enunciador se identifica como ajudante (*eles tavam precisando de alguém pra ajudar e eu me ofereci*). Dessa ajuda começa a vontade de cozinhar cada vez mais. De acordo com De Certeau (1995), os símbolos são produzidos por práticas culturais que fornecem um lugar para o indivíduo se constituir, assumindo uma identidade. Entendemos que culinária seja uma das mais primitivas demonstrações de prática cultural. A proposta de mudança sobre um dado natural sinaliza, em De Certeau (1995), a compreensão daquele dado. O ato de cozinhar, portanto, não pode ser visto apenas como uma atividade de satisfação das necessidades fisiológicas do homem, pois, se assim fosse, todos os homens se alimentariam da mesma forma. É por se caracterizar como uma utilização compreensiva do espaço que a cozinha é uma prática cultural. O enunciador que fala enquanto doceira constrói sua identidade a partir da prática cultural da cozinha, por via dos lugares discursivos que essa prática fornece.

Além da culinária ser genuinamente uma prática cultural, o ato de comer, primitivamente tido como um fator natural da humanidade, torna-se cultural na medida em que as atividades de alimentação se diferenciam de cultura para cultura. De Certeau (1995, p.

194) descreve o conceito de cultura como “aquisição, enquanto distinta do inato. A cultura diz respeito aqui, a criação, ao artifício, à ação, em uma dialética que a opõe e a associa à natureza”. Comer, dentro do sistema de representações simbólicas da imigração italiana, é uma atividade que se opõe e associa à natureza, é uma prática social festiva e, por muitas vezes, sagrada. Dessa forma, a enunciação que busca validar-se apela para a construção de uma cenografia específica: a prática da cozinha. O enunciador vai tecendo seus enunciados como se estivesse guiado por uma receita.

O primeiro ingrediente de legitimação é o casamento, conforme já abordamos, mas que é retomado pelo enunciador como ingrediente vital para o sucesso na comunidade: *O primeiro bolo de noiva, eu fiz do seu Antônio Manfredi*.

Geertz (2008, p. 60) entende cultura como “um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas”. O enunciador em análise deixa-se levar por esse padrão de significados na medida em que se permite aprender *olhando, observando* os demais. As formas simbólicas herdadas são mais alguns ingredientes que o enunciador informa ao coenunciador na cenografia de receita que está fazendo sobre como ser um enunciador da culinária da imigração italiana.

A cultura é plural, a guiar-se por De Certeau (1995), pois os símbolos que dão referências ao indivíduo também são plurais. O agir sobre o espaço é múltiplo e é nessa multiplicidade em que o “eu” se esbarra nos limites do “outro”. O enunciador-doceira vê-se nessa fronteira de símbolos culturais quando, por necessidade, se desloca para Porto Alegre a fim de aprender a técnica dos doces, isto é, a maneira de utilização do espaço culinário em que está inserido esse enunciador não dá conta de fornecer símbolos suficientes para sua prática profissional, de modo que é preciso deslocar-se para o espaço do outro, da outra cultura. Eis uma prova de que a cultura é plural.

A cenografia construída como uma receita para a legitimação apresenta também o rendimento de seu trabalho. *Dois mil, três mil [doces]*, é um rendimento que somente o enunciador que sincretiza os símbolos da própria cultura com as demandas da comunidade é capaz de render. A solicitação cada vez maior de seu trabalho demonstra o seu ajustamento harmonioso com a comunidade. De acordo com Geertz (2008, p. 4), “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”. Essa afirmação é refletida na fala da doceira quando informa que seus doces atingiram fronteiras: *Mandei doce pros Estados Unido. Mandei doce pra Polônia. Mandei doce pra Itália. Mandei doce pros... pros árabe*. Citar o nome de alguns países é mais uma apimentada que o enunciador, na legitimação de

sua fala, lança em sua própria enunciação. O cruzamento de fronteiras é um fator resultante do poder simbólico na empreitada de garantir a cumplicidade dos envolvidos num mesmo significado.

Bourdieu (1989) evidencia que a concordância entre as subjetividades é o que garante a objetividade do sentido criado para o mundo. Nesse particular, o doce, segundo o enunciador, é excepcional (*o meu doce é um doce diferenciado*) – realidade criada no discurso – e, para que o coenunciador valide esse fato como realidade, são apresentadas algumas colheradas de símbolos legitimantes: *Tudo mundo que vinha aqui queria leva os doce*.

A narrativa que Dona Lourdes apresenta, na sequência, é um dos ingredientes que mais dá sabor à cenografia construída. A viagem para a Bahia e Rio de Janeiro precisou ser interrompida para que a doceira cumprisse com os compromissos assumidos na cozinha. Além de abrir mão do lazer, o enunciador ainda destaca a agilidade com que trabalha. A imagem que vai se depreendendo é de uma cozinheira que é capaz de abrir mão do descanso (*a viagem era de oito dias [mas] vim fazer o buffet*), é capaz de cruzar fronteiras (*Mandei pros Estados Unidos*), é capaz de alterar a concepção de tempo e espaço (*saí do Rio de Janeiro pra vim fazer o buffet pra filha do Cavedon*), para que os símbolos de sua cozinha sejam perpetuados no sistema simbólico da imigração italiana.

A identidade, nos postulados de Woodward (2013), é o que dá sentido às práticas sociais. A doceira reforça sua identidade de cozinheira ágil quando destaca que *fazia tudo na mão*. Isso significa que não basta afirmar-se como ágil, é preciso corroborar essa identidade nas práticas sociais. Nesse ponto, vemos mais um movimento cenográfico se desenvolvendo: o modo de preparo de uma boa cozinheira deve ser conquistando os méritos pelo sofrimento, a identidade de uma cozinheira bem sucedida começa em uma *batedeira pequenininha*.

Freitas (2011) afirma que é pelo desenvolvimento da cenografia que o enunciador dá-se a conhecer ao seu coenunciador. No enunciado *Cheguei fazer duzentos bolo num fim de semana, pro Natal, sozinha*, temos acesso ao resumo da identidade do enunciador: com poucos recursos (*batedeira pequena*) o enunciador desafia o tempo (*duzentos bolos num fim de semana*) para garantir a manutenção das estruturas estruturadas (BOURDIEU, 1989) por meio dos valores religiosos da comunidade (*pro Natal*) e faz tudo isso *sozinha*.

Ao unirmos o pensamento de Bourdieu (1989) ao de Geertz (2008), entendemos que a cultura, por sua inclinação política, mapeia as práticas sociais e se perpetua como um organismo público. Vemos, na sequência, que o enunciador descreve o produto de seu trabalho como um bem simbólico que é público: *fazia doce pra Passo Fundo. Vinha pedido de Marau, de Passo Fundo, de Bassano, Lagoa Vermelha, Veranópolis, Bento*. No entanto,

esses símbolos são propagados a serviço de um determinado grupo social (a italianidade), autointitulado como proprietário dos sistemas simbólicos que cria e inova o meio social (o enunciador-mulher da imigração italiana em Nova Prata).

Há um fator que o enunciador da italianidade menciona sem perceber que esse é um resultado do poder simbólico. Ao descrever seu doce, o enunciador destaca: *agora começaram fazer. Tem muita gente que faz, né. Mas naquela época ninguém far... fazia.* Segundo Bourdieu (1989, p. 10, grifo do autor), é através da propagação de símbolos e perpetuação de significados que se promove “o *consensus* acerca do sentido do mundo social”. O trabalho da doceira resulta na propagação de símbolos legitimantes. Seu doce é um doce que agrada a todas as culturas (*Fazia muito doce pra leva pra fora*), portanto, todo enunciador que busca legitimar a identidade de doceiro da imigração italiana tem seguir a receita de Dona Lourdes. Sua prática social de cozinheira responsável, dedicada, ágil e audaz (*a semana que eu tinha pouco era dois mil, três mil*) toma sentido na identidade que constrói para si e serve de parâmetro para outras identidades (*agora começaram fazer.*). A reprodução dos símbolos e significados culinários é a reprodução da ordem social.

Aproveitamos a menção ao enunciado em que Dona Lourdes reconhece que atualmente muitos fazem o trabalho que num outro momento ela detinha exclusividade (*agora começaram fazer. Tem muita gente que faz, né. Mas naquela época ninguém far... fazia.*) para analisarmos o plano da intertextualidade, na semântica global. O enunciador, ao comentar a concorrência na produção de doces, deixa aparecer no discurso a relação de intertextualidade que se estabelece entre ele e seu “outro”. Na distinção de Maingueneau (2008a), a intertextualidade é bipartida em: intertexto e intertextualidade propriamente dita. O intertexto indica a presença do outro na base textual, sendo concebido como heterogeneidade mostrada. No que tange o discurso da imigração italiana, numa apreensão global, pouquíssimas são as demarcações do outro na materialidade discursiva (*A gente ouve colegas falar os alunos não tem mais muitas vezes respeito e nem não valorizam mais muito o professor* (Entrevista 5) / *se é agora eles se mata a metade* (Entrevista 4). Quando essa presença aparece registrada no enunciado, ela é sempre privada de identidade, o outro é sempre desconhecido (*A gente ouve colegas / eles se mata / tem muita gente*). De acordo com Woodward (2013, p. 37), classificar os grupos em “a norma” e o “desviante” é uma “expressão da identidade”. Silva (2013, p. 77) complementa dizendo que a “diferença será sempre do outro”, nós sempre tomaremos o que somos como norma. Como se pode ver, o discurso das mulheres da imigração italiana em Nova Prata, quando permite que o outro apareça em seu discurso, faz com que essa aparição seja sempre distorcida em relação à norma do sistema simbólico da italianidade.

Em se tratando de intertextualidade no âmbito da heterogeneidade constitutiva, depreendemos das práticas discursivas das mulheres da imigração italiana uma relação de silenciamento e ocultação. Conforme Maingueneau (2008a, p. 77-78), “um discurso define [...] certa relação com outros campos, segundo sejam citáveis ou não”. É pela maneira com que uma formação discursiva se relaciona com as demais que será definida a sua identidade (MAINGUENEAU, 1997). Não podemos dizer que o outro não está presente no discurso da imigração italiana, pelo contrário, o simples fato de esse discurso neutralizar seu “outro” já denota que o outro tem de ser reprimido para não contaminar a norma. Essa atitude discursiva pode ser explicada pelo viés do poder simbólico de Bourdieu (1989), através do qual a classe dominante esforça-se por perpetuar sua localização no centro da cultura, ao mesmo tempo em que tenta ludibriar as classes dominadas com uma falsa integração, enquanto, em realidade, a desloca para a periferia. A falsa integração no discurso das mulheres da imigração italiana se dá pelo estabelecimento do estatuto do coenunciador como participante do mesmo universo simbólico.

Entendemos que há poucos resquícios da heterogeneidade mostrada na superfície discursiva do sistema semântico que rege o discurso da imigração italiana em Nova Prata. Já, a heterogeneidade constitutiva opera, por mais que oculta e negligenciada, nos fundamentos semânticos dessa formação discursiva.

A heterogeneidade é percebida não somente na identidade da formação discursiva da italianidade, como também na identidade social da imigração italiana. Esse resultado é percebido em um dos últimos elementos da cenografia arquitetada nessa enunciação. O enunciador apresenta mais uma descrição de sua identidade como uma orientação importantíssima para o preparo de uma boa cozinheira: *eu alevantava ah... ia dormir às dez e levantava às duas pra trabaia, pra pode dá conta, né, do que eu tinha pra fazer*. Esse aspecto da cenografia ganha força na medida em que se usa de uma cena validada (MAINGUENEAU, 2013) proliferada dentro da comunidade discursiva da imigração italiana: levantar cedo é uma orientação necessária para o sucesso. Ao passo que pressupõe uma identidade, não-italiana, que não tem sucesso por não levantar cedo, não valorizar a disposição para o trabalho.

O tom de excelência na cozinha permite destacar, como caracterização do ethos discursivo, um enunciador-doceira da imigração italiana que lida com as dificuldades e as peripécias do tempo e do espaço com responsabilidade. A base de sua culinária é a determinação em perpetuar os símbolos de sua cultura, pois é só dentro desse sistema simbólico que sua identidade ganha sentido.

Admitir o ethos construído pela Entrevista 6 como fiador do discurso das mulheres da imigração italiana em Nova Prata é admitir que o processo identitário não se completará aqui. A identidade, não-essencialista, inacabada (HALL, 2013) da cozinheira continuará buscando símbolos de identificação na culinária, até porque comer é uma prática cultural que não se esgota. Dessa forma, o ethos discursivo do enunciador em análise não apenas se oferece para continuar trabalhando pela comunidade, como também se autocaracteriza como necessário dentro desse sistema cultural. Assim como o sistema precisa dele para ser propagado, ele precisa do sistema para viver sua identidade (WOODWARD, 2013): *fico mal quando não tenho [doce] pra fazê.*

Em todas as entrevistas analisadas, procuramos abrir espaço para, pelo menos, um dos planos constitutivos da semântica global. Em algumas análises, optamos por descrever e interpretar mais de um plano. Dos sete planos apontados por Maingueneau (2008a) – intertextualidade, vocabulário, tema, dêixis enunciativa, estatuto do enunciador e do coenunciador, modo de enunciação e modo de coesão –, apenas um plano precisa ser ainda aprofundado, a dêixis enunciativa. Embora tenhamos feito algumas referências a esse plano ao longo das entrevistas, escolhemos analisá-lo numa abordagem global para promovermos uma discussão mais geral de todas as análises, tentando entender de que forma se constitui as categorias de pessoa, de tempo e de espaço no discurso das mulheres da imigração italiana em Nova Prata.

Nos procedimentos metodológicos, apontamos que o plano da dêixis enunciativa não se resume à delimitação cronológica das práticas discursivas, nem à circunscrição topográfica. Esse plano diz respeito ao tempo e contexto enunciativos evocados para a legitimação da enunciação. Na prática discursiva da imigração italiana em Nova Prata, com um recorte sobre as mulheres idosas, entendemos que o tempo enunciativo característico é o passado. Essa estratégia está fortemente ligada à noção de memória da cultura e à tradição. De acordo com Hall (2013), os recursos históricos são fertilizantes para a promoção de identidades e que os grupos sociais tradicionais tendem, por esse motivo, a venerar o passado, valorizar os símbolos históricos e apegar-se à tradição como uma forma de lidar com o tempo e espaço. (HALL, 2006).

Nas entrevistas podemos destacar a constante evocação do passado. O exemplo mais recorrente é *naquela época*. Enunciar-se num tempo em que o coenunciador não teve acesso é garantir a ele a participação na fundação das crenças, mitos e valores. Além dessa expressão, é marcante o emprego verbal no passado. Isso significa que as identidades são vividas a partir de símbolos pretéritos e, chama a atenção que depois de discorrer sobre a própria vivência,

cada uma das entrevistadas encerra com uma avaliação no presente, denotando que o tempo presente não tem espaço ativo nesse discurso, apenas reflete sobre o passado: *Eu tenho a impressão que eu fiz muito mais* (Entrevista 1), *Saudade de ir pra praia* (Entrevista 2), *E não me arrependo* (Entrevista 3), *Com tudo mundo me dô* (Entrevista 4), *Porque sei cada vez mais que a gente, com a idade a gente está vendo que a gente leva o que faz de bem* (Entrevista 5), *Fico mal quando não tenho pra fazê* (Entrevista 6). O tempo cronológico passado é atualizado na enunciação para que se viva as representações simbólicas da identidade e o presente se submete a ponderar sobre o poder simbólico.

Quanto ao espaço, as entrevistas instauram um espaço de trabalho, de construção tanto da comunidade, como das identidades. O espaço de sofrimento, de escassez e de labuta constitui o contexto da imigração, da colonização e da descendência da italianidade, este é o contexto próprio dessa formação discursiva. Geraldo Farina, escritor e historiador pratese, em seu livro *Memórias do cotidiano* (1987), tece uma crônica intitulada *Topografia*, na qual podemos perceber a mesma preocupação com o trabalho, com o cultivo da terra, das memórias e das identidades fornecidas pelo sistema cultural da italianidade. A descrição que Farina (1987) faz reflete perfeitamente o contexto enunciativo no qual se inscreve o discurso da imigração italiana.

Conheço o aroma penetrante desta terra e conheço quase todos seus tortuosos caminhos. Um dia terei férias para pisar todo este chão. Mesmo assim, já vejo o agricultor voltando suado ao anoitecer ruminando as pedras por onde caminha. Vejo o motorista vencendo centenas de quilômetros. Vejo o pedreiro batendo com força a rocha que se converterá em suaves lajes de algum passeio público ou degraus para muita gente subir. Vejo a menina levando a vaca pastar...

Pouco a pouco vou aprendendo que a terra é todo o meu corpo e que as fontes, os regatos, os rios correm em minhas veias, assim como corre o negro vinho. Amo demais essa terra e morro com ela um pouco todos os dias. (FARINA, 1987, p. 9).

A descrição que o enunciador faz da terra é mais que um lar, é o próprio corpo. Nesse chão de intenso trabalho é onde o enunciador deseja estar até mesmo no momento de descanso, as férias. As profissões e atividades que vão sendo descritas não estão expostas no cenário enunciativo, são parte do cenário. A terra onde é preciso que todos trabalhem, até mesmo as crianças tem seus afazeres. O sangue (*negro vinho*) dessa terra, desse corpo, desse sistema de representações simbólicas, não é natural, é fruto do trabalho, é fruto da cultura. Eis a maneira como o enunciador ocupa o espaço, trabalhando, porque trabalho é vida.

De acordo com o que vimos em Maingueneau (1997), nenhuma dêixis é inédita. O tripé pessoa-tempo-espaço parte da dêixis fundadora. A dêixis fundadora da imigração italiana capta uma forma de inscrição na história em que o trabalho e o ardor da sobrevivência regulam o tempo, compõem o espaço e constroem o ethos desbravador do descendente da

imigração. Rememoramos aqui, na categoria de pessoa, a descrição fornecida pelo site da Prefeitura Municipal de Nova Prata. Pelo que consta na página virtual “O colono italiano cultivou suas belas canções, seus costumes, o jogo da mora, da bocha e das cartas. Essas tradições ainda são encontradas em Nova Prata na sua forma mais genuína e pura.” (NOVA PRATA, 2015).

A identidade fornecida pela italianidade exige que os indivíduos se mantenham fiéis às tradições e costumes e conservem os traços culturais da forma mais *genuína* e *pura* possível. Nesses dois vocábulos (*genuína* e *pura*) se reforça, mais uma vez, a relação de silenciamento do outro no âmbito da intertextualidade, como forma de garantir a purificação desse discurso.

Destacamos que neste trabalho não analisamos todas as entrevistas do vídeo, pois estávamos em busca das manifestações culturais e da identidade somente na prática discursiva das mulheres da imigração italiana. O enunciador-mulher da imigração italiana, como instância subjetiva, acreditamos, é regulado por um sistema de coerções semânticas que, pela construção de seu discurso, pode ser estabelecida a identidade da formação discursiva que o gera. Desse modo, qualquer indivíduo socialmente caracterizado como mulher descendente da imigração italiana ou como não-descendente da imigração italiana em Nova Prata poderia se constituir como enunciador desse discurso, desde que atendesse aos critérios identitários dessa formação discursiva, conforme vimos na categoria de pessoa que é exposta no plano da dêixis enunciativa. Eis o motivo do nosso recorte sobre seis das oito entrevistas do vídeo documentário.

Na seção seguinte apresentamos um quadro-síntese (Quadro 8) dos planos constitutivos do discurso das mulheres da imigração italiana em Nova Prata. Nessa sintetização, buscamos esquematizar os principais aspectos levantados pela semântica global e, em seguida, expomos a constituição da cenografia e do ethos discursivo (Quadro 9) como resultados do entrelaçamento de todos os planos do discurso.

4.5 IMAGEM DE SI E IDENTIDADE: A ITALIANIDADE MOSTRADA PELA SEMÂNTICA GLOBAL

Esta seção, reservada como espaço para discussão da análise, promove a reflexão acerca de alguns dados relacionados ao discurso das mulheres da imigração italiana, resultantes da análise desse discurso, neste trabalho, sob a perspectiva da semântica global. Optamos por não analisar todos os planos constitutivos em cada entrevista a fim de evitarmos possíveis repetições. Os planos foram analisados a partir das possibilidades apresentadas na

materialidade discursiva de cada enunciado. No entanto, cada um dos planos analisados pode ser percebido nas demais entrevistas, conforme estruturamos no Quadro 8. Esse quadro sintetiza os planos constitutivos do discurso das mulheres da imigração italiana e permite a visualização global dessa formação discursiva.

Quadro 8 – Planos do discurso das mulheres da imigração italiana em Nova Prata

Plano	Restrições semânticas
Intertextualidade	Intertextualidade: Relação de neutralização, apagamento e silenciamento do outro. Intertexto: Negação da identidade do outro (<i>A gente ouve colegas / eles se mata / tem muita gente</i>)
Vocabulário	Trabalho enquanto fonte de vida. Vida ressignificada pela utilidade. Família como sinônimo de força e virilidade / <i>status</i> social.
Tema	Casamento como símbolo de legitimação. Trabalho como missão. Reconhecimento social como resultado de submissão ao poder simbólico.
Estatuto do enunciador e do coenunciador	Enunciador: propagador da cultura como norma, responsável pela preservação dos valores simbólicos. Coenunciador: aprendiz do modelo cultural da italianidade, deve partilhar da mesma bagagem dóxica do enunciador. Concordância de subjetividades. Registro da língua que permite a cisão entre as peculiaridades da nova pátria e as idiossincrasias trazidas pela cultura italiana.
Dêixis enunciativa	Pessoa: trabalhador descendente da imigração, carrega no sangue o compromisso com o progresso da comunidade. É parte da terra. Tempo: passado gerador e mantenedor dos mitos fundacionais. Espaço: A terra, o ambiente de trabalho, o corpo.
Modo de enunciação	Postura professoral, ostentação da identidade de prestígio. Valorização do passado sofrido como recurso de exaltação. Orgulho pelas conquistas pessoais e sociais.
Modo de coesão	Enunciação curta. Temáticas interligadas ao trabalho.

	Relatos históricos que engrandecem as contribuições para com o sistema de restrições semânticas.
--	--

Fonte: elaborado pelo acadêmico

No contexto da imigração italiana em Nova Prata, enquanto comunidade discursiva, tudo gira em torno do trabalho. A cultura como maneira de ocupar o espaço (DE CERTEAU, 1995) aparece no discurso da italianidade atrelada ao tratamento semântico dado aos vocábulos *ocupar* e *espaço*. A ocupação implica, em primeiro momento, a exploração das riquezas da terra como forma de garantir a sobrevivência e, posteriormente, como forma de assegurar o sucesso da implantação imigratória dessa cultura. O espaço nada mais é que a terra pronta para ser fertilizada. Vimos que o espaço, no discurso da imigração, é o corpo do indivíduo atrelado a terra, de maneira que se confunde, muitas vezes, corpo e terra. O cultivo da terra e o cultivo do indivíduo (BOSI, 1992) dão sentido de mundo para a italianidade.

Do sistema de representações simbólicas brota um discurso que dá sentido às práticas sociais (WOODWARD, 2013) e instaura uma identidade puramente ligada à utilidade no trabalho como forma essencial de viver. Mas as práticas sociais não só ganham sentido no discurso como também agem coercitivamente sobre o discurso, enaltecendo a ocupação do espaço como sinônimo da ocupação humana. Essa parece ser a cenografia mais indicada para legitimar qualquer enunciação oriunda da imigração italiana em Nova Prata. O enunciador tem um compromisso de vida com o trabalho, transparecendo uma imagem de si como empreendedor, responsável e aguerrido. Eis o ethos de um enunciador encarnado na terra.

Da imbricação dos planos constitutivos do discurso, podemos apreender algumas peculiaridades que constituem a cenografia e o ethos discursivo do discurso das mulheres da imigração italiana. Sabemos que a estes planos estudados poderiam ser acrescentados muitos outros, no entanto, optamos por proceder com apenas estes para não estender ainda mais este estudo.

Apresentamos a síntese das cenografias e dos éthe no Quadro 9.

Quadro 9 – Síntese da cenografia e do ethos em Mulheres e Memórias

Entrevista	Cenografia enunciativa	Símbolos de legitimação	de Ethos discursivo
1	Cenografia de dificuldade e escassez de recursos.	Máquina de costura velha. Vestidos de noiva e de gala.	Ethos comprometido com o trabalho e com a cultura na qual seu trabalho se insere.
2	Cenografia pesada, rude,	Realização de	Ethos discursivo resignado

	como as pedras que o enunciador manuseia.	inúmeras tarefas. Cuidado com a família.	com o peso de sua carga identitária.
3	Cenografia de contestação e conflitos.	Saída da casa dos pais.	Ethos desviante, revoltado e destemido.
4	Cenografia de semeadura dos valores e crenças.	Casamento duradouro. Criação dos filhos na roça. Jesus Cristo como responsável por uma vida querida.	Ethos comprometido com os valores culturais de esposa dedicada, mãe atenciosa e boa vizinha. Ethos religioso sustentado pelo fervor da fé.
5	Cenografia de sofrimento em sala de aula.	Ajuda da comunidade. Êxito dos alunos. Ministra da Liturgia	Ethos professoral, marcado pela eficiência, pelo sofrimento, e pela inquietação. Ethos determinado e comprometido com o trabalho e com o crescimento da comunidade.
6	Cenografia de receita para a legitimação do poder simbólico. Cenografia das práticas sociais culinárias.	Exportação de doces. Bolo de casamento. Bolos para o Natal.	Ethos culinário perpetuante dos bens simbólicos. Ethos responsável, dinâmico e ágil. Ethos religioso, serviçal dos costumes cristãos como o casamento e o Natal.

Fonte: elaborado pelo acadêmico

Os valores nos quais se apoia o enunciador-mulher da imigração italiana estão fundados no entendimento de que é preciso ser útil na vida e que a negação ao trabalho representa uma negação do cultivo de si próprio, assim como aponta para uma negação do cultivo da memória da italianidade. O comportamento que se depreende do ethos encarna e faz o coenunciador encarnar os valores de que Deus, o casamento, a família, a comunidade são estruturas estruturantes para promover o sucesso no trabalho.

A cenografia que tematiza a vida como oficina de trabalho só é validada porque está localizada num contexto específico de enunciação, a imigração italiana. Percebemos essa descrição nas palavras de Ophélia Sander Ghidini, poetisa pratense. O texto da poetisa consta no encerramento de um livro histórico do município, *100 anos da cidade de Nova Prata*, de Zaira Galeazzi (s.d, p. 201) e se intitula *Homenageando os 120 anos da Imigração Italiana*.

E tu, meu Rio Grande do Sul? Filho da Pátria querida, terra de valores sem fim, toda virgem te entregaste, gerando filhos de outras raças que, entrelaçando crenças e amor, povoaram nossos rincões.
Sábios homens descarregando bagagens de esperança confiaram em Deus e triunfaram pela fé.
Um dia, viram no milagre da vindima transbordar o vinho novo e na espiga dourada do trigal sem flor, crescer o sagrado pão de cada dia.
Heróis do passado, longe está o bater do machado sangrando a árvore virgem que alimentou esperanças. (GHIDINI, s.d., p. 201).

O enunciador descreve o Rio Grande do Sul como *filho da pátria querida*, Brasil, e engrandece esse filho como *terra de valores sem fim*. Podemos identificar uma contradição na descrição que relaciona *terra de valores sem fim* e *toda virgem te entregaste*. Poderíamos indagar a que se deve a adjetivação *terra de valores sem fim* se a *terra virgem* supõe um espaço ainda sem cultivo. Essa contradição se resolve se analisarmos o jogo que ocorre no tempo enunciativo. Já vimos que, no discurso da imigração italiana, o tempo passado oportuniza viver as identidades, enquanto que o presente enunciativo serve apenas para apreciação dos valores simbólicos. Aqui se confirma essa interpretação, pois o enunciador descreve a *terra de valores sem fim* num tempo presente e vive a identidade desbravadora e viril daquele que possui uma *virgem* no passado enunciativo.

Virgem também sugere um traço da heterogeneidade constitutiva. Considerar a posse de uma terra *virgem* é admitir que os povos pioneiros, conforme Farina (1986), os índios coroados, nada produziram nesse solo e que foi nas mãos do imigrante italiano (*sábios homens*) que a terra tornou-se fértil (*Um dia, viram no milagre da vindima transbordar o vinho novo e na espiga dourada do trigal sem flor, crescer o sagrado pão de cada dia*).

A fé aparece mais uma vez como estrutura estruturante (*triunfaram pela fé*) e, no plano da intertextualidade, busca uma dêixis fundadora no discurso bíblico. Das cartas que o apóstolo Paulo escreve aos hebreus, uma delas, o capítulo 11, destaca os cristãos primitivos como exemplos que triunfaram pela fé. (HEBREUS, 1980, p. 1314). É invocando a historicidade dessa dêixis fundadora que o enunciador tenta legitimar a identidade da imigração italiana como exemplos de fé na nova terra.

Os *heróis do passado* reforça a imagem desbravadora do imigrante. Silva (2013) aponta para o fato de os mitos fundadores serem colocados em pedestais de heroísmo para promoverem o sentimento de pertencimento a uma identidade. Além disso, mais uma vez se recorre à descrição da terra, da natureza e de seus recursos como *virgem*. Pela valorização que se dá ao casamento, cena validada pelos estereótipos culturais da italianidade, podemos estabelecer uma relação amorosa entre os *heróis do passado* e a *virgem*. Somente um homem destemido, sábio e fervoroso na fé é digno de tocar a virgindade dessa terra. O casamento ligado ao discurso que valoriza o trabalho ocorre também entre o homem e a terra.

O *corpus* desse estudo é um portal para o mundo ético da imigração italiana. A comunidade discursiva da italianidade se ancora em cenas validadas em que os estereótipos construídos num passado remoto servem de alicerce para que as identidades sejam vividas e o poder simbólico preservado. O discurso não une passado e presente, mas traz a tona um passado de sofrimento, bravura, fé e muito trabalho e provoca na enunciação presente um sentimento saudosista.

Antes de encerrarmos, gostaríamos de abordar um fator importantíssimo relativo a identidade, a identidade nacional. Segundo Hall (2013), a criação do Estado-nação europeu é um exemplo da necessidade de venerar um passado histórico e erigi-lo como força normatizadora. A descrição de nação como “comunidade imaginada” (ANDERSON apud WOODWARD, 2013) se encaixa perfeitamente nos resultados obtidos na análise do nosso *corpus*. A partilha de crenças, mitos fundacionais, costumes, valores e saberes é o âmago da comunidade imaginada, no entanto, um dos principais meios de fortalecer essa partilha é a língua. No contexto da imigração italiana, o dialeto vênето falado na região da serra gaúcha ainda é um dos pontos que promove a união da comunidade imaginada.

Sabemos que identidade nacional não tem nenhuma relação com a genética (HALL, 2006) e que até mesmo a classificação racial é um dispositivo discursivo para promover a exacerbação da diferença e a discriminação, no entanto, o discurso da imigração italiana preserva como uma das principais fontes de identidade cultural a identidade nacional “italiana” e a classificação racial. Bauman (2005, p. 29, grifo do autor) afirma que a noção de pertencimento nacional tenta mascarar uma naturalidade sem ser natural. “A naturalidade do pressuposto de que ‘pertencer-por-nascimento’ significava, automática e inequivocadamente, pertencer a uma nação foi uma convenção arduamente construída – a aparência de ‘naturalidade’ era tudo, menos ‘natural’”.

Por mais que o discurso da imigração italiana se esforce por construir lugares identitários para serem ocupados pelos sujeitos envolvidos por esse sistema de representações

simbólicas, algumas identidades são desmitificadas. Considerando o número de províncias europeias das quais se originaram os imigrantes italianos, a identidade nacional discursivizada como genuinamente italiana é desmitificada. Outro fator que reforça essa desmitificação é a evolução do dialeto vêneto em contato/e sob influência de outros dialetos trazidos pela imigração. Esse dialeto, de acordo com Frosi e Mioranza (1983), comporta a miscigenação de diversos outros dialetos falados ao norte da recém-unificada Itália (1870), no período da imigração euro-atlântica.

A distribuição dos imigrantes não se fez segundo critérios étnico-linguísticos [...] a política de povoamento obedecia precipuamente a um critério geográfico, ou seja, ocupação dos lotes coloniais a partir dos mais próximos ao núcleo central, aos mais longínquos [...]. Diante de um esquema de povoamento que não obedeceu a critérios étnico-linguísticos, as primeiras comunidades eram mistas. É o caso de quase todas as comunidades da Região. (FROSI; MIORANZA, 1975, p. 58-59).

Portanto, a identidade da imigração italiana recorre a um passado de legitimação como se ele sempre tivesse existido, como se a identidade da italianidade fosse da ordem do natural, no entanto, essa identidade é um lugar discursivo étnico-linguístico construído pela comunidade imaginada e existe apenas no discurso. A comunidade imaginada da italianidade é um resultado das concordâncias de subjetividades (BOURDIEU, 1989) embasadas nos estereótipos. É com base nos índices de estereotipagem evocados no discurso que o coenunciador dessa formação discursiva elabora a imagem de fiador responsável por esse discurso. O enunciador incorpora esse fiador; o coenunciador, pela adesão ao discurso, também incorpora o fiador e, por fim, a comunidade passa a partilhar de um mesmo imaginário cultural por vias da incorporação do fiador. A identidade social, psíquica e simbólica coincide com o fiador do discurso da imigração italiana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Suspiramos aliviados pela satisfatória caminhada promovida ao longo desta escrita acadêmica. Contudo, nos vemos na terrível e frustrante obrigação de finalizar este estudo. As dificuldades pertinentes à elaboração deste trabalho iniciaram com a necessidade de realizarmos um recorte sobre o discurso da imigração italiana e nos apossarmos de algumas práticas discursivas que representassem o amplo repertório produzido a partir da formação discursiva da imigração italiana em Nova Prata, as práticas discursivas das mulheres nesse contexto. Por nosso desejo, estenderíamos as análises a inúmeros outros materiais oriundos da prática discursiva da italianidade.

Este estudo partiu da temática que engloba as práticas discursivas das mulheres, as manifestações culturais e a identidade a partir da cenografia e do ethos discursivo da imigração italiana em Nova Prata. A justificativa apresentada para a realização desta pesquisa inclui, além de interesses pessoais, o desejo de contribuir para com os estudos de análise do discurso e ampliar os estudos a partir do quadro teórico-metodológico de Maingueneau através da semântica global, da cenografia e do ethos discursivo. Como contribuição social, intentamos trazer à tona as bases discursivas que fornecem traços identitários para os indivíduos que se enunciam a partir do discurso das mulheres da imigração italiana. Entendemos que as diferenças, as discriminações e os traços de desigualdade que envolvem, tanto os grupos sociais da imigração italiana, quanto grupos de outras formações discursivas, podem ser amenizadas a partir de uma leitura discursiva que compreende os traços identitários (raça, nacionalidade, gênero, crenças) como lugares discursivos e não como misticamente se apregoa, traços essencialistas e biologicizantes.

A intensão de abordar as manifestações culturais e a identidade como constructos discursivos foi possibilitada pelos recursos da semântica global. (MAINGUENEAU, 2008a). Cada um dos planos constitutivos analisados forneceu traços identitários que se embasavam em estereótipos tidos como bens simbólicos da cultura da imigração italiana. A intertextualidade, por exemplo, nos permitiu perceber que a relação entre o discurso da imigração italiana e outra formação discursiva é uma relação de abafamento. Isso significa que o outro é sempre uma ameaça para a norma da italianidade e deve ser silenciado. Manter o discurso livre de qualquer contaminação exterior é uma característica identitária do enunciator-mulher da imigração da italiana em Nova Prata.

O entrelaçar dos planos constitutivos nos permite ter acesso a um movimento enunciativo que enlaça enunciator e coenunciator no momento único da enunciação. Os

planos que dizem respeito ao modo de enunciação e ao estatuto do enunciador e do coenunciador trazem à superfície discursiva a imagem de um corpo (identidade) que fala e que busca adesão (poder simbólico). A dêixis enunciativa (historicidade da imigração italiana) fornece pistas para entender as estratégias de legitimação lançadas na enunciação como elementos da cenografia.

Esta dissertação se desenvolveu com vistas a responder a seguinte problematização: a cenografia e o ethos discursivo, constituídos no discurso das mulheres da imigração italiana em Nova Prata, revelam as manifestações culturais e a identidade dessa comunidade discursiva? Três foram as hipóteses elaboradas para guiar nosso trabalho. A primeira delas afirmava que o estudo da cenografia e do ethos permite vislumbrar as interferências da cultura da colonização italiana em Nova Prata, no sistema de restrições semânticas, bem como identificar a materialização das manifestações culturais no discurso dessa comunidade, acessados pelo viés do discurso das mulheres no contexto da imigração italiana. Os resultados obtidos apontam para o fato de as manifestações culturais serem acessíveis no discurso e que, portanto, a estruturação de um sistema semântico global está a serviço de um sistema de representações simbólicas. O discurso das mulheres não é apenas onde se apreendem as características culturais da italianidade, mas é onde se vivem cada uma das facetas culturais impostas por esse sistema.

A hipótese seguinte sugeria que o quadro teórico-metodológico, com base em Maingueneau (2008a, 2008b, 2008c), possibilitaria estudar as marcas identitárias e as manifestações culturais por via do discurso. Corroboramos que a investigação dos planos constitutivos do discurso nos permitiu acessar desde as peculiaridades mínimas até as movimentações globais da identidade e da cultura da italianidade e que, dessa análise, apreendemos uma cenografia fortemente ancorada em valores culturais e um ethos comprometido com as imposições do poder simbólico por meio da preservação das tradições.

A terceira e última hipótese supunha que as práticas discursivas das mulheres da imigração italiana em Nova Prata apresentam cenografias específicas dessa comunidade discursiva e instauram um ethos que é legitimado pela temporalidade da colonização nessa região. Ratificamos que a cenografia insistentemente construída para a legitimação da enunciação das mulheres na imigração italiana é aquela que monta o cenário de trabalho, de escassez de recursos e de determinação. Para reforçar essa cenografia, a enunciação recorre aos aspectos de validação fornecidos pela dêixis fundadora. Portanto, sim, a temporalidade demarcada no passado histórico é um dos elementos de legitimação da enunciação. O ethos depreendido dessa enunciação deixa perceber um comportamento da mulher comprometida

com o progresso da comunidade. A imagem que constrói de si é dependente da cenografia de trabalho. A atividade humana como recurso de sobrevivência é uma maneira não só de ocupar o espaço, mas de respirar, de viver. O fiador elaborado por esses índices é o de indivíduo cultivado pelo trabalho tanto quanto a terra cultivada pela cultura.

Após esclarecermos o problema e infirmarmos as hipóteses de pesquisa, o objetivo geral foi analisar as práticas discursivas das mulheres da imigração italiana em Nova Prata e região, buscando compreender as manifestações culturais como elemento da cenografia enunciativa e a construção da identidade como imagem de si, através do *ethos* discursivo. As manifestações culturais aparecem, especificamente, como a costura de gala num tempo em que os recursos pouco permitiam a sofisticação, o trabalho pesado como forma de reverter a situação de pobreza, o seio familiar como forma de garantir a ascensão social, o casamento como símbolo de validação perante a comunidade, o apego à terra como sentido da vida, a propagação dos símbolos culturais de fé e religiosidade como condição para a satisfação pessoal e a necessidade de instaurar um tempo e um espaço em que o imigrante seja glorificado por seus feitos. Essas características culturais são materializadas na cenografia enunciativa por estarem afinadas ao domínio ideológico dessa cultura. Resultante do movimento enunciativo dissecado pelos planos da semântica global, a imagem do enunciador-mulher revela um *ethos* puritano, que defende sua cultura como forma única de habitar o espaço, um *ethos* que abre os sulcos da própria existência enunciativa para lançar as sementes dos bens simbólicos como forma de cultivar seu sistema cultural e de posar com uma identidade venerável pelos feitos bravios.

Na configuração do marco teórico, este trabalho contou com os estudos sobre a cultura, manifestações culturais e representações simbólicas a partir de Bosi (1992), Bourdieu (1974, 1989), Burke (1992, 2008), De Certeau (1994, 1995), Geertz (2008), Hirschkop (2010), Laraia (2006) e Levi (1992). As implicações e postulados sobre a identidade fundamentaram esta dissertação os estudos de Bauman (2005), Canclini (1995), Hall (2006, 2013), Lacapra (2010), Silva (2013), Woodward (2013). O dispositivo teórico-metodológico que versa sobre os planos da semântica global, a cenografia enunciativa e o *ethos* discursivo foi um empréstimo de Maingueneau (1984/2008a, 1987/1997, 2000/2013), enriquecido com alguns estudos de Amossy (2008a, 2008b), Facin (2012), Freitas (2010, 2011).

A metodologia que guiou nosso fazer científico classifica esta pesquisa como exploratório-descritiva, de ordem bibliográfica e documental e abordagem qualitativa. Os procedimentos metodológicos resultaram na elaboração de um dispositivo de análise que esquematiza as categorias teóricas de manifestações culturais, identidade, poder simbólico,

semântica global, cenografia e ethos discursivo. Após as análises, elaboramos dois quadros-síntese para melhor visualização das categorias analisadas. O primeiro esquema (Quadro 8, capítulo 4, seção 4.5) expõe sobre os planos da semântica global no discurso das mulheres da imigração italiana em Nova Prata; o segundo quadro (Quadro 9, capítulo 4, seção 4.5) sintetiza as principais características da cenografia enunciativa e dos éthe discursivo enquanto fiador do discurso da italianidade. Esses dois quadros atendem aos objetivos específicos motivadores desta dissertação, quais sejam: verificar as práticas discursivas que se constroem a serviço das manifestações culturais vinculadas ao espaço discursivo da imigração italiana e à figura da mulher. Nesse ponto, percebemos que as práticas discursivas das mulheres que versam sobre a trajetória histórica da imigração e sobre o trabalho como missão de vida são aquelas nas quais mais se percebem manifestações da cultura. Mapear a construção das cenografias enunciativas que simbolizam no discurso as manifestações culturais da comunidade discursiva de Nova Prata é o segundo objetivo específico e pôde ser comprovado na elaboração do Quadro 9. As cenografias recorrem ao trabalho na lavoura, à sala de aula, ao ambiente da pedreira, da costura e à cozinha, ou seja, a cenografia de legitimação é ao que reconstitui a oficina de trabalho. O terceiro objetivo consistia em averiguar os enunciados que caracterizam traços identitários na constituição do ethos discursivo das mulheres da italianidade.

O indivíduo que costura vestidos de casamento, que confeitava bolos de casamento, que cria os filhos na sombra das plantas, que acorda pensando em trabalhar e que faz parte da liturgia da comunidade, constrói a imagem de um indivíduo preocupado com a estruturação da comunidade e com a preservação dos bens simbólicos. Essa imagem revela um ethos agradecido a Deus por ter condições de atender às expectativas impostas por sua cultura.

A dissertação foi estruturada em dois capítulos teóricos. O primeiro capítulo (capítulo 2) expõe sobre cultura como rede semiótica e maneira de ocupar o espaço e identidade como lugar discursivo construído pelo sistema de representações simbólicas. O capítulo seguinte (capítulo 3) expõe sobre as concepções a semântica global e os planos constitutivos do discurso, com direcionamento para a cenografia e o ethos discursivo. O capítulo 4 apresenta um breve histórico da imigração italiana em Nova Prata, dados sócio-econômicos do município, procedimentos metodológicos e a análise do vídeo documentário *Mulheres e Memórias* (2009).

Concebemos esse estudo como um empreendimento inacabado, pois o recorte discursivo, as mulheres, nos permitiu acessar apenas algumas facetas do discurso da imigração italiana. Nosso desejo era de tecer comparações com as práticas discursivas de

outros lugares discursivos (os homens da imigração italiana, as mulheres modernas oriundas da imigração, etc), assim como outros sistemas semânticos, como, por exemplo, o da imigração alemã. Gostaríamos também de analisar, numa grande temporalidade, a relação que se estabelece entre a presença do imigrante italiano com o negro recém-libertado da escravidão, a fim de interpretar discursivamente as implicações causadas pela substituição da mão de obra escrava pela mão de obra agrícola no período da imigração. Por ora, apresentamos os resultados garimpados como uma singela contribuição para os futuros estudos na perspectiva enunciativo-discursiva. As descrições discursivas de identidades legitimadas e de manifestações culturais podem ser entendidas como fatores a serem considerados no âmbito da competência discursiva, mas isso fica como sugestão para um próximo estudo.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado*: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado; tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro; introdução crítica de José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1995.
- AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de ethos à análise do discurso. In: _____. (Org.). *Imagens de si no discurso*: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2008a. p. 9-28.
- _____. O ethos na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In: _____. (Org.). *Imagens de si no discurso*: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2008b. p. 119-144.
- AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas*: as não-coincidências do dizer. Tradução Mónica Zoppi-Fontana et al. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. (VOLOCHÍNOV, Valentin. N.). A relação entre a infraestrutura e as superestruturas. In: _____. *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2009a. p. 38-46.
- _____. Língua, fala e enunciação. In: _____. *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2009b. p. 91-111.
- _____. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6a. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*: entrevista a Benedetto Vecchi; tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. São Paulo: Pontes, 1995.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Tradução de Sérgio Miceli, Sílvia de Almeida Prado, Sonia Miceli e Wilson Campos Vieira. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.
- _____. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomas. Lisboa: Difusão Editorial; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BURKE, Peter. Abertura: nova história, seu passado e seu futuro. In: _____. (Org.). *A escrita da história*: novas perspectivas; tradução Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 7-37.

_____. *O que é história cultural*; tradução Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BRUNELLI, Anna Flora. Notas sobre a abordagem interdiscursiva de Maingueneau. In.: POSSENTI, Sírio; BARONAS, Roberto Leiser. *Contribuições de Dominique Maingueneau para a Análise do Discurso do Brasil*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2008. p. 13-26.

CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro, RJ: UFRJ, 1995.

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre estudos culturais*. São Paulo, SP: Boitempo Editorial, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. Coordenação da tradução Fabiana Komesu. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____. *A cultura no plural*. Tradução Enid Abreu Dobránszky. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

DEPECKER, Loïc. *Compreender Saussure a partir dos manuscritos*. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FACIN, Débora. *O enlaçamento enunciativo de um ritual carnavalizado: cenografia e ethos discursivo em sambas-enredo de escolas carnavalescas do meio-oeste catarinense*. 2012. 119 f. Dissertação (Mestrado em Letras)– Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2012.

FARINA, Geraldo. *História de Nova Prata - RS*. Caxias do Sul: Educs, 1986.

_____. *Memórias do cotidiano*. Porto Alegre: Comunicação Impressa, 1987.

FIORIN, José Luís. O ethos do enunciador. In: MARCHEZAN, A. CORTINA, A. R. (Orgs.) *Razões e sensibilidades: a semiótica em foco*. Araraquara (SP): UNESP. 2004. p. 117-138.

FLORES, Valdir do Nascimento. O primeiro momento: pessoa e não pessoa. In: _____. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola. 2013. p. 87-125.

FREITAS, Ernani Cesar de. Linguagem na atividade de trabalho: éthos discursivo em editoriais de jornal interno de empresa. *Desenredo*, Passo Fundo, v. 6, n. 2, p. 170-197, jul./dez. 2010.

_____. Práticas de linguagem na atividade de trabalho: cenografia e ethos em discursos socioprofissionais. *Revista Latinoamericana de Estudos do Discurso*, Colombia, v. 11, n. 2, 2011. [s.p.].

FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. *Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Movimento, 1975.

FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. *Dialetos italianos: um perfil linguístico dos ítalo-brasileiros do nordeste do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: Educs, 1983.

GALEAZZI, Zaira. *O grande Prata e sua história*. Porto Alegre: EST, 1982.

GALEAZZI, Zaira. O violino do Fuá. In.: _____. *Sonho italiano: vinho e amor*. Nova Prata: Jornal Popular, 2013. p. 11-63.

GALEAZZI, Zaira. *100 anos da cidade de Nova Prata (1895-1995)*. [sine loco; sine nomine], [s.d].

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1. ed. 13. reimp. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 2008.

GHIDINI, Ophélia Sander. Homenageando os 120 anos da Imigração Italiana. In: GALEAZZI, Zaira. *100 anos da cidade de Nova Prata (1895-1995)*. [sine loco; sine nomine], [s.d], p. 201-202.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais*. Tradução Adelaine La Guardia Resende... et al. Belo Horizonte: Editoria UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DPEA, 2006.

_____. A redescoberta da 'ideologia': o retorno do recalcado nos estudos da mídia. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor (Orgs.). *Mikhail Bakhtin: linguagem cultura e mídia*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010. p. 279-329.

_____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 103-133.

HEBREUS. Natureza da fé. In: *Bíblia Sagrada*. 36. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1980. p. 1314-1316.

HIRSCHKOP, Ken. Bakhtin, discurso e democracia. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor (Orgs.). *Mikhail Bakhtin: linguagem cultura e mídia*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010. p. 93-127.

IBGE. *Nova Prata: síntese de informações*. Disponível em:

<<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=431330&idtema=16&search=||s%EDntese-das-informa%E7%F5es>>. Acesso em: 23 jun. 2015.

LACAPRA, Dominick. Bakhtin, o marxismo e o carnavalesco. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor (Orgs.). *Mikhail Bakhtin: linguagem cultura e mídia*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010. p. 149-184.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 20. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*; tradução Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p.133-161.

MAINGUENEAU, Dominique (1987). *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Tradução Freda Indursky. Campinas: Pontes; Ed. da Unicamp, 1997.

_____. (2000). *Análise de textos de comunicação*. Tradução Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. (1984). *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.

_____. (2005). Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Tradução Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2008b. p. 69-92.

_____. (2006). *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008c.

_____. *Doze conceitos em análise do discurso*. Tradução Adail Sobral et al. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

_____. (2000). *Análise de textos de comunicação*. 6. ed. Tradução Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2013.

_____. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Org.). *Ethos discursivo*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 11-30.

MIGUEL, Iranilde Ferreira. *Gênero, pentecostalismo e formação de professores na construção da cidadania: as professoras da Congregação Cristã no Brasil*. 2008. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação)– Universidade Estadual de São Paulo, Presidente Prudente, 2008.

NOVA PRATA. *Histórico*. Nova Prata: Administração Municipal 2013/2016. Disponível em: < <http://www.novapratars.com.br/site/sobre.php#conteudo>>. Acesso em: 23 jun. 2015.

POSSENTI, Sírio. Um dispositivo teórico e metodológico. In.: POSSENTI, Sírio; BARONAS, Roberto Leiser. *Contribuições de Dominique Maingueneau para a Análise do Discurso do Brasil*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2008. p. 201-212.

PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. – Novo Hamburgo: Feevale, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo, SP: Cultrix, 2006.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA DE NOVA PRATA. *Mulheres e Memórias*. Nova Prata, RS. 2011. 1 vídeo.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____ (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 73-102.

SOBRAL, Adail. O Ato “responsível”, ou ato ético, em Bakhtin, e a Centralidade do Agente. *Signum*, Londrina, n.11/1, p. 219-235, jul. 2008.

WOODWARD, Katheryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 7-72.

XERRI, Eliana Gaparini. *Nova Prata: uma incursão na história*. Caxias do Sul: Educs, 2004.

ANEXOS

ANEXO A

Município de Nova Prata
Administração Municipal 2009/2012
Secretaria Municipal de Educação e Cultura
Museu Municipal Domingos Battistel
APRESENTAM: MULHERES E MEMÓRIAS

1ª Entrevista: Clessi Regina Colla – Costureira e estilista

A história é bem interessante, porque eu não queria, por exemplo, na realidade ser costureira. E foi uma senhora, uma professora que era de Porto Alegre. Ela...Ela se hospedou na casa da minha mãe e começou a lecionar corte e costura. E ela, nos fins de semana, ela ia, por exemplo, pra Porto Alegre e voltava na segunda-feira, mas já, por exemplo, num horário que, por exemplo, não podiam, por exemplo, ela não podia lecionar. E ela então, me dava umas aulas e dizia: “Olha aqui, então, na segunda-feira, tu me faz a gentileza de me dá essa aula pras alunas que aí elas não perdem, né”. E aí ela me disse: “Clessi, por que tu não costura?” e eu disse: “Ah! A última coisa que eu quero fazer na minha vida é costurar. Não quero ah... ser costureira”. Aí uma amiga minha que tinha feito corte e costura me disse: “Não, tu vai fazer um traje pra mim.” Eu disse: “Tah louca, Geni.” Disse “Eu não quero, eu não sei fazer.” “Não, tu vai fazer.” E aí ela foi eleita ah... rainha do clube. Ela me disse “tu vai fazer o meu vestido de gala.” Disse “e agora?” Disse “Eu não, Geni, eu não tenho, eu não tenho capacidade de fazer, nunca fiz um vestido de gala.” “Não tu vai fazer.” Aí ela foi pra Porto Alegre, conseguiu um estilista, ah... desenhou o tal do vestido e eu fiz o vestido, e aí começou minha carreira e graças a Deus eu me dei super bem com a minha profissão porque naquela época não tinha confecção, né. Era, era tudo feito, por exemplo, ah, em costureiras, né. E aí a gente, aí eu comecei e acabei gostando, né. E, e, eu amava mesmo o que eu estava fazendo. Fazia com amor, e procurava sempre...ah... agradar as minhas freguesas da melhor forma possível.

O que eu mais sinto, por exemplo, é não ter fic... ah, por exemplo, eu devia ter cobrado de cada freguesa porque eu fiz vestido de noiva e de... e de gala... ter ficado com uma fotografia. Porque eu tinha então, eu teria uma história muito ah.... significativa na minha vida. Se vou te dizer o número de vestidos de noiva e de gala que eu fiz, eu não saberia. Eu não

saberia porque foi assim um período, por exemplo, uns cinquenta, cinquenta e poucos anos porque eu costurei mais de cinquenta anos. Então foi, ah... se eu te digo que eu fiz ah.... mil, eu minto. Eu tenho a impressão que eu fiz muito mais.

2ª Entrevista: Leondina Petrykoski – extratora de basalto

Se a gente era pobre, não, não tinha de onde ganha daí eu, tinha essas pedreiras ali, o meu tio Pedro, ali, ele disse “Vamo cavucá aqui que tem uma pedreira eu acho, ali” Daí nós começamos a cavocar com carriola, tirar o podre pra achar o basalto, né. Daí, começamos, fomos indo, e eu gostei de do serviço, fui trabalhando sempre assim. Quando eu levantava eu só pensava de ir arrancar um prancha boa e corta ela assim, não quebra pra fazer retalho. Os motoristas que vinham carregar os meus retalhos, eles sempre diziam “Eu quero carregar esse da Leonda que é bonito, grande” Porque daí eu tirava mais retalho. E eu ficava faceira daí. E sempre no meio dos homens porque...rsrs, mas sempre foi respeitada, nunca, nunca assim, pra dizer que oh... eu um gostava, outro não. Eu me sentia feliz lá. Levantar de manhã cedo e ir, e assim, é, fazer a comida pra mim e pra, e pra neta e pra filha que trabalhava na firma e ir atrás de criação pra depois na pedreira. E eu tava participando também da casa do idoso da terceira idade, eu ia nas praia e agora, agora que eu não fui, assim... Tô meia parada por causa do meu irmão, mas senão quando melhorar, se vão pra praia esse ano eu vou. Saudade de ir pra praia... com as amigas lá. A gente vai nos bailão lá, vai na praia, vai se divertir. Depois, tem bastante amiga, são tudo as amigas, que tu visse que amigas que a gente tem lá.

3ª entrevista: Ancila Lurdes Barbiero – estilista e cabeleireira

Sempre tive, sabe, uma missão de pintar unha, de, sabe... e aí depois de tanto tempo eu comecei a fazer unha pras, pras minhas tias, pro pessoal de casa, pras vizinhas e até que um belo dia eu tive um convite pra trabalhar com uma, com uma colega. Comecei a fazer unhas em uma máquina de costuras, coisas emprestadas e assim fui indo. Minha família era, era humilde. Meu pai tinha terra, sim, mas é... trabalhava na colônia, sabe? E o meu pai não aceitava que eu trabalhasse fora de casa, aí eu tentei, sem a vontade dele, eu saí de casa pra trabalhar. Com vinte e sete anos eu comecei. E não me arrependo. O que eu fiz eu acho que valeu.

4ª entrevista: Líbera Guadagnin – agricultora

Quando que eu acordo, levanto, tomo meus remédio, depois vou da comida pros pintinho, ajuda a nora a traze os bicho. E depois a gente entra, toma um lanchezinho, depois vou carpi na horta, carpi na lavoura, ali, e indo.

Eu nasci no ano de 1930. Casei em 1950. Quando que fazia 50 ano que tamo casado, então fizemo as Bodas de Ouro. E agora ele faleceu, senão fazia de, de, de 60 ano, né. Ele morreu ano passado. Eu gostava de deixar meu marido sempre alegre. Sempre aprontava as coisinhas boas pra ele. Nós ía carpi, até três ano atrás, nós ía carpi um pedacinho de manhã na roça, daí eu digo: “Nono, senta ali que eu carpí, eu carpo pra tu também.” Ele tava faceiro, depois deu o câncer e em seis mês ele morreu.

Teve seis filho, acredita? Um atrás do outro. Cada dezoito meses um. Então ía trabalha lá naquele chato que se vai lá na cascata. É chato lá, né? Então eu me trazia eles junto. Os meus filho, pra bem dize a verdade, foram criado na, na roça, na sombra das plantas. E quando que chovia, nós plantava trigo, plantava soja, e quando chovia que... garoava, sabe garoa, então nós levava a carroça na roça e dois pau grande e uma lona por cima e nós botava os piazzinho dentro lá. Quatro, porque a guria que mora ali ela nasceu aqui. Então eles não se cutucava, não chorava, não se... não brigava. Fazia uma festa ali embaixo daquela lona. Se, se é agora eles se mata a metade. Onde que eu ia me levava sempre junto. Então era um, um me puxava pra saia, porque eu não acostumava a calça comprida, outro a cavaloto, assim, e outro no ventre, e vai indo assim. Sempre criei meus filho sempre com alegria e amor. Pra mim foi uma vida muito querida. É. Sempre me deu com as vizinha, por Jesus Cristo. Com tudo mundo me do. É

5ª entrevista: Inês Zanetti Prescendo - professora

Eu iniciei a leciona, trabalha foi na Fazenda da Pratinha, na Escola Doutor Getúlio Vargas, no ano de 1966. Trabalhei lá dois anos, com primeira série e depois eu casei com o Romano Prescendo, né, e daí eu vim mora aqui na localidade de São Roque, em 68, daí eu comecei a trabalhar aqui. Na escola a gente tinha que cuida de tudo. Nós tínhamos jardim e, houve uma época nós tínhamos até horta, tinha que fazer a limpeza, né. Faxina era por nós mesma. Os alunos ajudavam. Inclusive teve anos que ainda hoje eles comentam comigo que os meninos me ajudavam. Naquela época a gente tinha que lavar vidros, passar cera, porque a gente não... Quando não tinha meninas os meninos inclusive me ajudavam. Eles colaboravam

muito comigo. Uma coisa também hoje que eu achei que também boa que já os alunos eles não têm mais... A professora não tem mais todas as séries, ela cuida só de uma série, que as crianças vão pra cidade, né. Quanto naquela época a gente não era fácil porque tinha poucos alunos, sim, quatro, cinco, três, quatro de cada série, mas tinha que... o conteúdo tinha que ser de cada série, né. Então a gente tinha que trabalhar, assim... Não era fácil, porque tinha que atender todos. Agora os alunos colaboraram com a gente, eles ajudavam. Tinha que pedir ajuda mesmo porque, senão, às vezes eles cuidavam das panelas, inclusive. Cuida. A gente preparava eles iam lá ajuda. Muitas vezes eles me ajudavam até cortar tempero. Me lembro.

A gente ouviu colegas falar os alunos não tem mais muitas vezes respeito e nem não valorizam mais muito o professor, que a gente, eu acho, quando é valorizado... Não é só a parte econômica, só o dinheiro. Hoje em dia também a pessoa tem que ser valorizada. A pessoa tem que ser valorizada, gratificada. Também, inclusive com os pais, aqui, Graças a Deus, eu sempre, eles sempre colaboraram comigo. Inclusive a gente fazia festinhas. Porque eles não davam tudo que nem hoje tem tudo. Teve uma época se a gente queria comprar, nós comprava armários, mimeógrafos naquela época. A gente fazia festinhas todos anos, uma festinha pra escola. O que visava aquele lucro era pra comprar... adquirir coisas pra escola, né.

Me sinto muito feliz e tenho muitos meus alunos que eles me dizem hoje: “Graças a você, professora que hoje eu sou o que eu sou.” Tem muito camioneiros, inclusive. Outras profissões também, a gente encontra hoje, muitos e muitos dos meus alunos eles me agradecem e eu fico muito contente, muito feliz e me sinto assim, atééé... uma certa gratificação, porque a gente vê que, então, a gente fez alguma coisa... na vida, né. Que a gente foi útil na vida um pouco, um pouco, né. Que a gente ajudou. Ajudou, inclusive, o nosso município, porque eu sempre trabalhei aqui no nosso município. Eu não sou rica nem hoje, mas pra viver deus, eu sempre digo que a gente não leva nada desse mundo. A gente, eu acho, que leva mais as boas ações que você faz do que... a riqueza que você deixa, porque... a gente não leva nada desse mundo. Inclusive, até hoje eu participo na comunidade, já muitos anos eu participo na liturgia, sou ministra da comunidade, também. Ainda hoje eu colaboro na comunidade. Eu digo, até que eu puder... Eu estou sempre a disposição aí, ajudando, né. Porque sei cada vez mais que a gente, com a idade a gente está vendo que a gente leva o que faz de bem.

Me formei, ah... em sessenta e nove e comecei a trabalhar com um contrato fechado no Pará. Trabalhei seis meses lá, depois eu comecei a trabalhar pelo município de Nova Prata. Trabalhei em várias escolas, trabalhando ah.... também em séries multi.... multisseriadas e depois, em... mil novecentos e oitenta e cinco em comecei a trabalhar no presídio estadual de Nova Prata. Não... Mil novecentos e oitenta e dois. Oh... No início eu não queria começar trabalhar lá, porque eu me sentia assim... eu achei que era um trabalho que eu não ia conseguir, porque eu achava que fosse uma coisa difícil. Porque a gente não... não tinha conhecimento do que que era o trabalho com pess... com detentos. Nos primeiros dias foi muito difícil, mas com o tempo eu fui acostumando e o trabalho começou a ser maravilhoso. Tem, tem bastante problemas. Tem dias que a gente se sente assim... ah... uma certa inseg... ah... sempre meia insegura porque tu não sabe o que, ah... a gente não sabe o que que vai acontecer. Muitas vezes, assim, teve certos problemas e... mas, daí... nós tínhamos um administrador maravilhoso, que era o seu João Nunes. Quando ele tinha um problema, ele... logo chamava a professora e dizia “Oh, professora, você não vai poder trabalhar... hoje porque... tem um problema”. E eu dizia “Não, eu tô aqui, eu quero dá aula, porque o meu... o meu objetivo é chega aqui e dá a minha aula”. Quem me deixou assim foi um aluno, é... que entregou, né. Porque ele chegou e disse pra mim “Professora” E eu comecei dá aula e explica. Ele disse “Professora, você... Eu não vou fazer esse teu trabalho, não” Uma cara bem assim. Daí eu disse assim “Meu Deus, né!” Daí ele disse assim “Professora, eu não vou fazer”. Mas com, ele era horrível de se vê. E eu abaixei a cabeça e virei e pedi “Meu Deus, me ajude” Que que eu vou fazer? Eu voltei e disse “Oh, você não é obrigado”... Ele falou “Professora, chega aqui” e eu cheguei e ele disse “Hoje eu quero aprender, é com a senhora que eu quero aprender porque até hoje...” ele disse assim “Todo mundo me obrigou a estudar e você soube me levar a... a... a te amor e eu quero aprender”. Esse rap... Esse homem, ele... depois desse dia, ele foi, se tornou assim, ele cuidava da sala de aula, cuidava pra que todo m... bom eles eram... são bastante respeitosos. Ninguém falta com respeito. Daí ele, desse dia então... ele não sabia nada, nem pegar no lápis, nada, ele tinha a mão... dura, sabe? Ah.... Não sabia... E ele começou, e ele teve, e foi com o tempo, e ele começou a escrever e ah... tu visse a alegria dele, o entusiasmo que ele passava e ele dizia “Professora, meu Deus, você foi a única que me fez... porque eu ia pra escola só pra comer merenda”. Tinha jovens e tinha os idosos ah... os jov... os que tinham dificuldade, que tavam aprendendo, que eram bastante idosos, eles.... ah.... diziam assim “Profe, olha hoje eu não tô conseguindo A...” eu gostava do termo “ACOLHERAR” eles diziam, daí eu dizia “Juntar as letras”. Aí tive uns senhores bem idosos,

até de sessenta, de oitenta anos. De oitenta eles, sabe, era b... Eu tive uma vez de oitenta anos, agora, ultimamente. Mas eles tinham bastante dificuldade e as mãos duras, calejadas, né.

Foi um trabalho... assim... hum... gratificante. Eu me sentia hum... muito bem lá porque você via resultado, muito resultado. Queriam aprender. Ah... te passavam, eles passavam tudo que eles sentiam. Alegrias, tristezas. Isso aí te deixava também bastante alegre. Tanto é que... eu, assim, senti, ao terminar, sabe, eu senti de deixar lá. Eu trabalharia até ainda... ah... gratuitamente pra passar umas horas lá, sabe, porque é... Tu se sente bem lá, sabe. É bastante gratificante.

7ª entrevista: Lourdes Maria Lorenzini Soares – doceira

Eu comecei num casamento foi do Fássio Betin com a, com a... aí... Do Fássio Betin. E, eles tavam precisando de alguém pra ajudar e eu me ofereci. È, eu tinha doze anos, treze anos. E daí começou aquela vontade de cada vez fazer mais e mais e mais. O primeiro bolo de noiva, eu fiz do seu Antônio Manfredi, que saiu mais torto do que direito...rsrsrs. Salgado, essas coisas. Eu aprendi... vendo os outros, né... Olhando... Observando. E os docinho que eu fui o mais, o que eu mais fiz na vida eu fui aprende em Porto Alegre, né. E daí por diante toda semana eu tinha cinco, seis mil docinho pra fazer. Toda semana. Mandeí doce pros Estados Unido. Mandeí doce pra Polônia. Mandeí doce pra Itália. Mandeí doce pros... pros árabe. Tudo mundo que vinha aqui queria leva os doce. Quando casou o... a filha do Cavedon, a mais velha eu estava, tinha uma viagem marcada pra Bahia, mas... a viagem era de oito dia, né. E, nós fomos p... pra Bahia, fiquemo lá até no domingo. Na terça-feira chegamos em, no Rio de Janeiro. Aí, na quarta-feira eu perguntei pra turma “Quando é que vocês vão... vão chega em casa” “Só sexta a noite”. Eu disse “mas daí eu não posso. Eu, quinta-feira, tenho que tah em casa”. Quarta-feira me... de manhã, às oito hora, peguei o ônibus ch... saí do Rio de Janeiro pra vim fazer o buffet pra filha do Cavedon. Tud... eu fazia tudo na mão. Até que abriu a Comage, que era as Colombo, né. O nome da... da... das Colombo quando que iniciou era Comage. Eu comprei uma bateadeira usada, pequenininha, que durou dois meses. Pra mim pode bate bolo. Aí... num deu, porque quebrou de, eu fazia muito, lotava muito, batia de mais, né. Cheguei fazer duzentos bolo num fim de semana, pro Natal, sozinha. Foi bom pra mim uns vinte anos. Eu, eu era, era só eu que fazia. Fazia doce pra Passo Fundo. Vinha pedido de Marau, de Passo Fundo, de Bassano, Lagoa Vermelha, Veranópolis, Bento. Eu fazia doce pra t.... quase toda a redondeza. Que o meu doce é um doce diferenciado. Ninguém mais f.... agora começaram fazer. Tem muita gente que faz, né. Mas naquela época ninguém far... fazia.

Galinhas, essas coisas, né. Muito, muito, muito, muito. Muito doce. Ih!, a semana que eu tinha pouco era dois mil, três mil. Fazia muito doce pra leva pra... pra fora, né. Só sei dizer que o... que eu alevantava ah... ia dormir às dez e levantava às duas pra trabalhar, pra poder dá conta, né, do que eu tinha pra fazer. E continuei fazendo doce, até hoje eu tô e fico mal quando não tenho pra fazer.

8ª entrevista: Francisca dos Santos Menezes – benzedeira

Então, no momento que eu tô benzendo a pessoa eu acendo a vela, que daí a vela alumina, vai iluminando os caminhos da pessoa e... e a pessoa se sente bem, né. E a cinza. Então eu benzo com a... pra benzê a terícia, também, das pessoas que vem aqui e corta também d... as bicha, então eu tenho um copo de água que eu pego uma linha, um carretel de linha branca e aí eu boto a água, por exemplo, num copo ali e... e benzo com a linha depois eu corto, tudo a linha no copo com a água e f... e a gente quando ela se tá com as bicha muito mexida, muito braba, alguma coisa, né. E depois a pessoa se sente bem, daí.

Comecei meia nova ainda, deveria ter uns... uns trinta ano, acho, quando comecei a aprender a... a benzedura. E tinha minha mãe que benzia bastante também. Tinha minha, minha vó e... depois tive muitas amigas aqui no Prata também depois que vim mora aqui, e aí eu pedia pra elas me benzê eu com voz meia arta pra mim aprendê, né. Aí, foi indo, fui aprendendo muitos benzimento, que aprendi a benzê de... de reindidura, assim, de... de quebrante, de... das bicha, dum mal, por exemplo, assim, dum mal jeito que dizem que é... é dado, é um rendido, que dizem as pessoa, né. E... e assim, do reumatismo, do ciático. Assim, um... um monte de... de... de benzimento que eu aprendi, assim também, vendo as outras pessoas benzê, né. E aí continuei a benzendo. Graças a Deus todas as pessoas que tenho benzido já... sempre tem melhorado. Nunca ninguém veio dizer “Não fiquei bem com o teu benzimento”. Assim, tenho muita fé nos meus santo, também, Nossa Senhora d’Aparecida, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Anjo da Guarda, Menino Jesus de Praga, Divino Pai Eterno, Divino Espírito Santo, São Jorge Cavaleiro. Tudo santo que eu... que eu chamo assim na hora que eu tô benzendo as pessoa, né, pra eles me darem uma força. É, até mesmo um tempo que eu trabalhava na Prefeitura, também, foi naquelas época lá. Mas assim mesmo vinha muita gente as vezes por lá. Dava as furadinha por ali, benzia eles, saiam correndo e iam embora porque em casa nunca me achavam quase, era só na hora do meio dia ou de noite, porque eu saía sempre de manhã. Aí agora depois que eu me aposentei então daí eu paro mais em casa daí é mais fácil também, o pessoal vem mais a vontade, também.

Então, assim, eu acho que essas coisas boas que eu tenho feito eu gostaria, se fosse possível, voltaria a fazer tudo de novo. É. Porque é uma coisa assim que não, não, não é uma coisa de mardade. Nada de mardade pra ninguém. É tudo uma, uma coisa bem, bem feita que a gente faz pra, pra ajuda da pessoa, né. Então, eu também, sempre penso assim que, se eu encontra uma pessoa também que me faça bem pra mim, como tenho muitas pessoas que tem vindo aqui até, assim, com um pouco de depressão, vem, chegam aqui chorando e tudo e, depois, no dia seguinte, já vem bem contente, bem alegre. Então, eu me sinto muito feliz, muito bem, sabe, assim. E agradeço a Deus todos os dias pela ajuda que Ele me dá também pra mim ajudá a curá as pessoas, né. Porque a gente também tem que p... tem que sabe que na frente é Deus em primeiro lugar, e depois nós. Com a ajuda Dele nós fizemo muita coisa. A gente tendo bastante fé e esperança das coisa a gente arcança muita coisa.

Após as entrevistas o vídeo apresenta alguns dados do IBGE 2010 em relação à figura da mulher. Os dados são apresentados em fonte de cor branca num fundo preto. Intercalados aos dados, figuram alguns depoimentos marcantes das entrevistadas ao som de piano como música de fundo.

“Segundo IBGE 2010, o Brasil tem 4 milhões de mulheres a mais do que homens.”
Clessi Regina Colla: Mas, graças a Deus, eu... eu me sinto realizada pelo que eu tenho feito.

“A mulher representa 41% da força de trabalho no Brasil.”
Leondina Petrykoski: Quantas vezes eu sonho ainda agora pra ir trabaia.... (risos)

“Mas ganha 30% menos que os homens”
Ancila Lurdes Barbiero: Eu gosto o que eu faço e... e... eu sinto muita falta disso se um dia eu pará.

“... e ocupa apenas 24% dos cargos de gerência.”
Líbera Guadagnin: É que a gente fazia o serviço com amor, é... então a gente não sofre né.

“Apesar das desiguais estatísticas.”
Lourdes Maria Lorenzini Soares: Eu acho que eu sinto falta do serviço, né.

“Elas estão conquistando seu espaço na sociedade”

Inês Zanetti Prescendo: Foi, acho, a profissão que eu escolhi. Eu amava, amava muito meus alunos e gostava de me dedica. Muito, muito de me dedica.

Em 2010 o Brasil elegeu sua primeira presidente mulher.

Cecília Rosa Lanzarini: quando eles te dão um resultado bom que tu sabe que eles vão fica preparados pra sociedade, você sabe que tu tá passando isso pra eles, tu se sente muito feliz, muito feliz mesmo.

Francisca dos Santos Menezes: Graças a Deus, até hoje, tô continuando ainda e espero a continua até os últimos dias da minha vida. O que eu pudé ajuda pra pessoas eu que tê a graça de... de ajuda as pessoas também.

“A mulher, cada vez mais, vem abandonando a posição de espectadora...”

“para tornar-se sujeita de sua História, de suas Memórias, de sua Vida!”

Município de Nova Prata/RS

Secretaria Municipal de Educação e Cultura

Museu Municipal Domingos Battistel

Vítor Antonio Pletsch

(prefeito)

Volnei Minozzo

(vice-prefeito)

Rosemari Polesello Garda

(secretária de educação e cultura)

Eliana Capellari Nedel

(dirigente cultural)

Sandra Sbroglio

(diretora do Museu Domingos Battistel)

Agradecimentos Especiais

Ancila Lurdes Barbiero

Cecília Rosa Lanzarini

Clessi Regina Colla

Inês Zanetti Prescendo

Leondina Petrykoski
Líbera Guadagnin
Lourdes Maria Lorenzini Soares
Francisca dos Santos de Menezes
Clarisse Chiomento

Bibliografia

Censo 2010
(Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)

Imagens

Cassiano Miglia Vacca

Texto

Cassiano Miglia Vacca

Música

Falar de Amor (Quarteto Jobim – Morelembaum)

As One (Free Play Music)

Este video foi produzido para exibição durante as programações da 5ª Primavera dos Museus
(Mulheres, Museus e Memórias)

Saiba mais em:

www.museudomingosbattistel.com.br

www.smeconp.com.br

Produzido e Editado em Nova Prata/RS